

REVISTA

DA SEMANA

N. 47 24-11-56 C\$ 7,00

**FRACASSOU O PRIMEIRO
MINISTÉRIO JUSCELINO**

MARIA MONTEIRO: RAINHA AOS 16 ANOS





Gary Cooper (aos 50 anos) faz regime para parecer galã

● Não é para se manter em forma como grande conquistador internacional, que Gary Cooper mergulha os pés num banho de vapor. São as exigências do estúdio para o seu novo filme. Billy Wilder (o produtor) exigiu que Gary Cooper (aos 50 anos) aparecesse como um rapaz de 25. E o velho

Gary Cooper, agora transformado em personagem de um romance de Claude Anet, se submete dócilmente. Durante uma semana o velho "astro" do cinema ouviu as zombarias de seus colegas, que o apelidaram de "Don Juan do século XX".

Ano 57 — Nº 47 — Rio de Janeiro — 24/11/1956

DIRETOR Hêlio Fernandes

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira, Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ribeiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Jamais Teremos Água no Distrito Federal	4/7
O Papa Abençoa a Multidão	16/17
No Concurso de Beleza	18/21
Fracassou o Primeiro Ministério	24/27
Que Acontecimentos	44/45
Fatos do Esporte	60/61

◆ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Pelas Esquinas da Noite	10/11
Cidade Nua	12
Literatura e Arte	28/29
Palavras Cruzadas	36
Por Esse Mundo de Deus	38/39
Recordações da Semana	40
Itinerário do Brasil	41
A Poesia do Tempo	42/43
Falando ao Leitor	49
Conversa de Mulher	54/55
Grand-Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco	63

◆ LITERATURA

Ressurreição	3
Namôro	50/51
O Homem e o Trapézio	12/13

◆ VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	14/15
Páginas do Galo Branco	46/47

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

◆ CAPA

Carol Homart (Kodachrome Paramount) — Especial para a REVISTA.

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....	J. M. Costa Júnior
Paginação.....	Victor Tapajós
Fotografia.....	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho.....	Alberto Lima
Laboratório.....	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

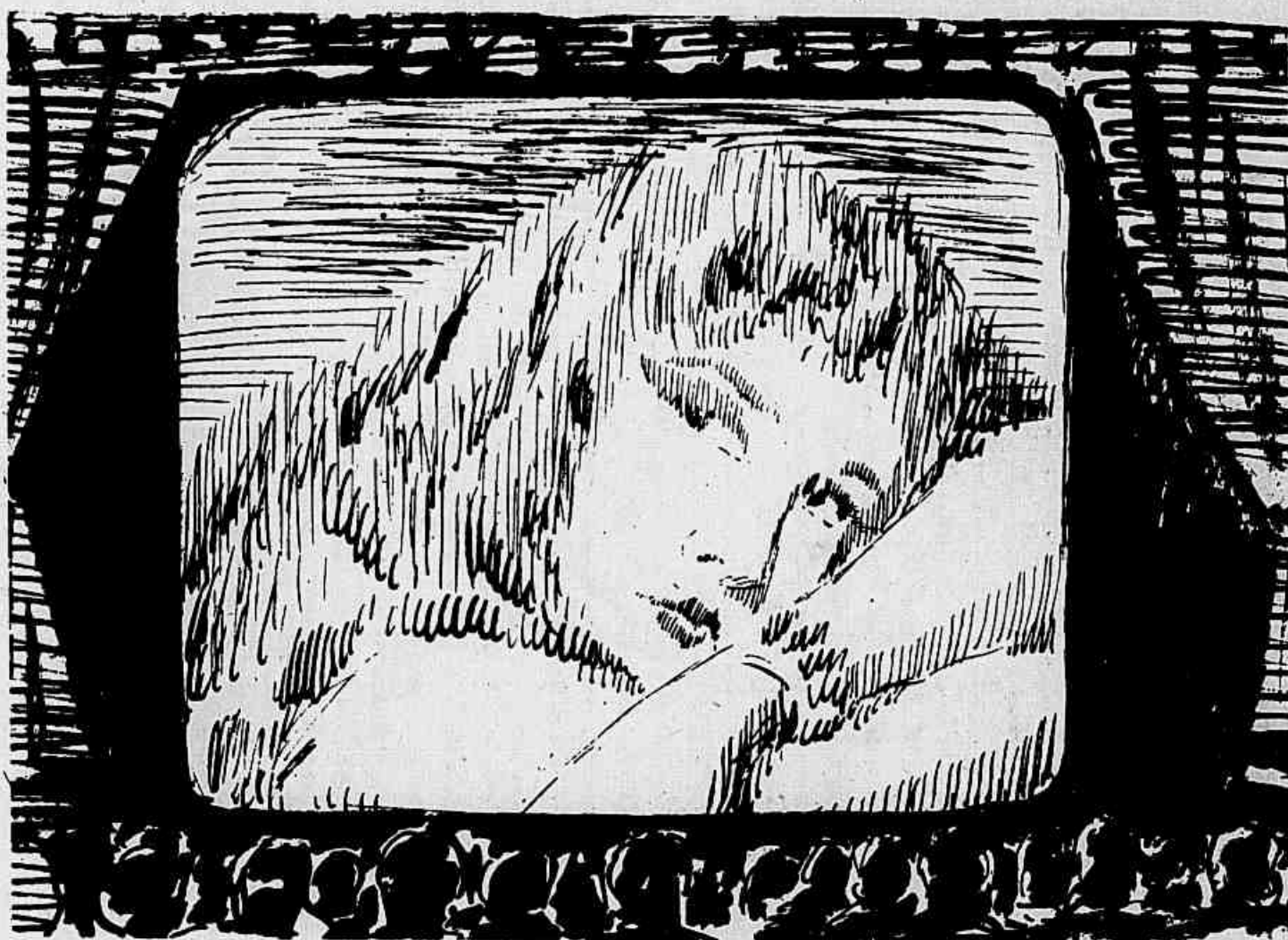
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



RESSURREIÇÃO

◆ Transmito aqui o espanto e ao mesmo tempo o entusiasmo com que vi, publicados em revistas e jornais, os retratos de uma senhora que conheci menina, tão menina que julguei já estivesse ela morta, como mortas estão as personagens de minha infância: minha mãe; a lavadeira Marcolina que me contava histórias de botos e iaras mostrando figuras em livros de Perrault; d. Emerenciana, aquela que cheirava a jasmim bogari e podia, com uma frase, resolver todos os mistérios do mundo, etc. Tantos, etc.

◆ Conheci Francesca Bertini num tempo em que laçarotes prendiam meus cabelos e meus joelhos atestavam um grande amor pelos saltos mortais; naquele momento ela era o ídolo de multidões, deusa do cinema mudo. Quando a vi pela primeira vez não lembro; naturalmente, naquele tempo ainda não havia a intervenção da polícia nem os dísticos: «proibidos para menores». Sei também que ela, se nenhum bem fez, também nenhum mal deu à minha vida, mesmo apresentando amores desregrados, dramalhões pungentes, grandes olheiras, caminhar arrastado de mulher má. Não teve nenhuma influência na minha vida de menina. Naturalmente sofri com os seus sofrimentos da tela, mas esquecia isso logo depois. Sempre vi as coisas (devo sempre agradecer à minha mãe esse preparo para a vida) pelos lados positivos; nunca me deixei influenciar por pessoas ou atitudes. Depois, havia um mundo tão meu e tão belo para eu viver que não seria uma longínqua e triste senhora italiana que me faria deixar os saltos mortais, a descoberta diária dos livros e a bruta alegria, essa mesma que teima em não envelhecer.

◆ Ora, Francesca Bertini que aparece nos retratos é uma moça, tão moça e tão bela como se fosse minha filha, ela que poderia ser minha mãe (eu não queria, ó, não). Está jovem, está louça. Olho minhas rugas, o cansaço de meus olhos, penso naquele poema tão bonito de Cecília Meireles e também me pergunto: — em que espelho terei perdido meu retrato? Mas fico também com uma bruta vontade de escrever uma carta para a artista italiana: — D. Francesca o que a senhora andou fazendo todos esses anos para ficar assim como está, tão jovem e bela? Ressuscitou? E a senhora mesmo, aquela senhora do passado que volta agora? Não pensem que tenho inveja de uma mulher que não envelheceu, creio mesmo que envelhecer é um bem, grande bem quando se ama a vida. O que vale é viver e isso vamos realizando tu e eu, leitora ou leitor, lutando terrivelmente para continuarmos olhando o sol, as pessoas que nos cercam, sentindo os problemas dos homens que são os nossos problemas, enfrentando as pequeninas e as grandes ações, lutando e lutando. Mas se não invejo a eternidade de Francesca Bertini, gostaria de saber o que ela fez para continuar como aparece nos retratos.

◆ Já sei: falarão em operações plásticas, em regimes e dietas, em coisas e coisas. Por mim podem falar à vontade, porque estou com um firme e seguro ponto de vista: Francesca Bertini ressuscitou e é esse remédio que eu queria conhecer, para não ressuscitar, mas para não morrer. A morte — digam o que disserem — é coisa terrivelmente chata.

ENEIDA

Com o Dr. Pereira Braga

JAMAIS HAVERÁ ÁGUA NO DISTRITO FEDERAL

UM MILHÃO DE CONTOS JÁ ESBANJADO PELO ATUAL DIRETOR —
COTRIM NETO: «O DEPARTAMENTO DE ÁGUAS É UMA ARAPUCA QUE
SÓ SERVE PARA TIRAR DINHEIRO DO CARIOCA». — GLADSTONE CHA-
VES DE MELO: «O DR. NEGRÃO NÃO TEM CORAGEM DE DEMITIR O DR.
BRAGA». — QUEM SUSTENTA O DR. BRAGA NA PREFEITURA? —
QUE MISTÉRIO SE ENCERRA ATRÁS DA ETERNA FALTA D'ÁGUA?

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de A. FERREIRA

Pereira Braga mostra na «maquette» a Es-
tação do Guandu, como deverá ficar depois



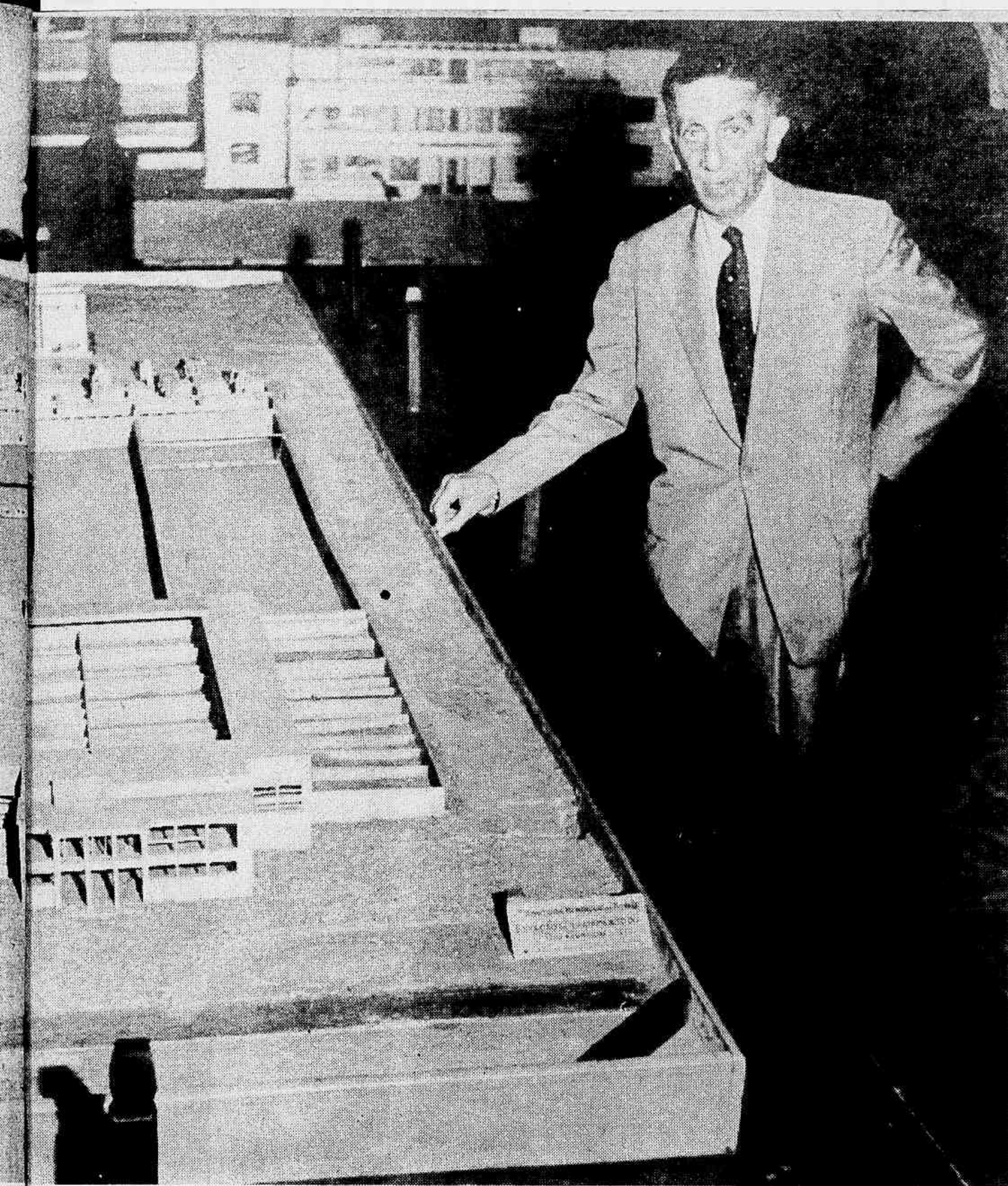
— «O dr. Pereira Braga é o responsável por um contrato que as
empresas executoras não têm interesse algum em concluir; por-
que é um «maná» inexaurível! Há algo errado no Departamento
de Águas» — verbera Cotrim Neto.

BRAGA REPTADO A CUMPRIR A PROMESSA

Durante um debate em que se defrontaram numa emissora carioca desta capital, os vereadores Cotrim Neto e Gladstone Chaves de Melo e o dr. Edgar Pereira Braga lançou o primeiro deles o seguinte desafio ao engenheiro do Departamento de Águas:

— «Contesto sua informação de que solucionará a falta d'água da Zona Sul até o dia 10 de novembro de 1957. Se isto não se verificar, o sr. deixará os quadros da engenharia municipal. Se cumprir a sua promessa — a primeira que cumprirá nos muitos anos de direção no departamento de águas — eu, então, renunciarei — não à vereança — mas sim à vida pública.»

O Diretor aceitou o repto, e se combinou troca de cartas para documentá-lo. (Diga-se que o vereador reptante, advogado que é, esclareceu não admitir «chicanas», isto é, evasivas para justificar a exaustão do prazo de um ano sem obra feita.)



de pronta. As «sapatas» correram no 1º tanque; houve um vazamento no 2º e no 3º o fundo «estufou». Tudo isso no «original» porque na «maquette» continua perfeito — informam os técnicos.

NÃO faz muitos dias, a cidade foi surpreendida por um fato inédito: em quase todos os jornais da capital um convite para uma prece em plena via pública era formulado, a fim de solicitar da Providência Divina que inspirasse os administradores, no sentido de fazer brotar água das torneiras do Distrito Federal...

O episódio que poderia servir apenas para enriquecer o anedotário da cidade — transformou-se, de repente, numa feroz e cruenta batalha política; pois, caiporamente, a Administração da Prefeitura vinha de solicitar, no dia seguinte, da Câmara Municipal, urgência para aprovação de mais um crédito de 40 milhões de cruzeiros para o Serviço de Águas da Cidade.

Vereadores — usando de lápis e papel — alarmaram-se quando verificaram a enormidade de dinheiro já fornecido para aquele mesmo fim. Nada menos de 1 bilhão e 158 milhões de cruzeiros já foram escriturados em favor da malhada repartição municipal de águas da P.D.F. — e até hoje o Rio continua sem água!

DEBATE FURIOSO

Um dos que mais veementes se mostraram foi o vereador Alberto Cotrim Neto. Não podendo compreender a vitalidade de que parece gozar o atual Diretor do Departamento de Águas da P.D.F. — eng. Edgar Pereira Braga — contra o mesmo investiu violento:

— O Departamento de Águas é uma «arapuca» que só serve para tomar o dinheiro do carioca!

Secundando o seu colega, o vereador Gladstone Chaves de Melo aparteia com vigor:

O sr. Negrão de Lima não tem «peito» para tirar o dr. Braga do cargo que ocupa!

Penetrando no mistério da água, ou, mais precisamente, da sua «falta», vejamos como a ele se refere o vereador Cotrim Neto.

Compulsando enormes pilhas de assentamentos e com a sua veemência característica, declara:

LUÍS XIV E O GUANDU

— Uma das coisas que mais me surpreendeu nas viagens que fiz à Europa, como participante de um Congresso Internacional no ano passado, e que agora repeti, foi o conhecimento direto dos serviços de águas, entre outros serviços públicos que visitei, das velhas capitais do Velho Mundo. Na França, vi em pleno funcionamento o Serviço de Águas de Versalhes, obra construída por Luís XIV e que ainda hoje funciona, inclusive com bombas de recalque feitas por engenheiros do mesmo Rei Sol, à moda das rodas d'água dos velhos engenhos coloniais.

E aqui no Rio nós não temos água porque uma adutora, inaugurada há 6 anos, dada como sendo o «dernier cri» da engenharia hidráulica, arreventa com mais freqüência do que fornece água ao povo.

«Ao lado dessa curiosidade técnica — afirma o edil carioca — nós, entre estarecidos e re-

Breve histórico de um suplício

A Água parece mesmo ser o mais antigo problema dos cariocas, pois foi, também, a primeira grande preocupação dos governantes coloniais. O poço primitivo do Castelo, cuja água não era boa, obrigou a população a recorrer, utilizando barris, a um manancial próximo às Laranjeiras — o Rio Carioca. Os vendedores de água proliferaram e os «tubarões» depressa represaram as águas, o que determinou a intervenção municipal e a instituição de um imposto, em 1617, para obras de captação. O tributo, entretanto, foi aplicado a outros fins... e só em 1624 ajustou a Câmara da cidade com o arquiteto Domingos da Rocha a condução de água até o campo da Ajuda (atual Cinelândia) ao termo de 4 meses e pelo preço de 60\$000. Como o local era longe do centro, sugeriu Alves Saldanha ao Rei que a água fosse trazida até o Campo de Santo Antônio (Largo da Carioca), o que foi feito por 38 contos. O chafariz com 16 bicas durou até 1753, quando Gomes Freire tratou de reconstruir o antigo aqueduto com «pedra do país», surgindo, então, os famosos Arcos da Lapa. Continuaram as águas do Carioca a suprir a cidade com deficiência até que, em 1889, a situação atingiu proporções de calamidade com as epidemias que grassavam. O conselho de Estado, reunido, resolve estudar a proposta de obscuro engenheiro que se propõe a «fornecer água em seis dias apenas, pelo preço de 80 contos».

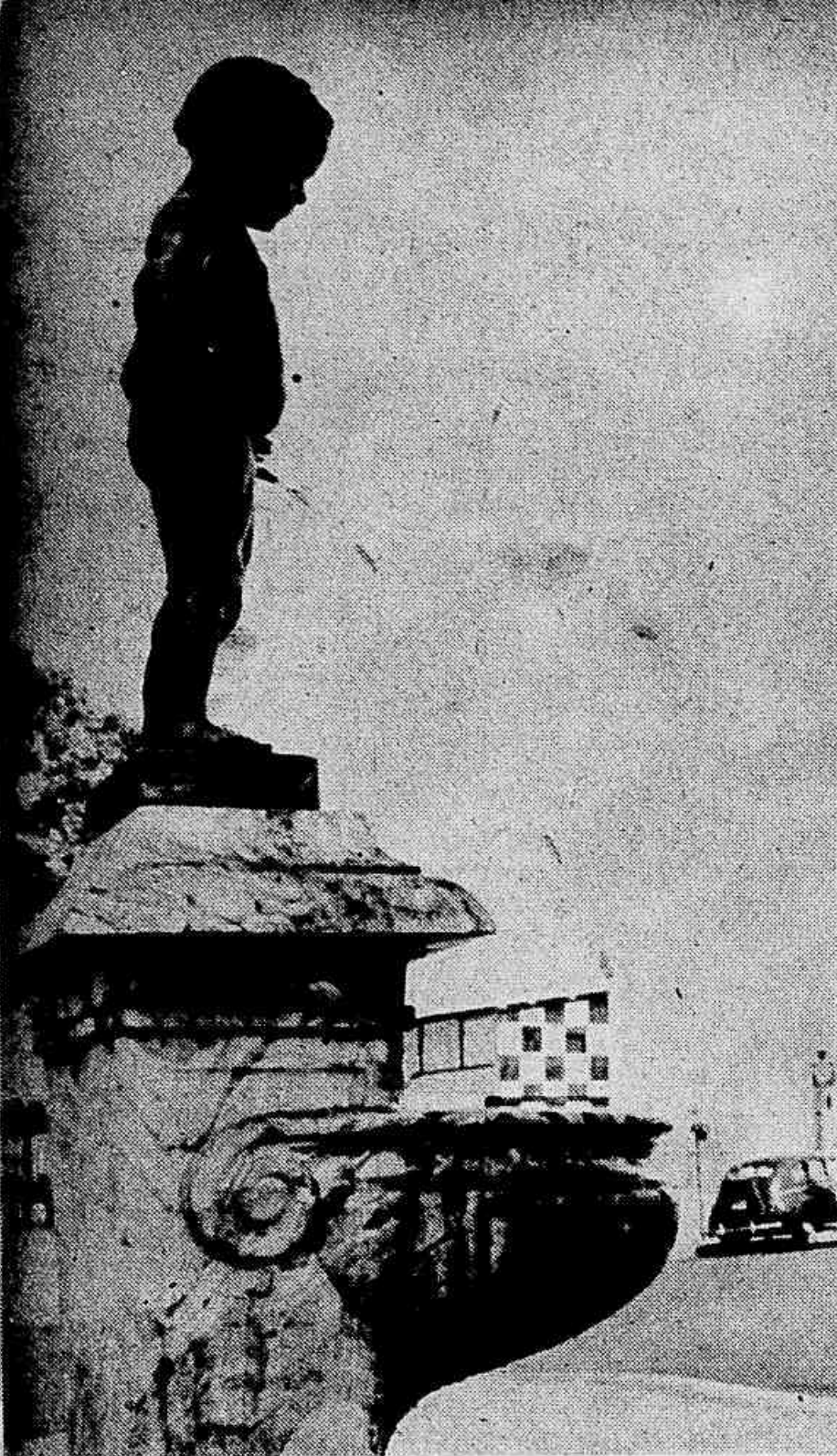
— O sr. cumpre o que prometeu? — pergunta incrédulo D. Pedro II ao jovem Frontin. O milagre foi realizado e mais 20 milhões de litros jorraram pelas torneiras do carioca sedento. Foi o último milagre.

Depois de Frontin, a população cresceu e muitas outras águas rolaram — não nas torneiras é claro. O problema se agravou e perdura até hoje. Inúmeros foram os erros de natureza técnica, a par da imprevidência das autoridades, que só davam importância às manobras políticas. Vieram Fiuzas, poços artesianos e, finalmente, o dr. Pereira Braga — que se celebrou por haver prometido 3 vazes — isto há mais de 59 meses — fornecer água ao Rio em menos de 14 meses...

Falta água, é verdade. Mas, o que mais falta é vergonha. Pois dinheiro existe, e com abundância. E a prova está em que mais de 1 milhão de contos já jorraram dos cofres públicos. Agora, o dr. Braga acaba de se meter numa nova encencação, prometendo ao prefeito que dentro de 12 meses resolverá «em definitivo» o problema. Na Câmara Municipal, as declarações do Diretor de Águas causaram muita confusão, e culminaram com um repto lançado pelo vereador Cotrim Neto.

— Nenhum técnico, de sã consciência, pode garantir o fornecimento de água ao Rio «em menos de 2 anos». O dr. Braga está mentindo à população! — afirmou o edil carioca.

E contou muita coisa mais...



— «Cistite crônica» foi o diagnóstico do povo carioca para a réplica do «Maneken Pis» holandês, que ornamenta os jardins da praia de Botafogo. Mas, engenheiros do Departamento de Águas da P.D.F. calculam que cada «pingo isolado» (descontínuo), fluindo à razão de 1 litro por segundo, soma 11 litros no fim de 24 horas...

voltados, verificamos que uma adutora, a do Guandu, orçada em dezembro de 1951 em 160 mil contos — dada como obra de 18 meses (já se escoaram 59) consumiu cerca de 1 bilhão de cruzeiros e tem prometimento para conclusão dentro de ainda muitos meses no futuro.

«FILHO TÉCNICO» DO IDEALIZADOR DA PAMPULHA

— Dizem que o imaginador dessa obra, o antigo, atual e, por certo, futuro diretor do Departamento de Águas da Prefeitura, o eng. Edgar Pereira Braga, é um técnico competente. Discípulo amado do finado prof. Henrique de Novaes — e ele mesmo se afirma «filho técnico» de sáudoso mestre da Escola Politécnica, autor de obras admiráveis, mas também de horrores «barbeiragens», como a Represa da Pampulha, de tão triste memória, e a represa de Juiz de Fora, que está sendo esvaziada para não seguir o destino de sua congênere da capital mineira...

«Se for o caso de uma «enquête» intelectual, iríamos apurar onde o dr. Pereira Braga auriu os ensinamentos do grande Henrique de Novaes, se nas grandes obras ou se nos seus fracassos.

Acontece que em matéria de obras estouradas podemos afirmar que a estação de tratamento da adutora do Guandu ganhou de Pampulha em eficiência, pois enquanto esta suportou águas por alguns anos aquela estourou as paredes logo que viu água... numa manifestação que no plano animal se caracteriza como hidrofobia, o que se traduz por «horror à água»...

TUBOS QUE SE DERRETEM...

Depois de frizar que «recondicionada em seguida, a estação de tratamento do Guandu vem apresentando, só num de seus tanques de

decantação (e eles são em número de 3) infiltrações que o Diretor de Águas, num cálculo dizem que otimista, estimou em .18 litros por segundo — o que dá cerca de 1 milhão e 700 mil litros por dia, suficientes para alimentar uma cidade de 5.000 habitantes, com o elevado «per capita» de consumo de 350 litros/dia. — acrescenta o sr. Cotrim Neto:

— Ora, com obras desse tipo e com a engenharia que constrói tubos que se derretem, nós não poderemos nunca resolver o problema da falta d'água, vergonha de nossa capital, suplício de seus habitantes.

POR QUE O BRAGA NÃO DÁ ÁGUA...

Refere-se o vereador perrepista à conclusão de um túnel de 7 quilômetros em um ano, com uma solução para a crise de água da Zona Sul da cidade, angústia de seus 350.000 habitantes, que deveriam contar com um suprimento de 140 milhões de litros/dia (segundo o próprio diretor de águas) e que dispõe de pouco mais de 50% dessa cifra.

— Acontece que nenhum técnico admite a conclusão de tal túnel em menos de 2 anos, o que significa a perduração da seca nesses bairros com as agravações decorrentes de um crescimento demográfico da ordem de 15.000 pessoas anualmente.

Alegam os observadores (tidos como pouco simpatizantes do eng. Pereira Braga) que ele tem interesse na manutenção desse curioso estado de coisas. Porque — afirmam — enquanto a Zona Sul estiver sedenta, os figurões que nela residem — generais, almirantes, ministros, vereadores, deputados, senadores, embaixadores, presidentes e ex-presidentes da Re-

pública — gritarão alto e os bilhões de cruzeiros para o Departamento de Águas irão jorrandos com frequência.

BOICOTADA A OBRA DO LEME

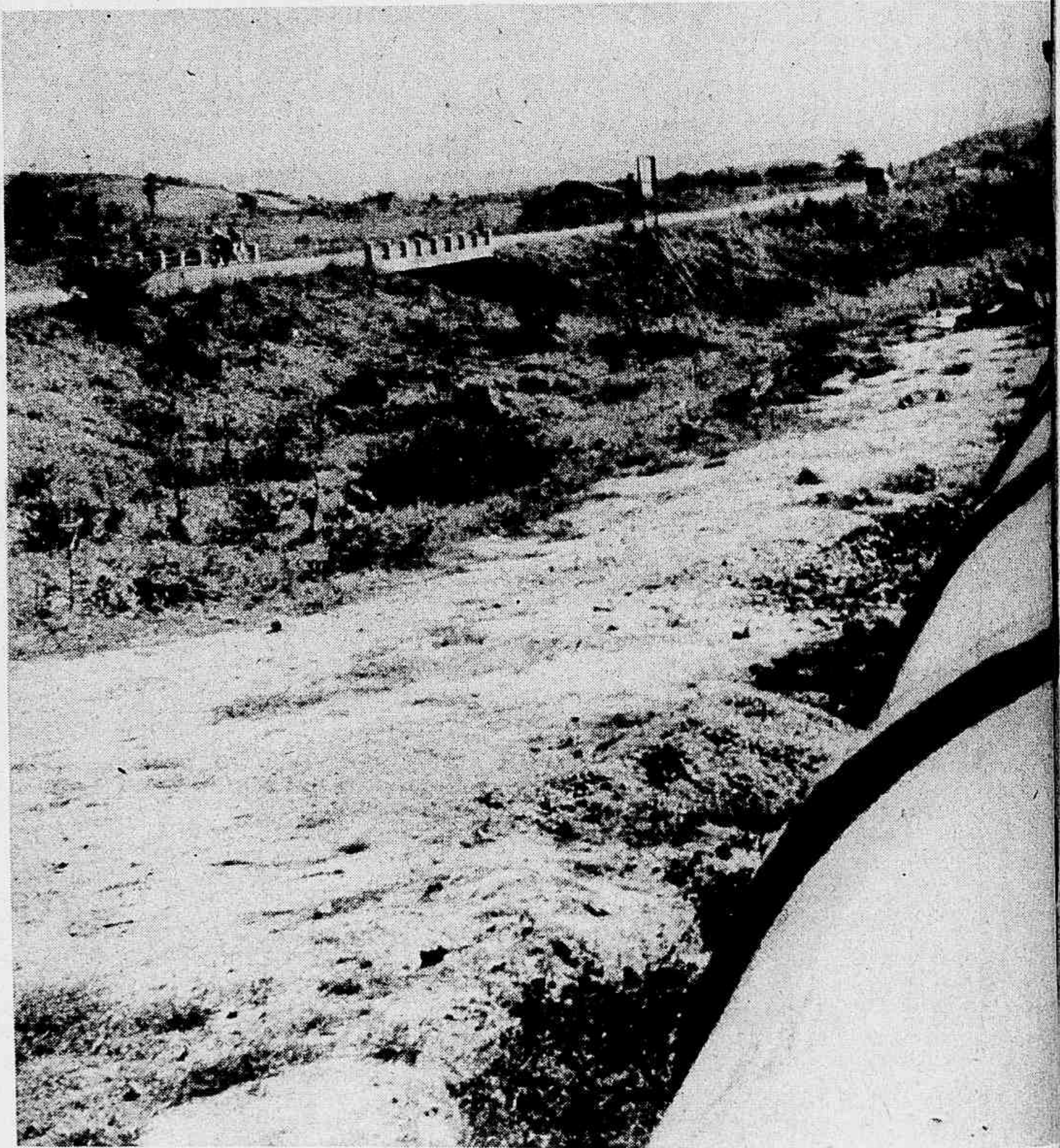
Não compreendo por que o eng. Braga não realiza um estilo de «blitzkrieg» a terminação da Sub-Adutora do Leme, obra sem nenhuma complexidade técnica, de simples assentamento de tubos na extensão de 11 quilômetros, que pode ser feita em 6 meses no máximo, com o pequeno dispêndio de 20 milhões (cálculo do próprio Diretor de Águas) e que dará à Zona Sul 40 milhões de litros diários, quando ela hoje conta com pouco mais de 70 milhões...

«Certamente, essa obra não prescindirá da outra, do túnel dos Macacos. Mas adicionado o seu rendimento aos 20 milhões da linha de emergência já anunciada pelo prefeito Negrão de Lima através do túnel do Rio Comprido e do reservatório do Mundo Novo, que dará à Zona Sul outros 20 milhões, ficarão os habitantes do «polígono das secas carioca» com as suas disponibilidades duplicadas.

...E VAI SAIR PARA OUTRA...

Estranha o vereador Cotrim Neto que o atual Diretor de Águas pretenda avançar a construção de uma 2ª etapa da adutora do Guandu, quando a 1ª longe está de terminar todas as repercussões, e ajunta:

— Bem sei que se pretende justificar essa conduta com a explicação de que devemos nos antecipar aos problemas: é curioso que quem ainda não resolveu um problema, tente



— «Quase todo o dia esses tubos da 2ª adutora arrebentam provocando a seca total na cidade. — explica o

resolver um outro, mais avançado. Aquêles mesmos críticos pouco simpáticos ao dr. Braga sugerem que tal afã decorre da certeza em que o mesmo se encontra de que a estação de tratamento **estourada, recondicionada e sivada de infiltração**, pouco resistirá; e então, deseja êle ver concluída logo a 2ª etapa para que a «filhote» da Pampulha não desabe tão violentamente sobre a sua cabeça...

— Uma das minhas maiores estranhezas na observação de todo êsse curioso processo de consumir dinheiro a pretexto de fazer jorrar água que nunca chega às torneiras, ocorreu quando da concorrência para abertura do Túnel de Macados; houve um prazo exíguo para apresentação das propostas — exíguo porque até projetos os concorrentes deveriam apresentar, e não houve exigência do aparelhamento técnico dos candidatos à obra, assumindo a Prefeitura a responsabilidade da aquisição do equipamento de abertura de túnel no estrangeiro, sucedeu que esta cláusula implicou em que a concorrência foi vencida por uma firma desprovida de elemento material e até hoje a abertura do túnel não teve o ritmo acelerado que se impunha porque a parte essencial do equipamento nem sequer está totalmente no exterior.

«Firmas altamente credenciadas, inclusive com larga experiência nos vultosos serviços de tunes da CEMIG (de Minas Gerais) foram vencidas por uma empresária que não tinha nenhuma escavadeira e foi começar a abertura do túnel com broca, martelo e picareta... («material obsoleto» nas expressões do diretor das águas — «material da idade da pedra lascada», dizemos nós).

ALGO PODRE?

— Positivamente, há algo errado. Não queremos afirmar que haja «algo podre no Reino da Dinamarca», como disse o personagem de Shakspeare, embora pudéssemos dizer que está podre a 2ª adutora e que podre já nasceu a estação de tratamento do Guandu mas, se não podemos dizer que tudo esteja podre, temos a convicção de que há muita coisa errada no malfadado Departamento de Águas da Prefeitura do Distrito Federal...

OS 14 MESES DO BRAGA...

— Enfim — conclui o edil — eu não sou técnico na matéria; observo o problema com a curiosidade de um representante do povo que me dita ante o prisma do interesse coletivo. O carioca não tem água, mas paga para vê-la... E não paga pouco... paga milhões, já pagou mais de 1 bilhão (e só para obras novas) e está pagando, e vai pagar mais ainda... Seu único consolo é a promessa do dr. Braga que nos vai dar água daqui a 14 meses... que já eram 14 meses em 1954, em 1955, e que continua sendo 14 meses neste mês de novembro de 1956...

AS «LIGAÇÕES» CONFIRMADAS...

Cautelosos, mas nem por isso menos incisivos, foram também as declarações do vereador udenista Gladstone Chaves de Melo, que vem tendo destacada atuação na Câmara Municipal pelas críticas candentes formuladas ao eng. Pereira Braga:

— Tempos atrás denunciei o sr. Pereira Braga como intimamente ligado à Empresa Construções e Saneamentos S. A. (que traba-

Enquanto se discute, inútilmente, o problema na Câmara Municipal e nos órgãos técnicos, o carioca continua assim: bebendo a água escassa das torneiras. Nada mais triste do que a necessidade, principalmente quando se sabe que existe uma solução. E' o caso de se dizer: falem menos, senhores administradores, e façam mais.

lha para o Departamento de Águas) e indiretamente ligada à Tetracap, construtora dos tubos de concreto. Na primeira firma estão um filho, um irmão e a senhora do sr. Pereira Braga e na segunda figurou como representante no contrato com a Prefeitura, um sr. Paulo Osório Jordão de Brito, que é sócio também da Empresa de Construções e Saneamento. O sr. Braga não negou tais ligações; apenas disse que não houve desonestidade nos contratos e serviços prestados, e que, a partir do dia em que reassumiu o departamento nenhuma outra concorrência foi pretendida pela firma de que parentes seus figuram como sócios.

«Mas, apesar de tudo, o fato é que a água não sai, e que o dr. Braga também não (parece que é Diretor vitalício): — a única coisa que sai — e em grandes jorros — é o dinheiro da Câmara!

OS «AMIGOS» E OS «INIMIGOS» DO GOVERNO

«E, para finalizar, — declara o sr. Gladstone de Melo — quero observar que o conceito de «oposição» está precisando de uma retificação. Nós somos da oposição: no entanto, damos tudo que o governo pede e declara necessário à Administração. E damos de graça. Não é sempre esta, porém, a atitude dos «amigos» do governo. Para votar, por exemplo, um crédito de 10 milhões para o aluguel de caminhões e remoção do lixo que se acumulava na cidade, uma bancada governista exigiu o cargo de diretor do Departamento de Estradas de Rodagem. E estão constantemente exigindo empréstimos no Montepio, nomeações de trabalhadores, prioridades de telefones, etc. Enquanto isso, seus «inimigos», isto é, nós da oposição, votamos tudo que é necessário ou útil à Administração, sem pedirmos e sem recebermos uma cabeça de alfinete. E' assim que se escreve esta gaiata história.

vereador Cotrim. — Ninguém sabe nos dizer «por que». E' tudo um grande mistério, ainda por desvendar».

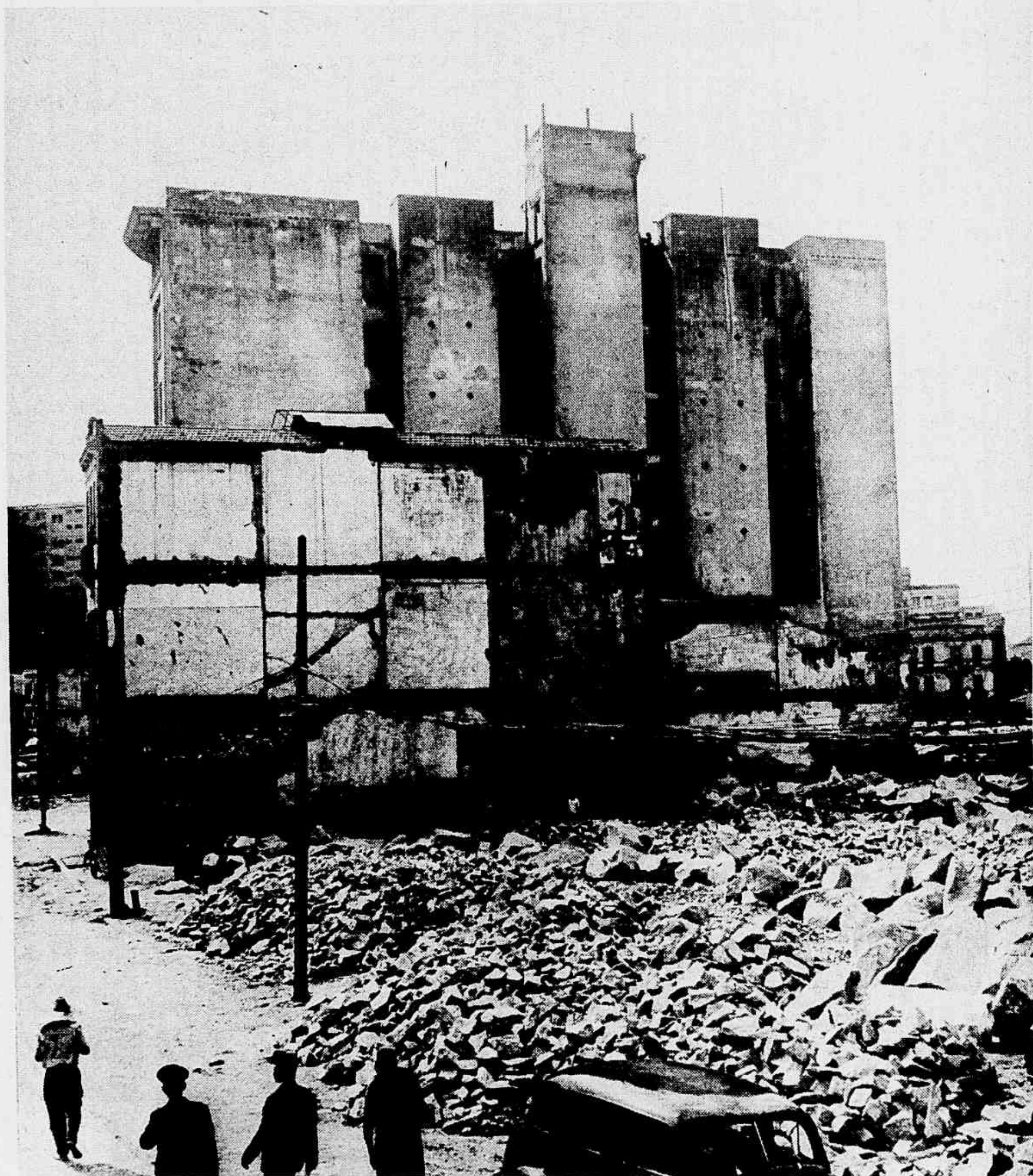
A SEMANA EM REVISTA



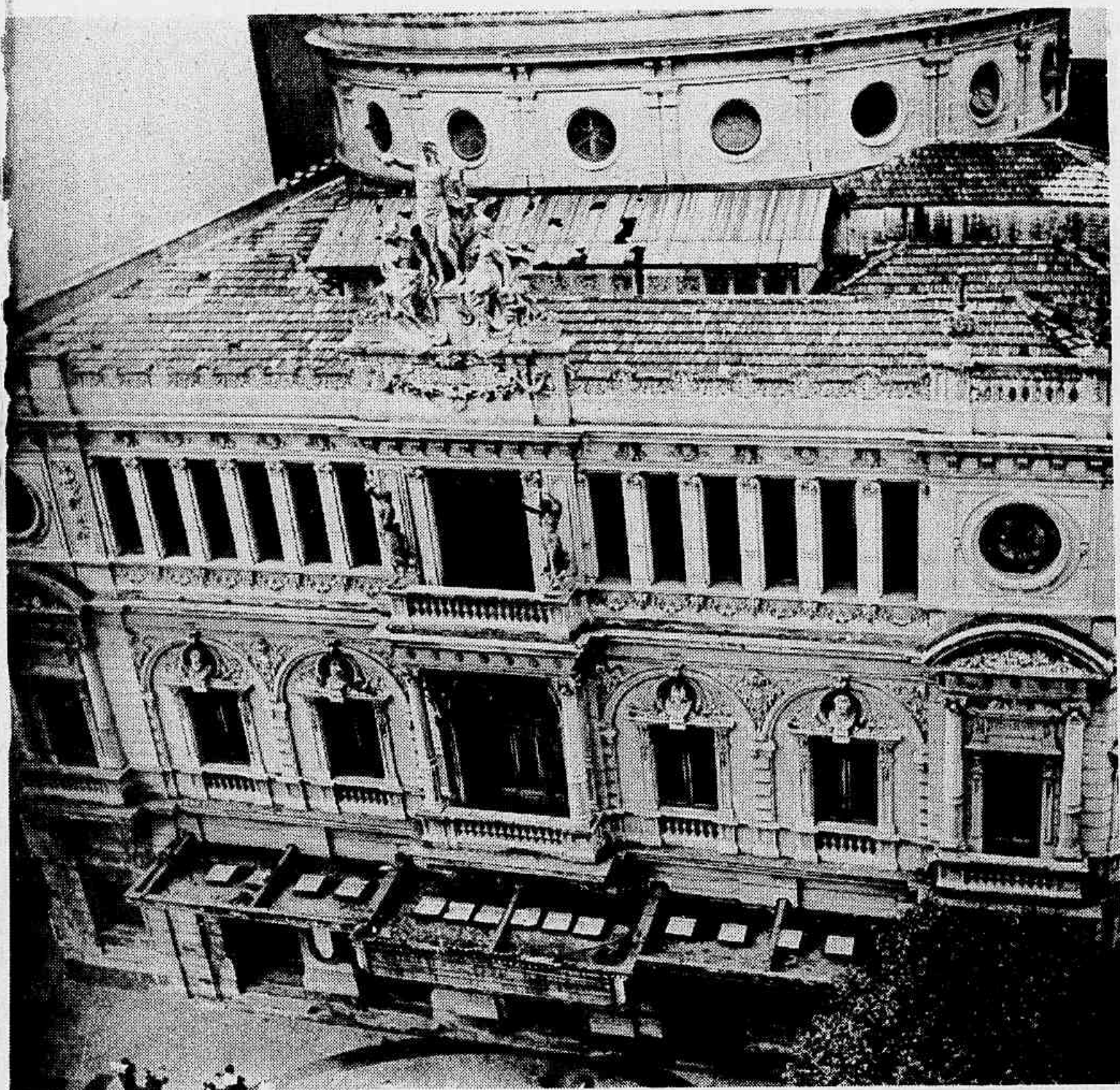
OSCAR NIEMEYER o maior arquiteto brasileiro, respeitado no mundo inteiro e autor (quase sozinho) do projeto do Edifício da ONU, não se inscreveu no Concurso do Plano Piloto para a Nova Capital. Embora outros grandes nomes estejam inscritos não há dúvida que Niemeyer é indispensável. Justificativa para a sua ausência: vai fazer parte da comissão que julgará os projetos.



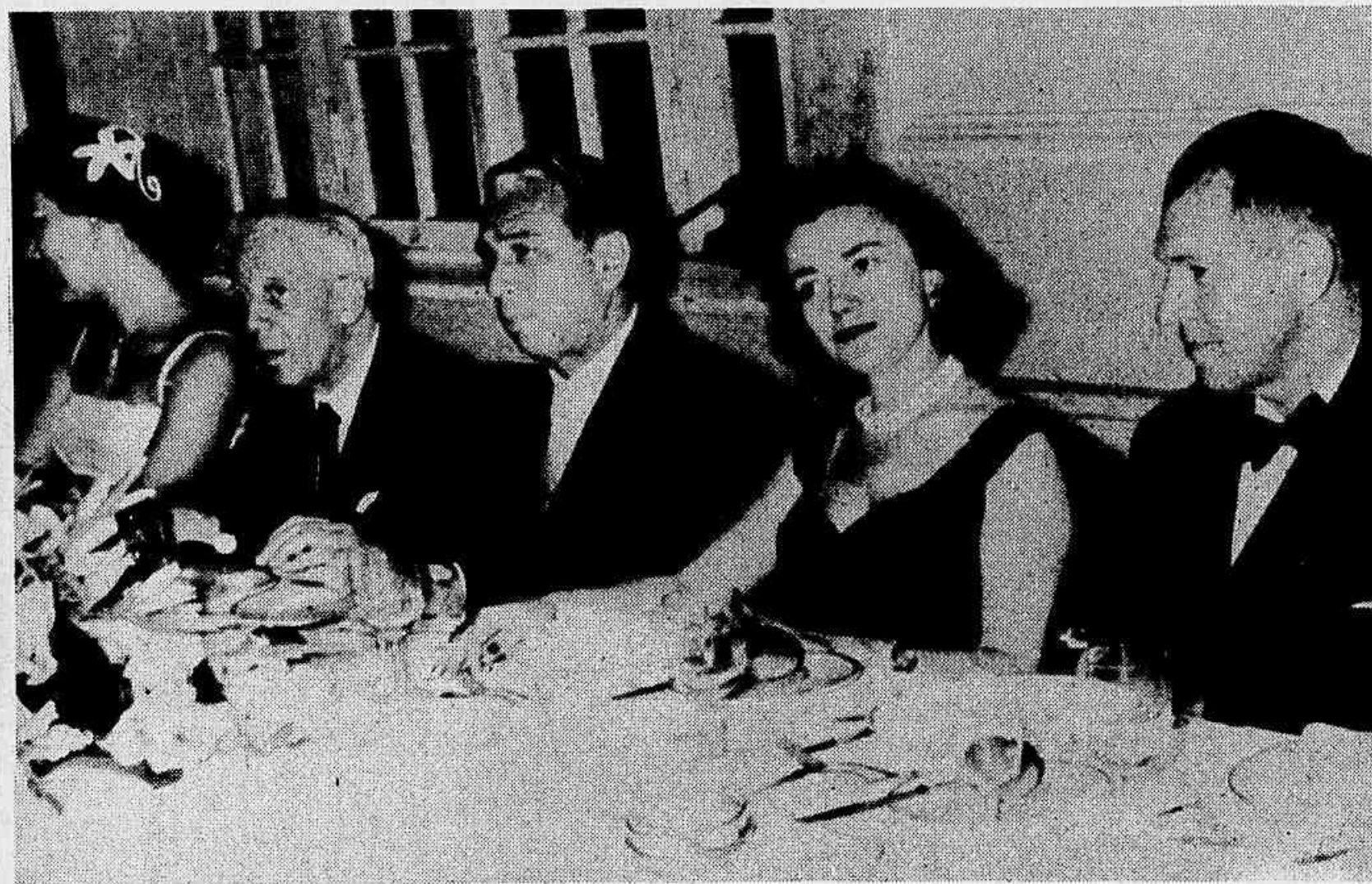
TOLEDO PIZA vive os seus últimos dias de glória. Elevado por acaso à Prefeitura de São Paulo, vai desaparecer da circulação dentro de alguns meses, com a eleição de seu sucessor. Tenta desesperadamente sobreviver, agarrando-se ao prestígio do gen. Lott. Um dos maiores aventureiros políticos que S. Paulo já fabricou em qualquer tempo, Piza finge de comunista, de trabalhista, já foi janista, e usará rótulo que lhe couber. E todos lhe cabem como uma luva.



A AVENIDA PERIMETRAL é uma face do Rio que vai surgindo dos esforços do sr. Negrão de Lima. Metrô e Radial Oeste (e mais o esforço para acabar com a falta d'água) completam o quarteto de grandes obras que o prefeito quer realizar em benefício dos 2 milhões e meio de habitantes desta cidade. Se o funcionalismo não consumisse mais de 90% da arrecadação municipal, Negrão de Lima poderia transformar o Distrito Federal numa cidade realmente maravilhosa.



O FÊNIX (teatro famoso da cidade) vive ainda sem rumo e sem destino. Uns dizem que será derrubado, outros garantem que será desapropriado, enquanto alguns, mais conhecedores dos bastidores municipais dizem que será derrubado e reconstruído em outro lugar. Para resolver em definitivo, o prefeito esteve reunido com jornalistas e artistas em geral. Ficou resolvido então que Pascoal Carlos Magno ficaria incumbido de se entender com os Guinles, pretensos proprietários do teatro. Depois então o impasse será solucionado.



AS 10 PERSONALIDADES DO ANO foram escolhidas em recente «enquete» organizada pelo «O Mundo Ilustrado». E como a época é de homenagens essa também não podia faltar. Mas pela foto que ilustra esta nota achamos que o concurso ficaria melhor como OS 10 MAIS DINÂMICOS. Pois só aí já estão 4 legítimos representantes do dinamismo nacional. Rubem Berta (que carrega a Varig nas costas), Niomar Muniz Sodré (autora, diretora, arquiteta, construtora, financista, financiadora e mais uma porção de coisas sobre o Museu de Arte Moderna, que sem ela jamais sairia do papel), o nosso caro prefeito (reincarnação de Pereira Passos de Gelot e costeletas) e, finalmente, o senhor Herbert Moses que tem sido mais vezes chamado de dinâmico do que o sr. Ademar de Barros de desonesto. Na foto aparece também a senhorita Maria Sônia de Araújo (Miss Bangu), a única não dinâmica do grupo. Mas como a beleza tem direitos adquiridos e incontestados, a sua placidez não briga com o dinamismo dos outros.

MANCHETES NACIONAIS

Juscelino doma e despacha em Brasília, pela primeira vez.

x x x

Mais um líder derrubado pelo Bangu. O Fluminense não resistiu a 15 minutos de movimentação de Zizinho.

x x x

Lott homenageado. Homenageantes: Toledo Piza, Nemo Canabarro, Talarico, Aureo Melo, Raimundo Nobre de Almeida, Amando Fonseca, Duque de Assis, Luís Correa e outros, Gregório não compareceu por motivos óbvios.

x x x

Eleita a Rainha da Primavera, um brôto lindo de 15 anos.

x x x

Amorim do Vale homenageado. Homenageantes: Pena Botto, Raimundo Padilha, Guedes Muniz. Afinal não há muita diferença entre os homenageantes das duas solenidades.

x x x

Chega Pablo Neruda, popularíssimo no Brasil.

x x x

Estréia Abey Lincoln no Copacabana, com sucesso.

x x x

Queimou a casa ambulante do famoso Camundongo, tipo popular e curioso do Rio de Janeiro.

x x x

Briga na Câmara dos Deputados, na votação do Imposto de Consumo.

x x x

Maria Clara Machado fazendo sucesso grande, no Patronato da Gávea.

x x x

Nahun Sirotsky deixou a direção do «Diário da Noite», mal completando um mês de trabalho.

x x x

Fala-se muito na ida de Chateaubriand para Londres. Mas ainda não há nada resolvido.

x x x

Vem aí a aparelhagem para a TV-Continental de Rubens Berardo. E a TV-Nacional?

x x x

Vão Gogo vai fazer um programa de televisão. Produção, direção e apresentação dele mesmo.

x x x

Embarcou a delegação brasileira à Conferência da ONU. 25 delegados e assessores, escolhidos rigorosamente entre os que menos credenciais apresentavam. Alguns são deliciosamente surdo-mudos em inglês (e em outras línguas).

x x x

Tancredo Neves, Fernando Nóbrega e Lucas Lopes: 3 grandes figuras que vão ocupar lugares importantes com a próxima reforma ministerial.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

**Uma loja
vai à sua casa!**

Peça-nos **GRATIS**
o mais completo

**CATALOGO
de CANETAS**



Envie, hoje mesmo,
seu endereço à
casa mais especializada na
venda de canetas pelo correio.

SERVO LTDA.
CAIXA POSTAL 5195 - RIO

REVISTA DA SEMANA

7 Cruzeiros

Em todo o Brasil

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Re-
embolso Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

Michell e Elaine

PERDIDOS NA NOITE

★ Os policiais de ronda na parte central de Lon-
dres ficaram surpreendidos. Duas crianças de me-
nos de 6 anos, sòzinhas, sem qualquer sinal de al-
guém que as acompanhasse, vagando a êsmo, às 2
horas da madrugada. O frio era cortante. Os poli-
ciais se acercaram e puxaram conversa. O menino
disse que se chamava Michell e que a menina era
sua irmã Elaine. Ele 5 anos, ela 3.

«Meus pais moram no alto de uma colina —
disse o menino. Mas eu não sei onde é». Tinham
ido brincar no parque (depois do jantar) e se per-
deram inteiramente. Foram descendo, descendo, e
quando viram, a noite já ia alta e os caminhos de
volta cada vez se complicavam mais. A polícia ime-
diatamente começou a busca para identificar os
pais de Michell e Elaine, e sua residência. E depois
de horas de trabalhos, foram encontrados. São o sr.
e sra. Jones, cidadãos de origem americana.

E assim, cansados mas sorridentes, Michell e Elai-
ne foram devolvidos aos seus «distráidos» papais.





O HOMEM E O TRAPÉZIO

Romance de ARINO PERES

Desenho de ZARCC

CAPÍTULO XXVII — ONZE HORAS

MARGARIDA tinha as horas contadas, precisava vivê-las intensamente. A doença multiplicava sua sensualidade, transformara-a em máquina de emoções. Otávio talvez não pudesse satisfazê-la completamente, mas ela exigia a presença do homem junto ao corpo que se estiolava, que em breve se hermetizaria aos contatos sensoriais. Não suportava o camisolão branco que lhe desfazia as formas, não consentia em vesti-lo. Acendia o corpo nas cores quentes do vermelho e amarelo, incendiava-se nos últimos instantes, queria que o corpo respondesse aos derradeiros apelos do sexo, não podia deixá-lo repousado na cama que receberia os despojos de suas células. Havia gosto de sangue na boca pintada, necessidade de compressão nas formas salientes.

Otávio haveria de despertar para a volúpia de seu desejo, haveria de cercá-lo na tentação de suas curvas. As mãos magras deslizariam em carícias provocantes pela pele adormecida, Otávio haveria de ter um ponto fixo de resistência que devia ser vencido. Muitas vezes, à noite, Margarida despertava. O corpo reclamava sexo, delirando ante as visões passadas de braços másculos. A vida dispersava-se em posses contínuas, sem limitações, descontroladas, não podia agora manter-se fixa sob os lençóis frios e impoluídos. Entregava-se voluptuosa às mãos prolições do médico, mas ansiava por amplos, braços fundidos no corpo jovem. Acordava sonhando entrega, as pernas de Otávio reintegravam-se ao corpo rijo e enlaçavam-na animal; tinha que despertar o moço que se platonizava.

A passos cuidadosos percorreu os corredores adormecidos, deslizou lenta pelas escadas. Angústia de posse, desejo incontido de servidão: morreria em breve, a carne alva seria alimento de vermes insensíveis. Atravessou silenciosa o 315-B, descansando os dedos na testa quente do homem fracionado. Otávio vivia em Madalena, degustava as curvas sob o vestido justo, possuía-a sem temor ou respeito a Sérgio, moradia as palavras sem conteúdo perdidas nos lábios carnudos.

— Quem é?

— Psiu. Sou eu, Margarida. Vamos dar um passeio. Preciso falar com você...

Otávio foi alçado cuidadosamente, sem barulho, ao carro de rodas, que fugiu em silêncio até o elevador.

— Que loucura é essa, Margarida?

— Não fale, que podem ouvir-nos; lá fora conversaremos.

Junto à mangueira, embaçados aos olhos do hospital, Margarida deteve o carro. Os lábios tremiam, mas disciplinou a voz.

— Otávio, não tenho mais de um mês de vida. E' perversidade dêsse Deus em que vocês creem permitir que me decomponha. Não quero morrer Otávio, tenho ânsia de carinho, sofreguidão de sangue; impossível imaginar meu corpo inerte sobre a algidez de uma mesa de mármore, desperdiçado, sem proveito. Não quero morrer Otávio, não posso morrer.

— Você não morrerá, Margarida.

— Mentira, o médico falou a meu pai. Ouvi toda a conversa. Não me resta mais de um mês. Em breve serei cadáver, apodrecerei, os vestidos serão queimados para que não restem lembranças. Não quero morrer, Otávio. Sou bela, sei que sou bela; por que escolheram a mim, se tenho o que oferecer?

— Acalme-se, o médico pode ter-se enganado.

— Não, não houve engano, há muito sei que vou morrer, mas pensei que tivesse mais tempo, é muito cedo ainda, tenho apenas vinte e cinco anos, poderiam ter-me dado maior oportunidade. Não deixe que eu morra, Otávio, sou sua, sou sua...

Os braços torneados enlaçaram o pescoço forte de Otávio, a boca absorveu-lhe os lábios, enquanto as lágrimas temperavam as mordidas brandas no assalto desesperado dos períodos.

— Margarida, acalme-se. Que há com você? Sossegue.

A mão férrea vibrou no gesto libertador e abateu-se pesada sobre a face devoradora. O corpo frágil escorregou para o chão de cimento liso, enquanto o pranto miúdo sacudia-o periodicamente durante os soluços.



As pernas de Otávio faziam falta naquela situação. Margarida precisava ser elevada, onde cairia, mas como descer até ela? A cadeira de rodas era alta e fria.

CAPÍTULO XXVIII

UM FILHO

ABRIAM SE para Otávio novos caminhos, onde não cabiam os enganos passageiros da posse de Teresa, a cobija de Margarida nem a ternura de Rosa. Madalena mesmo divorciava-se do vizinho constante, ocultava o decote profundo onde os olhos mergulhavam. Otávio almejava-se com a esperança de paternidade, revestia o pecado de uma aureola de castidade, afirmava-se, erigia-se.



Jamais previra aquela possibilidade, mas agora não podia abrir mão dos direitos adquiridos. Não podia pairar dúvida sobre a paternidade do filho de Madalena; Sérgio não tinha o direito de roubar-lhe aquela glória, era ingênuo demais para ser pai. O filho tinha que lhe pertencer porque ultrapassara Sérgio; Madalena pertencera-lhe com dignidade, não se maculara no amor espúrio.

Um filho. Antegozava o prazer de seus gestos indeterminados, a transparência do rosto indefinido. O filho desligava-se dos momentos de amor pecaminoso, transcendentalizava-se, eclipsava a brutalidade dos abraços, o sensualismo impuro.

Qual o nome do menino? Seria homem, o pai jamais cogita da filha, é o egoísmo natural do homem, que se julga perfeito, acabado. O nome define, individualiza; contrariamente a Shakespeare, Otávio dava exagerada importância ao

nome do filho. Se o velho Leopoldo fosse consultado, surgiria nomes bíblicos: Daniel, Isaías, Gabriel, Pedro... e explicaria suas significações; mas ele não se importava com isso, interessava-se por um nome másculo, indicador da virilidade da raça. Não deveria ser um nome latino, são frágeis demais; origem grega ou anglo-saxônica; precisava pensar o nome.

— Marcos, qual o nome de homem de que você mais gosta?

— Ricardo; é um nome sonoro e possui sete letras; o sete é o número mais importante.

Não. Ricardo não servia, os dois reforçavam muito a prolação. Era bonito, não resta dúvida, mas carregado demais; desejava aliar à sonoridade, muito de viril e suave. Consultaria a folhinha, ali encontraria algum nome que servisse. E se fosse mulher? não seria, tinha certeza que viria um homem, sempre sonhara secretamente

com um homem. Seu nome não queria, Otávio é muito aberto, além disso poderia dar origem a brincadeiras; bastava mudar o v para r, como fazia no ginásio o Pedro, mas ele lhe arrebitara o nariz; e se Madalena quisesse pôr no menino o nome de Sérgio? não consentiria, o filho era seu, além disso Sérgio lembrava engano, traição; não, Sérgio não seria.

Interessante a lembrança de Marcos sobre o número sete. Agora a busca seria mais demorada — um nome de homem, anglo-saxônico, de sete letras. Anglo-saxônico, lembrava fortaleza.

— Marcos, quer emprestar aquele almanaque que a enfermeira lhe deu?

Folheou-o. Na penúltima página uma relação de nomes com seus significados. Achou: Eduardo — defensor da riqueza ou da propriedade. Seu filho chamar-se-ia Eduardo.

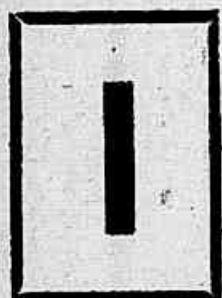
(Continua no próximo número)

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEV

Desenho de RAMÓN

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierre Horay.



OFFE e Kurtchatov permaneceram longamente em Bang. André Ijanov deixou de apressá-los e logo anuncia o sucesso próximo:

— Eu lhe agradeço muito, camarada Ioffe — disse ele — e a você também camarada Kurtchatov. Vou propor para vocês, assim como para os seus colaboradores, as mais elevadas recompensas. E não há pressa para esta nova experiência. É melhor esperar.

Os dois sábios não podem esconder sua surpresa. Não é hábito de Ijanov se justificar perante os seus subordinados. Em seguida expõe a situação: a primeira conferência internacional sobre controle atômico, entre Bernard Baruch e André Gromyko não terminou. Ijanov se vê na obrigação de aconselhar a Stalin a não mostrar os seus triunfos. Obtem-se mais vantagem dos americanos simulando uma situação de inferioridade do que tomando posição de potência atômica preponderante.

Decidiu-se, então, deixar a experiência para mais tarde. Os sábios tiram férias. Eles não compreendem esta nova atitude, esta política de prorrogação.

— Por que então, temos tanta pressa? — Pergunta Kurtchatov a Ioffe.

Mas em princípios de junho de 1947.

— Um mês? — Pergunta Ijanov. — Você falou em um mês, Abrão Fedorovitch, para preparar esta experiência? Não poderíamos fazer isto antes, dentro de quinze dias, por exemplo?

É o cúmulo. Após fazer Ioffe esperar durante quase um ano, Ijanov arde agora de impaciência.

Quinze dias de prazo é muito pouco. Mas Ioffe fez um sinal afirmativo.

— O mais importante é operar bem distante, em Lipersky, por exem-

pio, a fim de não despertar a atenção das outras nações. Há um ponto ainda: vocês não utilizarão o dispositivo dos irmãos Alichanov, nem a fórmula Kapitza, conseqüentemente, mas a de Kurtchatov. E não façam perguntas. Existem razões para tal...

Ioffe não compreende. A coisa mais rara do mundo é se compreender Ijanov. Ele sai sem exprimir a sua surpresa.

O «distrito florestal de Lipersky», proposto por Ijanov, só tem de florestal o nome. A região está completamente devastada há dezenas de anos. É uma colina, 120 quilômetros ao norte do lago Baikal. Sobre uma bruma constante proveniente de uma espécie de cratera. A única aglomeração humana existente nas redondezas é o cemitério de Liperskié, situado a dez quilômetros de distância.

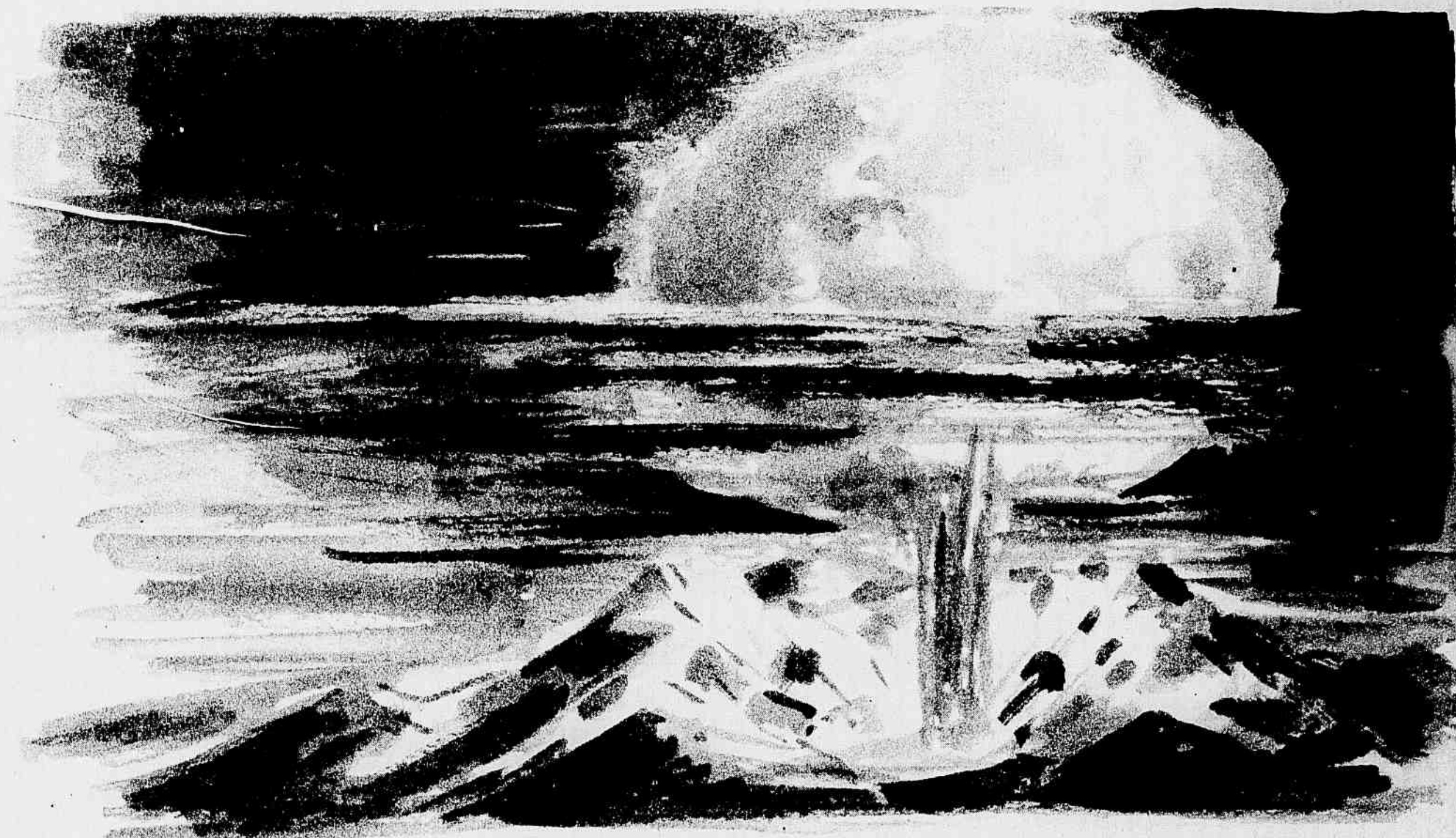
André Ijanov, Lourenti Béria, George Malenkov, os três grandes «atômicos» do Kremlin, se acham presentes, assim como todos os membros dos «Conselhos Superiores». Todos eles estão nervosos e um pouco pálidos. Desta vez, a uma considerável distância do ponto de explosão, é André Ijanov quem dirige. É ele quem vai apertar o botão. Os outros estão diante da tela-panorama, uma espécie de viseira de longo alcance.

24 de junho de 1947. Nove horas da manhã. André Ijanov cumpre o seu dever... Uma chama gigantesca se eleva contra os céus, tão brilhante que todos fecham os olhos. Entretanto, a explosão não é tão forte quanto se esperava. Todos falam e estão agitados.

É a primeira explosão «real» depois do «curto efeito» de Kurtchatov. Exatamente após dez anos da saída do sábio da prisão, de onde Kapitza o tirou. Trata-se de uma bomba, evidentemente, mas sem detonador. Uma simples explosão determinada pelo processo do físico Victor Ijanov.

Este último permanece ao lado de Kapitza no cemitério de Liperskoi. Kapitza contempla seu discípulo com ar sonhador...





◆ **RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA** — Kapitza, célebre físico russo, trabalha secretamente na Sibéria, com o fim de dar à União Soviética a supremacia no campo das armas atômicas. Supervisiona a construção das famosas centrais atômicas. Os senhores do Kremlin pedem urgência para a efetivação do projeto. O mundo ocidental de nada desconfia, mas a espionagem não cessa. Béria, Malenkov e Stalin redobram as precauções em torno dos cientistas encarregados da «Operação Maior». Kurchatov é chamado para trabalhar paralelamente com Kapitza, a fim de suscitar a concorrência. Finalmente, em 1947, é realizada a primeira experiência atômica de laboratório. Desaparece na explosão o grande físico Petrzak, que havia sido indicado para manejar o dispositivo que abriria o relâmpago. Agora se preparam, sábios e dirigentes políticos e militares, para a grande experiência campal.

Esta explosão foi o SARNITZA-ANGARNITZA, o «clarão Angara» como a chamaram logo depois. Recebeu também a denominação de SARNITZA-KAPITZA ou «clarão Kapitza». Ainda que tenham sido bem pouco aproveitadas as idéias de Kapitza.

No dia 6 de novembro de 1947, o Primeiro Vice-Presidente Ministro dos Negócios Estrangeiros, Viacheslav Molotov, pronuncia um discurso por ocasião do trigésimo aniversário da Revolução de Outubro. Declara, no ponto mais alta da sua peroração, que a América não mais possui o monopólio do átomo. E' costume levar-se Molotov sempre à sério. Porém, muitas vezes, ele provoca risos...

O fato é que a explosão atômica russa se produziu em junho de 1947, alguns dias depois da publicação do Plano Marshall.

FAZ SALTAR MONTANHAS

Um pouco antes do fim da guerra, em 1944, Béria convoca o professor Galerkin.

— Você já ouviu falar de Davidov? Chame-o para auxiliá-lo no seu «Geo-Plano Geral».

Durante o terror apareceu um certo artigo na imprensa soviética. Estava assinado por «Davidov». Ele propunha ligar entre si as cinco grandes rias siberianas.

De fato, a obra já tinha sido iniciada no outono de 1939: era a construção do «Grande Canal Turkmênio», que devia ligar o Turquestão ao Mar Negro, passando pelo Transcaspiano. Um milhão de prisioneiros trabalharam na obra durante 17 meses, sob terríveis sofrimentos. Era o princípio do «Plano Davidov» ou Canal dos Cinco Rios.

O problema mais difícil se apresentava a este, entre os rios Obi e Ienissei, na abertura das montanhas que vêm de Tannu. Em princípios de junho de 1949, Béria convoca Ioffe.

— Abrão Feodorovitch, sabemos que você está a par do «Plano Davidov». A verdade é que já quebramos alguns dentes contra a Glyba Kratoll (barreira rochosa que fecha um vale).

Contornar o obstáculo seria alongar o canal de 220 quilômetros em terra dura, o que equivaleria a mais alguns anos de trabalho suplementar.

— Certamente você já conhece esta Glyba — prosseguiu Béria. — O que queremos é rompê-la. Mas resta saber como devemos agir para uma realização mais efetiva. O general Berner acha que devemos empregar explosivos com cargas massivas. O essencial para nós é irmos depressa. Recentemente foi proposta uma solução mista: reduzir a rocha em partes, para cargas reduzidas e parte para cargas poderosas. Vê você algum inconveniente?

Inicialmente, é preciso avaliar as nossas possibilidades. Dispomos apenas de três cargas para experiências, das quais uma está sendo reservada para as manobras de outono. Assim, dispomos de somente duas.

— Admitimos que essa quantidade é suficiente. Agora, como as empregaremos?

— Antes de tudo, sem foguete. A experiência com o foguete é um risco que só correremos durante as manobras de outono. O problema do dispositivo? Isto é indiferente, uma vez que nenhum elemento indesejável poderá vê-lo. Mas o melhor seria dar a ele a forma de uma bomba. Se algum dia a bomba atômica for proibida, será excelente porque teremos mais chance de empregá-la para fins pacíficos. Um problema ainda: mandamos evacuar as rochas maciças existentes num raio de quarenta quilômetros. E' suficiente?

— Não posso dizer ainda. Porém, seria mais seguro aumentar a zona proibida para 60 ou 70 quilômetros.

Quando Ioffe vai a Moscou, vai à casa de Kapitza. Os dois homens estão juntos quando se anuncia uma visita para Ioffe, mensageiro do general Malichev.

Ele entra e se apresenta: GROCHOVSKI.

— Que deseja o general — perdão — o ministro? — Pergunta Ioffe.

— Assegurar o transporte das duas bombas que vão ser experimentadas até ao seu lugar de emprego.

— Ele acha que nós não podemos fazer isto sòzinhos? — Pergunta Kapitza, intrigado.

— Não! Mas pensa que já é tempo de aliar a teoria à prática.

— Está claro! Com imenso prazer! O senhor é aviador, mas não acha que seria preferível transportar por via férrea ou por caminhão?

— E' possível

E' PRECISO MANEJAR COM PRECAUÇÃO

— Será que... — Ioffe se detém.

A só idéia de transportar a carga atômica por avião impede-lhe a respiração. Entretanto ele sabe que, em caso de guerra, somente por via aérea pode-se atingir a América.

— Eu quero dizer — retoma o general — que nem sempre será possível transportar bombas atômicas por terra. A aviação deve, desde agora, se preparar para desempenhar este papel.

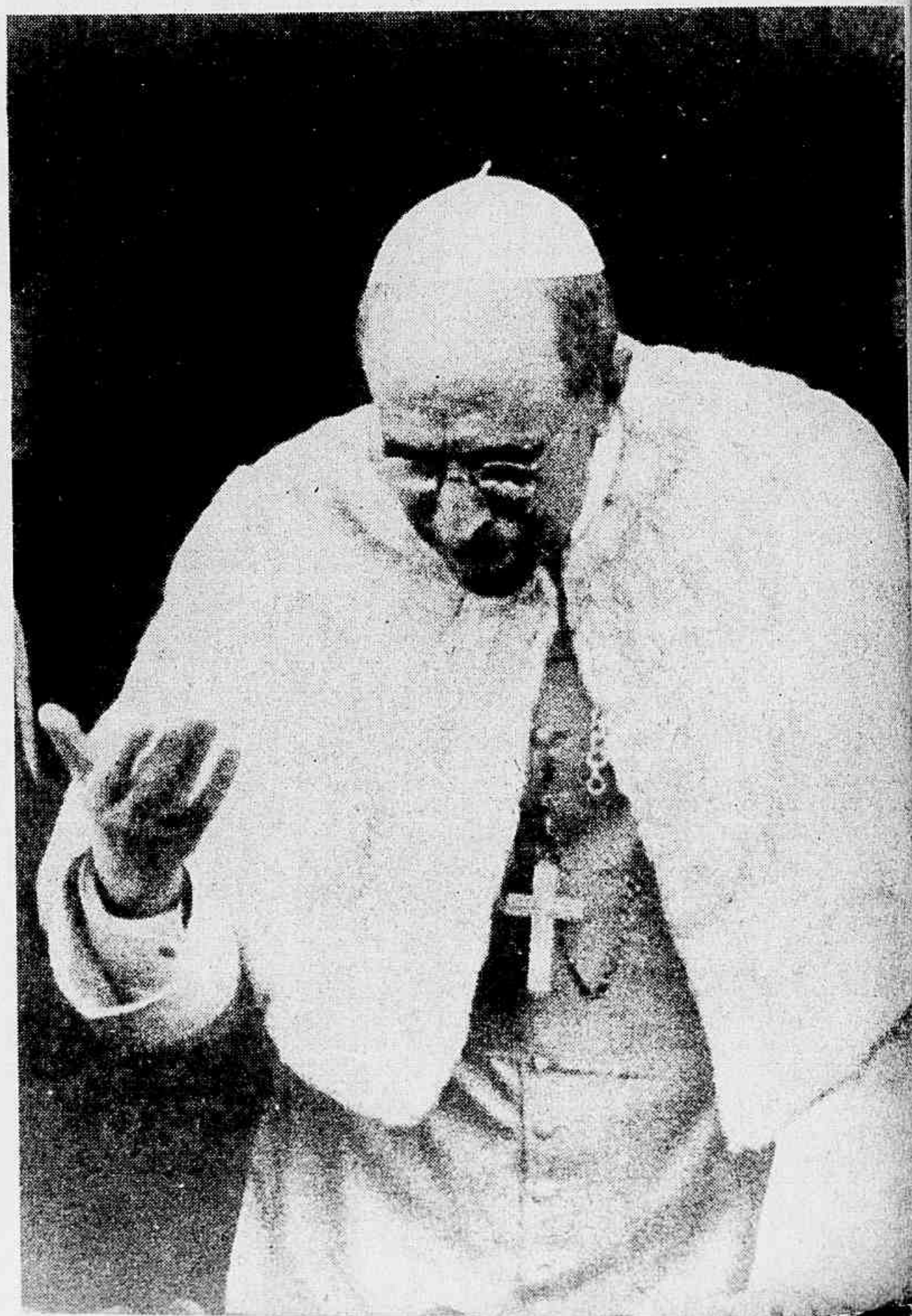
— E' coisa dêle! — Grunhe Kapitza que pensa em Stalina. — Ele discute conosco os menores detalhes e numa questão de tão grande importância como esta, ignora a nossa existência. (Cont. na página 58)

O PAPA

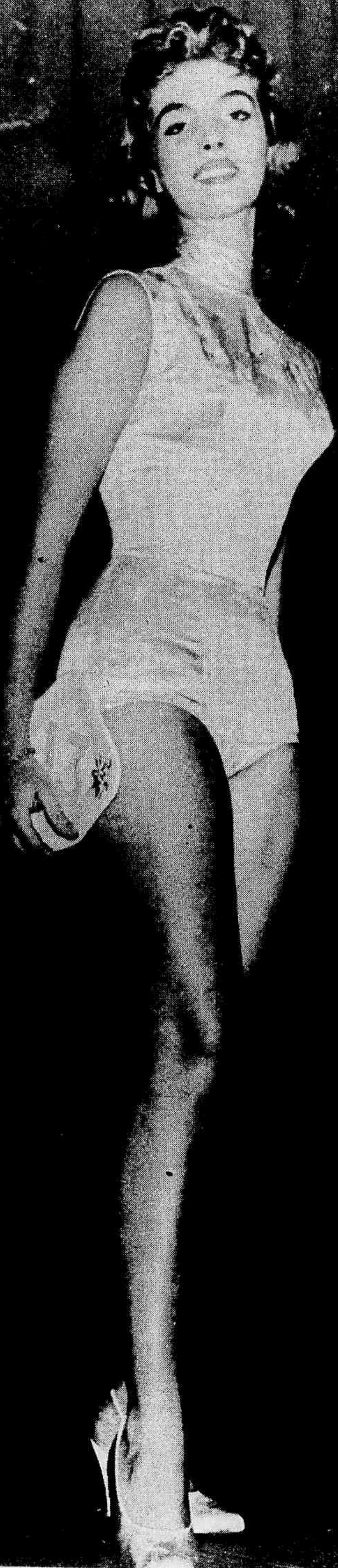
abênçoa a multidão

NO BALCÃO DO PALÁCIO DE CASTELGANDOLFO S. SANTIDADE SE ENTRETÉM FAMILIARMENTE COM SEUS FIÉIS ANTES DE REGRESSAR AO VATICANO

◇ Terminou a estada do Papa no seu Palácio residencial de Castelgandolfo. Mas antes de deixar a cidade e regressar ao Vaticano S. Santidade quis travar mais um contato com os fiéis da sua cidade querida. Ei-lo nas fotos ao lado quando se dirigia à multidão que foi ao palácio se despedir. O Papa já recobrou inteiramente a saúde, e está com um aspecto físico excepcional. Durante mais de meia hora S. Santidade ficou ao balcão do Palácio, como que conversando com os fiéis que se reuniram na praça. O Papa continua os seus intensos estudos da língua russa, pois deseja ler e conhecer diretamente os autores e as coisas da Rússia, para assim poder melhor conhecer a alma de seu povo. Ainda este ano o Papa pretende enviar uma mensagem ao povo da Rússia, escrita por ele mesmo, sem interferência de tradutores, ou de qualquer outra pessoa.







A NOVÁ RAINHA

Em tôda a história do concurso pela primeira vez uma candidata consegue a totalidade dos votos.

NO CONCURSO DE BELEZA A RAINHA GANHOU ROSAS



MARIA DE LOURDES MONTEIRO FOI ELEITA «RAINHA DA PRIMAVERA» ★ MARIA HELENA COM OS OLHOS CHEIOS D'ÁGUA ★ O OLHAR DA RAINHA É PENETRANTE ★ MOSES NÃO JULGOU ★ NERVOSO E OBEDIÊNCIA ★ MARIA DE LOURDES TEVE O MÁXIMO DE PONTOS EXIGIDOS.

A vencedora e a 2ª candidata que era a franca favorita e que acabou perdendo. Olhem bem, comparem com paciência e vejam se o júri decidiu com sabedoria e prudência.

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotografias de ALBERTO FERREIRA

MARIA de Lourdes Monteiro, do Colégio Anglo-Americano — depois de um duelo de beleza com Maria Helena Gioia, do Fluminense — foi eleita «Rainha da Primavera». São duas graças louras.

Quando o resultado foi anunciado, o repórter, ao lado de Maria Helena, nos bastidores, perguntou:

— «Como é? Triste?»

— «Não. O resultado foi justo. Maria de Lourdes é muito bonita».

Seus olhos estavam cheios d'água, mas não chorava. Foi chamada ao palco, abraçou e beijou sua competidora. Depois saiu ligeiro e desceu para os camarins.

Maria de Lourdes, enquanto isso, recebia rosas. As outras olhavam.

CHUVISCO NA PRIMAVERA

Chuviscava e fazia frio na rua, quando, no auditório da A.B.I., o locutor anunciou:

— «A nova Rainha da Primavera é Maria de Lourdes Monteiro, do Colégio Anglo-Americano».

Imediatamente, duas meninas, uma morena e outra loura, abraçaram-se e, com evidente nervosismo, começaram a gritar:

— «E' ela. E' ela. Que bom! Que bom!».

Acabava de ser escolhida a nova «Rainha dos Jogos da Primavera», olimpíada feminina, patrocinada pelo «Jornal dos Esportes», que convoca a competir moças de todo Brasil.

O chuvisco e o frio não importavam. Estava eleita, para um reinado de sol, essa graça loura, de 19 anos, aluna do 3º ano científico, que é Maria de Lourdes.

A DIFERENÇA

Desde a apresentação das candidatas, no desfile inaugural, até o momento em que os juízes chegaram a uma conclusão — depois de 55 minutos reunidos — dois nomes eram apontados como favoritos: Maria de Lourdes Monteiro e Maria Helena Heggendorf Gioia.

Duas louras de olhos verdes. Maria de Lourdes um pouco mais loura, olhos um pouco mais verdes e mais apertados. Maria Helena mais risonha, mais alta e mais simples. De rosto a Rainha parece ser mais bonita. As pernas de Maria Helena são mais roliças.

O OLHAR

Maria de Lourdes foi definida por um repórter:

— «E' uma beleza ativa».

— «Chega a agredir de tão bonita» — comentou outro.

Os olhos da Rainha qualquer um sentia:

— «São penetrantes».

Quando Maria de Lourdes olha — e ela sempre o faz dentro dos olhos — você sente um calafrio. E quando olha fixo, entreabrindo a boca e passando a língua nos lábios — gesto característico — aí a coisa piora muito.

A CICATRIZ

Maria de Lourdes, Rainha da Primavera, tem uma cicatriz no joelho esquerdo. Pequena.

MOSES NÃO JULGOU

A comissão que escolheu a nova Rainha da Primavera estava composta de, apenas, pintores. Eram: Quirino Campofiorito, Armando Viana, Augusto Rodrigues, Margareth Spencer e Lígia Clark. O sr. Herbert Moses não era um dos julgadores.

NINGUÉM ACREDITA

No Brasil, ninguém acredita em horário. Marcado para começar às 20 horas, o desfile das candidatas só começou às 20.55. O próprio dono da festa, jornalista Mário Filho, só chegou às 20.29. As moças esperaram desde às 19, os juízes, pontuais, desde às 20 horas.

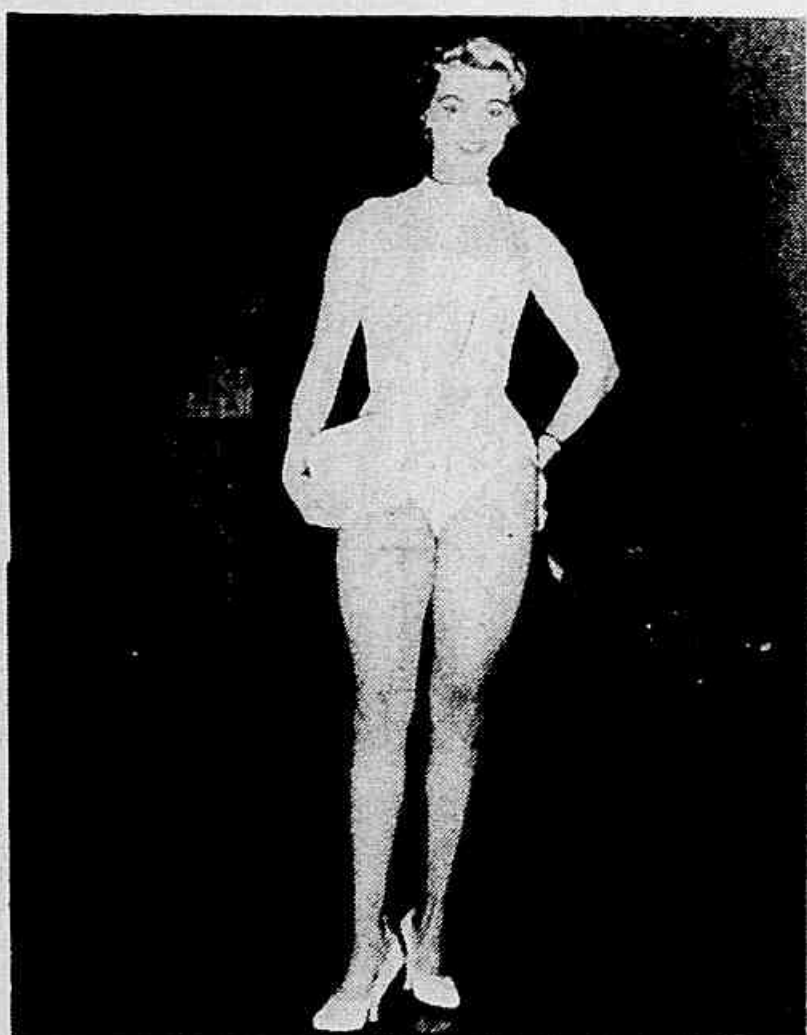
Um cafêzinho e músicas tocadas por um «pick up», distraíam os assistentes — também imprecisos — os juízes e as candidatas. «Arrevedeci Roma», música da moda, foi o sucesso. Tocou três vezes.

O COMEÇO

— «Começou bem. Se fôr assim até ao fim, está bom» — disse o rapaz do lado quando Alzira Miguel Pereira, do C.G. Desportivo 1909, iniciou o desfile.

Era uma loura, que veio com a mão nas ancas, andando ligeiro e atendendo, logo, aos pedidos dos fotógrafos.

E seguiram-se: Ana Luísa de Campos Ribeiro (A.A. Carioca); Cléa Moore (Ginásio Sul-Americano); Dalva de Castro Lima (Clube Náutico Capibaribe), a morena de olhos grandes e negros; Elfride Camargo (Instituto Coração de Jesus), a que fechava os olhos para os holó-



ALZIRA MIGUEL PEREIRA (C.G.D. 1909)



ANA LUISA RIBEIRO (A.A. Carioca)



MARIA AMÉRICA DE CARVALHO (F.N. Direito)



GEORGINA MILLIET (Olaria A.C.)



ELFRIDE CAMARGO (Inst. Coração de Jesus)



ILSE KONSTANZE (E.N. de Educação Física)



MARIA HELENA GIOIA (Fluminense F.C.)

no concurso de beleza

tes; Emília Silva Braga e Costa (Faculdade Nacional de Filosofia) a mais encabulada.

E mais:

Georgina Milliet (Olaria A.C.) a mais risonha; Ilka Chulvis (Sociedade de Ginástica Nacional); Ilse Konstanze Doerzapff (E.N. de Educação Física), a «alemãzinha» dos lábios finos; Magali Nogueira Saba (C.R. Flamengo), a miudinha obediente; Maria América de Carvalho (F.N. de Direito), Maria Helena Heggendorff Gioia (Fluminense F.C.), a esfuziante; Maria de Lourdes Monteiro (Anglo-Americano), a penetrante; Marlene Maria Frazão (F. Ciências e Letras); e Renée Martins de Almeida (C.R. Vasco da Gama).

NERVOSO E OBEDIÊNCIA

Tanto quando vieram em grupos, como uma por uma, as moças foram obedientes — pelo menos para os fotógrafos, que lhes comandaram o desfile, com seus pedidos de poses.

— «Mais para lá, mais para cá, levanta o meio, chega a perna para a frente» — pediam. Eram atendidos.

Moças e fotógrafos se entendiam. Os da imprensa falando alto. As moças sussurrando, para a comissão julgadora não zangar.

E foi espantada que Magali Saba perguntou ao que desejava que ela chegasse «para lá».

— «Pra lá pra onde?»

Tôdas nervosas e, algumas, encabuladas. Uma, que estava mais resabiada, quando lhe perguntaram, em pleno desfile, se estava encabulada, respondeu:

— «E você queria que não estivesse?»

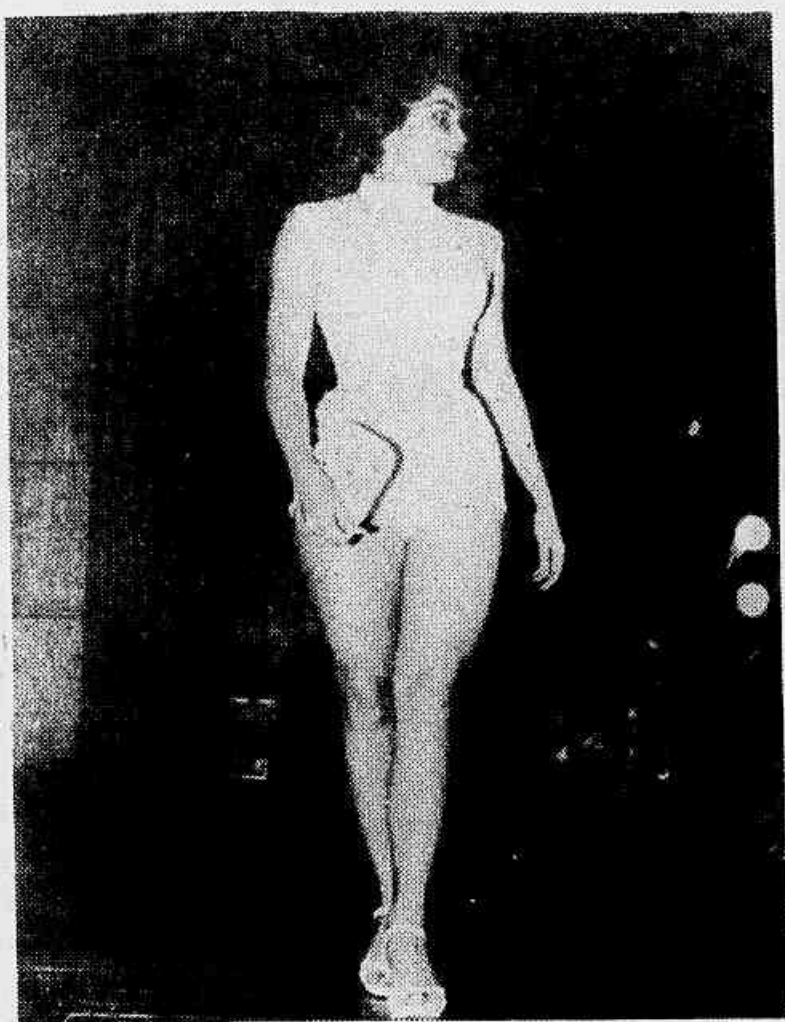
DE BRANCO

Primavera é a estação das côres, mas tôdas as moças se apresentaram de maiôs brancos, de cetim, com aplicações. Sapatos de salto alto. Uns brancos, outros pretos.

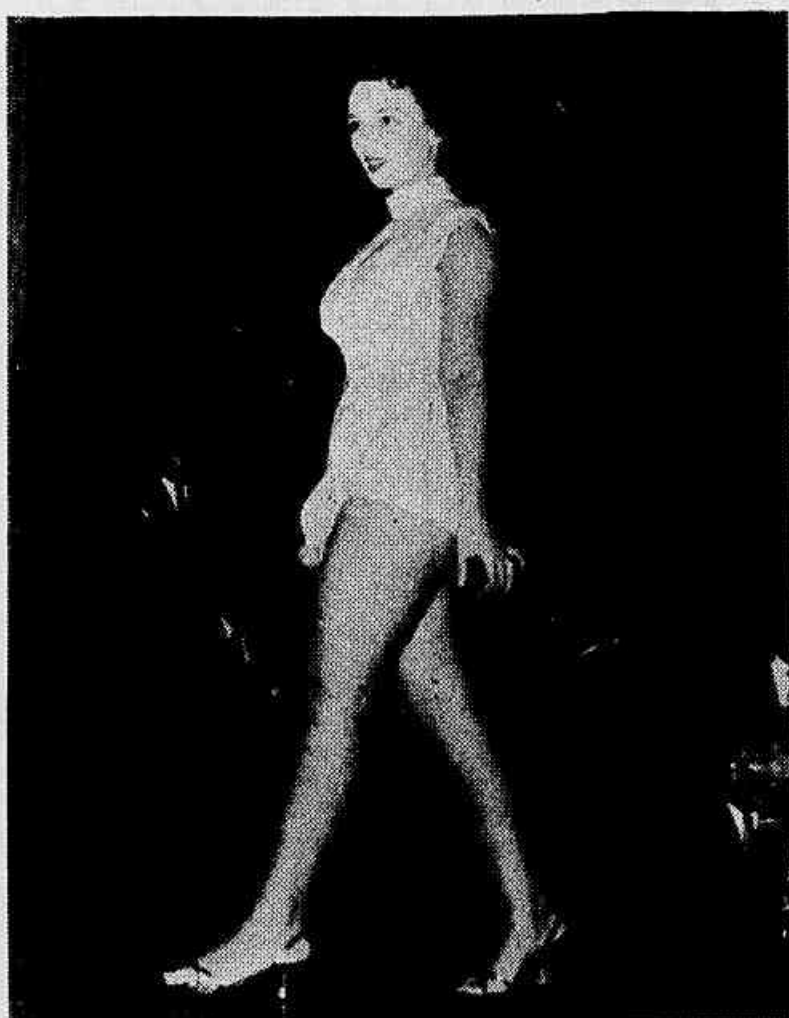
MAES ZELOSAS

Quase tôdas as mães de candidatas estavam presentes e zelavam por suas filhas. Prepararam as moças para o desfile, consolam na derrota.

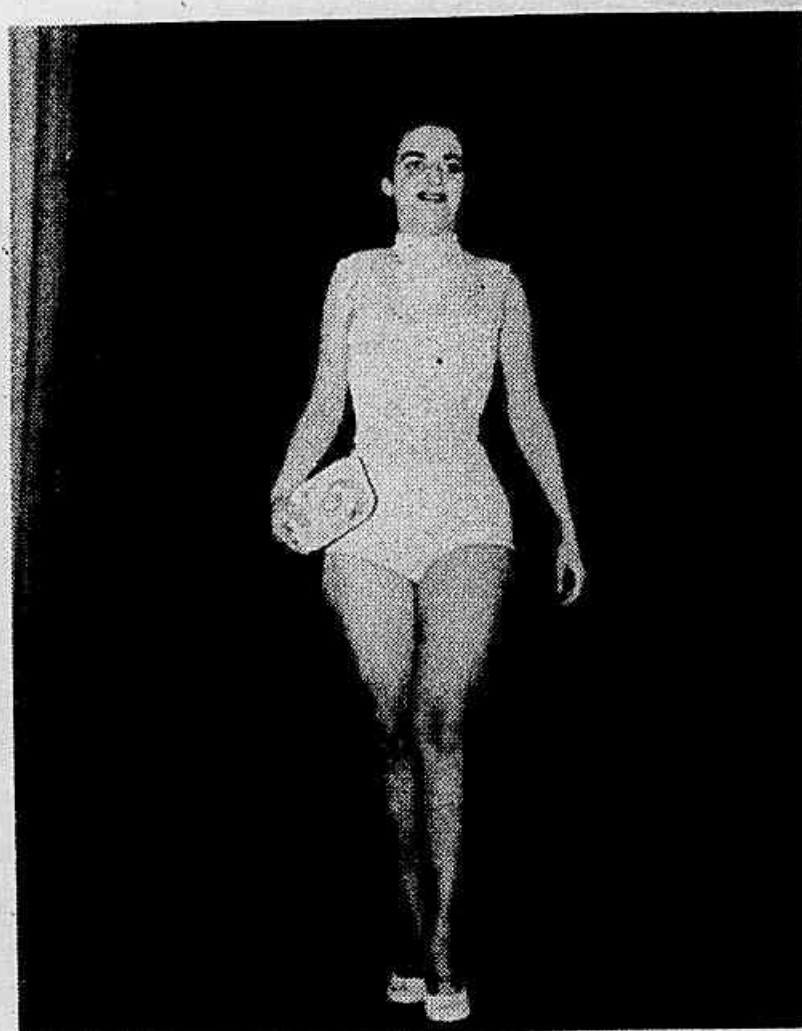
Irmãs e amigas — tôdas jovens — ficaram tão ou mais nervosas que as candidatas. Antes do desfile, andando para lá e para cá, dando conselhos e ajudando a arrumar os cabelos. Durante, torcendo; depois, chorando.



DALVA DE CASTRO LIMA (Clube Náutico)



ILKA CHULVIS (Sogina)



MARLENE MAIA FRAZÃO (F. de C. e Letras)



MAGALI SABA (C.R. Flamengo)



CLÉIA MOORE (Ginásio Sul-Americano)



RENÉE MARTINS DE ALMEIDA (V. da Gama)

a rainha ganhou rosas

UMA POR UMA

Depois do desfile geral, as moças vieram uma por uma. Torcida, quase que organizada, para Maria Helena, do Fluminense:

- «Viva. Já ganhou. Salve».
 - «Ma-ri-a He-le-na. Ma-ri-a He-le-na».
- Em seguida, de três em três.
E as opiniões divididas.
- «Vai ganhar Maria de Lourdes».
 - «Qual o que, Maria Helena não perde».

SETE FINALISTAS

Foram selecionadas: Alzira Miguel Pereira, Dalva de Castro Lima, Georgina Milliet, Ilse Doerzapff, Magali Saba, Maria Helena Gioia e Maria de Lourdes Monteiro.

Já antevendo o resultado, Maria de Lourdes e Maria Helena custaram a sair do palco.

Depois ficaram só quatro: Dalva, Magali, Maria de Lourdes e Maria Helena.

Para a final só as duas Marias.

Depois, a comissão deu o resultado:

- 1º—Maria de Lourdes Monteiro, com 100 pontos.
- 2º—Maria Helena Gioia, com 85,6.

3º—Magali Saba, com 83,8.

4º—Ilse Doerzapff, com 67,6.

5º—Dalva Lima, com 67,5.

6º—Georgina Milliet, com 62,9.

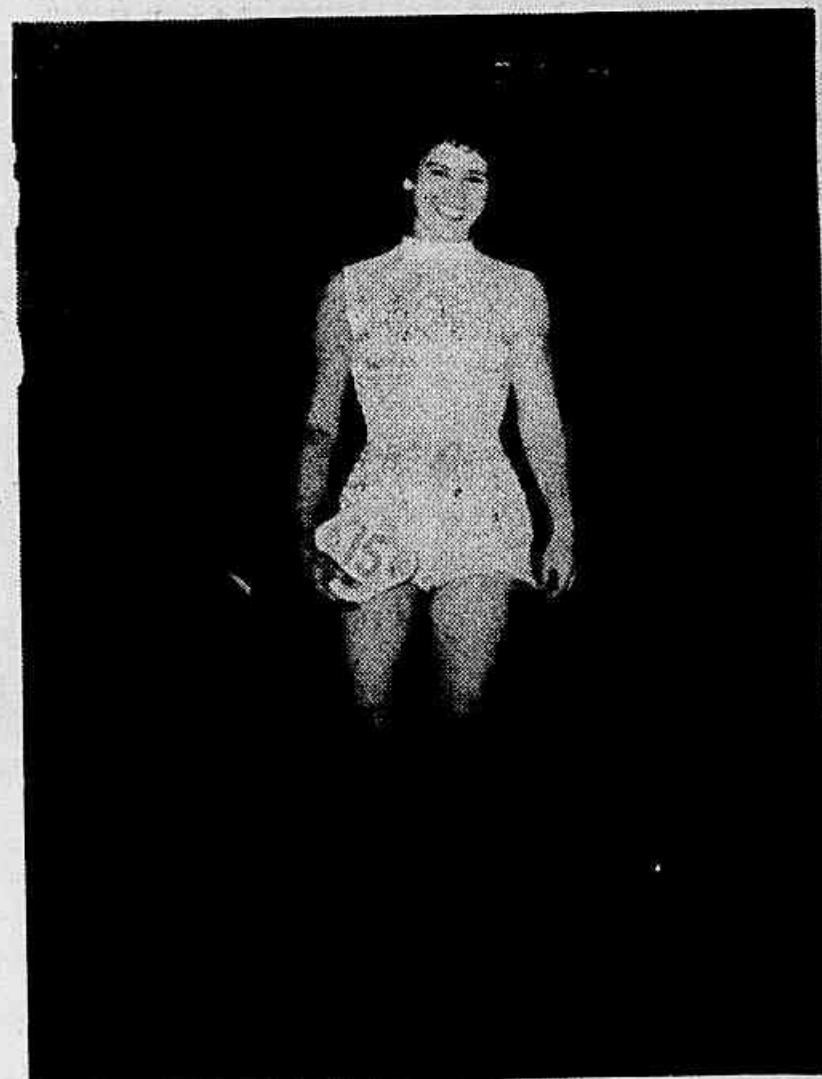
Por séries, o resultado foi: dos clubes, Maria Helena Gioia; das faculdades, Ilse Doerzapff; dos colégios, Maria de Lourdes Monteiro.

COMO SER RAINHA

Para ser Rainha da Primavera, a moça precisa ter boa plástica, harmonia de traços fisionômicos e eficiência esportiva.

As três primeiras colocadas tinham o máximo em eficiência esportiva. Maria de Lourdes foi a única com o máximo em plástica e harmonia de traços fisionômicos. Foi a vencedora.

Até hoje, nenhuma das oito Rainhas da Primavera havia obtido o máximo de pontos. Maria de Lourdes teve. A que entrega os títulos é Daisy de Aquino Correia, também do Colégio Anglo-Americano. Duas outras rainhas, além de Daisy, estavam presentes: Ingrid Schmidt e Lígia Cunha.



EMÍLIA SILVA BRAGA (F.N. de Filosofia)

CORRETORES (AS)

Predial Cruzeiro do Sul S.A. para lançamento do sensacional Plano Novidade, convida os snrs. e sras. que tenham vendido loteamentos, para venda externa, sem horário, de formidável mercadoria imobiliária, que virá revolucionar o mercado de imóveis.

Tratar diariamente das 9 às 18 horas, em sua sede, à Rua da Assembléia, 36 — 11º andar

N.B. — Não se trata de loteamento, nem capitalização.



INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. -PRINCIPEHOTEL-



CIDADE NUA

Por SÉRGIO ROBERTO

Um Constellation da Panair saiu vazio do Rio para ir apanhar na Europa o sr. José Maria Alkmim e comitiva. Preço combinado (e pago): 1 milhão de cruzeiros.

★

O sr. Negrão de Lima vai construir no Largo de São Francisco (terrenos do antigo Parc Royal) um belíssimo mercado de flores. O projeto (magnífico) é de Sérgio Bernardes. A construção será financiada pelos próprios arrendatários do mercado.

★

Há mais de 2 meses está vago o lugar de comandante do 4º Exército cuja sede é Recife. Fala-se que vários generais recusaram essa comissão por divergirem do general Cordeiro de Farias.

★

Trava-se uma tremenda batalha nos subterrâneos esportivos em torno da indicação do técnico para o próximo campeonato mundial (1958 - Suécia). A maioria da crônica esportiva luta pelo sr. Carlito Rocha. Os paredros embora reconheçam credenciais no líder botafoguense vetam o seu nome. Razões: Carlito é independente e não topa nenhuma espécie de marmelada.

★

O edifício do Jornal do Comércio finalmente vai ser derrubado. Em seu lugar será construído um edifício de 27 andares. O próprio jornal estava sendo também negociado, mas exigências consideradas descabidas esfriaram os pretendentes.

★

Carlos Machado está entusiasmado com o faturamento do «Night and Day» com «Rio de Janeiro... a Janeiro». A coisa tem andado por volta de 500 contos diários.

★

João Bitencourt é a maior revelação de diretor do teatro brasileiro nos últimos 20 anos. O espetáculo que ele conseguiu apresentar com uma peça reconhecidamente fraca (Memórias de um Sargento de Milícias) e um elenco entre inexperiente e experiente de mais, (cheio de vícios e cacoetes), credencia-o magnificamente.

★

Pela primeira vez em 10 anos não será convocado extraordinariamente o Congresso. Os líderes de todos os partidos resolveram que a 15 de dezembro o Congresso entrará em recesso.

★

Fracassou inteiramente a comissão de cinema nacional nomeada pelo prefeito Negrão de Lima. Diga-se de passagem que com aqueles nomes qualquer comissão fracassaria.

★

O vereador Hugo Ramos Filho é um dos mais fortes concorrentes ao lugar de ministro do Tribunal de Contas do Distrito na vaga do padre Olímpio de Melo que será atingido pela compulsória dentro de poucos dias. O sr. Mauro Viegas também pretende o lugar.

N O atual período administrativo não têm sido poupados esforços no sentido de incrementar as obras que visam ao maior conforto e tranquilidade do trabalhador brasileiro. Vários são os empreendimentos que se estão elaborando com o objetivo de apoiar e estimular as classes produtoras, a fim de que estas, conientes na atitude do governo e melhormente preparadas para o desempenho de suas tarefas, possam considerar-se parte indispensável da máquina administrativa e, portanto, ciosa de seus deveres para com o País.

A atual administração da Fundação da Casa Popular teve de realizar, em tempo «record», considerável volume de obras no conjunto que se denominou «Núcleo Residencial Presidente Vargas», em Deodoro, obras tôdas complementares, de modo que pudesse entregar as unidades aos candidatos habilitados dentro do prazo determinado e, para isso, não foram poucas as dificuldades que teve de vencer, tais como o aumento salarial, que produziu transitória dificuldade na aquisição de materiais para construção, e períodos de chuvas contínuas. Todavia, sem medir sacrifícios, e norteados no princípio de bem servir àqueles que esperam pela Fundação da Casa Popular e de retribuir a confiança que lhes foi depositada pelo Presidente da República, a administração da Fundação da Casa Popular, dentre outros, executou os servi-



O Superintendente da Fundação da Casa Popular, sr. Marcial Lago, no momento em que fazia a entrega do apartamento ao sr. Cícero Viana Pontes, e à sua esposa, d. Maria da Silva Pontes. Presente ao ato esteve o sr. Ministro do Trabalho, dr. Parsifal Barroso.

FUNDAÇÃO DA CASA POPULAR

ços de instalação das redes de abastecimento d'água, de esgotos e de águas pluviais; instalação total da rede elétrica subterrânea e aérea; posteação e iluminação das ruas, dos apartamentos; construção de muros de arrimo para proteção de taludes dos blocos; construção do prédio destinado à agência de administração do Núcleo; construção do prédio destinado ao mercado para o abastecimento local; construção do posto policial; construção da agência postal; construção da praça de esportes; pavimentação das ruas e áreas de uso comum entre os «pilotos» e ardinamento do núcleo visando a preservar a estética do conjunto.

Mas a preocupação da administração da Fundação da Casa Popular subdividiu-se em todos os sentidos não deixando de tratar com grande cuidado do problema educacional das crianças que ali passarão a residir, tôdas ou quase tôdas, em idade escolar, tendo assinado, com a Prefeitura do Distrito Federal escritura de cessão de uma gleba de terreno onde está construído o Núcleo, e que se destina à construção de uma Escola, para que, segundo estamos informados já possui a governança da cidade a verba necessária para o empreendimento.

A solenidade de entrega do Núcleo Residencial Presidente Vargas, a qual compareceu o exmo. sr. Ministro do Trabalho, dr. Parsifal Barroso, representando o Presidente da República, este pronunciou brilhante oração, na qual deixou claro a tristeza do sr. Juscelino Kubitschek e do Vice-Presidente da República em não terem podido comparecer a tão significativo acontecimento, acrescentando que «... a bem da

verdade a festa de hoje representa, antes de tudo, o empenho do governo em terminar, tôdas as obras que, em administrações anteriores foram iniciadas em benefício dos trabalhadores brasileiros. Não há maior testemunho dêsse esforço do governo, do que o decreto promulgado, logo no início do atual governo, proibindo aos institutos de previdência social, a realização daquelas operações imobiliárias, que lhes davam maiores lucros, mas que não se destinavam ao trabalhador, e à sua família. Com essa medida, o sr. Presidente da República demonstrou cabalmente que estava desejando propiciar aos trabalhadores e à sua família, no setor de política habitacional, uma nova fase dentro da qual fossem asseguradas condições plenas para o término daquelas obras iniciadas em administrações anteriores, ao mesmo tempo que se acumulavam recursos para o investimento em novos planos que são há tanto tempo desejados pelo trabalhador nacional... E como se isso não bastasse, o governo da República procurou superar, tôdas aquelas dificuldades de ordem financeira que se acumulavam, tolhendo o desenvolvimento da obra, a cargo da Fundação da Casa Popular. E' que tôdas aquelas somas consignadas em lei para que a Fundação realizasse o seu programa de assistência habitacional, infelizmente, não haviam sido postas à disposição da Superintendência e daí porque, como Ministro do Trabalho, procurei interessar o sr. Ministro da Fazenda, na aprovação de um esquema que permitisse a liquidação de todos os compromissos financeiros atrasados e que agora, graças a Deus, começam a ser pagos,

possibilitando à Fundação uma nova fase de plena expansão de suas atividades.

E como se não fossem suficientes essas providências, o governo acaba de propor ao Congresso Nacional, através da reforma administrativa da nossa Previdência Social, uma modificação profunda na organização da Fundação da Casa Popular, alçando-a à posição do instituto destinado a resolver a política de assistência habitacional do governo, com recursos e a necessária liberdade de movimentos, sem o que não poderíamos levar adiante a pesada missão que o governo e os trabalhadores lhe confiaram, certos de que a previdência social, quanto antes, deve voltar as suas vistas para esse setor da política habitacional, recuperando todo o tempo perdido.

Eis por que meu coração de brasileiro e de trabalhista exulta neste momento quando verifica que tudo aquilo quanto foi sonhado e idealizado pelo gênio político de Getúlio Vargas vai continuando pela ação do atual governo e ser mantido, a ser aperfeiçoado, a ser engrandecido porque, de outro modo, este governo não estaria sendo fiel à confiança que lhe foi depositada pelos trabalhadores do Brasil.

Constituiu-se, como pode-se imaginar pelo exposto acima, dada a sincera expressão dos diversos oradores que louvavam a ação governamental e ainda muito particularmente pela cordialidade do Superintendente da Fundação da Casa Popular, uma verdadeira festa cívica e de larga repercussão em todo o país, a entrega do «Núcleo Residencial Presidente Vargas» aos trabalhadores.



FRACASSOU O PRIMEIRO MINISTÉRIO JUSCELINO

MAIS FRACO QUE O FAMOSO MINISTÉRIO DE EXPERIÊNCIA COM QUE VARGAS COMEÇOU A GOVERNAR EM 50 — UM HOMEM TREMENDAMENTE DINÂMICO (JUSCELINO) TRABALHANDO COM HOMENS QUE PENSAM 3 DIAS ATÉ PARA TOMAR UM CAFÉ PEQUENO — AS FAMOSAS INJUNÇÕES POLÍTICAS — OS HOMENS QUE JUSCELINO QUERIA ESCOLHER E OS QUE ESCOLHEU REALMENTE — NEM JESUS CRISTO CONSEGUIRIA FAZER UM BOM GOVERNO COM ESSES MINISTROS IMPOSTOS — MAS A REFORMA MINISTERIAL NÃO PODE DEMORAR MUITO

Reportagem de HÉLIO FERNANDES

ENQUANTO não se fizer a reforma partidária, instituindo no Brasil (a exemplo dos EE.UU.) o bi-partidarismo, o primeiro ministério de qualquer Presidente será um ministério de compromissos e só por milagre será bom. Em 46 o general Dutra começou com um Ministério ruim que modificou logo a seguir. O sr. Getúlio Vargas em 50 começou com o famoso Ministério de experiência mas menos de um ano depois teve que apelar para a reforma. E agora o fenômeno se repete com o sr. Juscelino Kubitschek.

Com 13 partidos e um Congresso que é uma verdadeira colcha de retalhos o Presidente fica no dilema de satisfazer os partidos que o apoiam ou governar com minoria parlamentar.

Tendo participado da campanha do sr. Juscelino Kubitschek, e tendo

viado com o Presidente para os EE.UU. e para a Europa, pude testemunhar os esforços do sr. Juscelino para organizar um Ministério de notabilidades, de homens moços e decididos que pudessem acompanhar o seu notável dinamismo. Mas a prova de que o Presidente nada conseguiu está aí neste Ministério de 5ª grandeza. Assumindo a Presidência da República resolvido a fazer o maior governo de todos os tempos, o sr. Juscelino só conseguiu indicar pessoalmente 2 dos 10 nomes que compõem o Ministério. Não incluímos os ministros militares que são escolhidos sempre fora do critério partidário. E não será por coincidência que as duas maiores figuras do Ministério (Francisco Negrão de Lima e José Maria de Alkmin) foram precisamente as únicas indicadas exclusivamente pelo Presidente Juscelino sem interferência dos partidos.



GENERAL LOTT
Ministro da Guerra

◆ Passou mais de 40 anos dedicado inteiramente à caserna e à sua carreira. Subitamente (a 24 de agosto) foi despertado para a glória e a popularidade. Nesses 2 anos então, modificou-se inteiramente. Passou a dar entrevistas, a intervir em assuntos civis, transformou-se num dos homens mais poderosos do país. Dou o meu testemunho de único jornalista a assistir o encontro Nereu-Lott a 11 de novembro às 5 horas da tarde, que o sr. Nereu Ramos escolheu livremente seu Ministério, sem a menor interferência ou imposição do gen. Lott. A meu ver o único pecado real do ministro da Guerra foi a criação da Frente de Novembro, aliando exército e pelegos. E o futuro nos dirá se o sr. Lott pagará por esse erro ou se será beneficiário dele.



BRIGADEIRO FLEIUSS
Ministro da Aeronáutica

◆ O sr. Henrique Fleiuss tem um excelente nome dentro da Aeronáutica. Fêz uma carreira rápida e marcada de êxitos, e como chefe do Gabinete do sr. Armando Trompowsky carregou o Ministério nas costas, pois o sr. Trompowsky como ministro foi um bom frequentador de banquetes na varanda do Jóquei Clube. A nomeação do sr. Fleiuss deveria ter ocorrido com a posse do sr. Juscelino Kubitschek, mas o brigadeiro Secco teimou em usar o automóvel oficial por mais uns tempos, e só 45 dias depois o sr. Fleiuss se transformava em ministro. Pode-se acusar o sr. Fleiuss de falta de energia, mas deve-se reconhecer honestamente que a situação da Aeronáutica é muito difícil. Ministro que hostilizar o sr. Eduardo Gomes não se agüenta. Mas não se agüenta também o ministro que tentar fazer o jogo do herói de 22. E quem ficar no meio termo será acusado de pouco enérgico, contemporizador e ministro «rolíço». Portanto...



ALMIRANTE CÂMARA
Ministro da Marinha

◆ O sr. Alves Câmara foi escolhido ministro a 11 de novembro exclusivamente pelo sr. Nereu Ramos que declarou «conhecê-lo de uma viagem que ambos fizeram como componentes da delegação que foi à posse do Presidente Videla, no Chile». Credenciais muito precárias como se vê. Também a alegria dos integralistas com a escolha de s. exa. não recomenda muito o seu nome. Até agora vem justificando o anonimato em que fêz toda sua carreira na Marinha. Chegou a almirante, mais desconhecido e ignorado do que os discursos do sr. Pedro Calmon. Ainda não foi substituído porque o sr. Renato Guilhot quer ser ministro de qualquer maneira e não é possível expor a Marinha novamente a essa humilhação. O sr. Câmara só tem uma consolação: é muito melhor que o sr. Pena Botto.



JOSÉ MARIA ALKMIM

Ministro da Fazenda

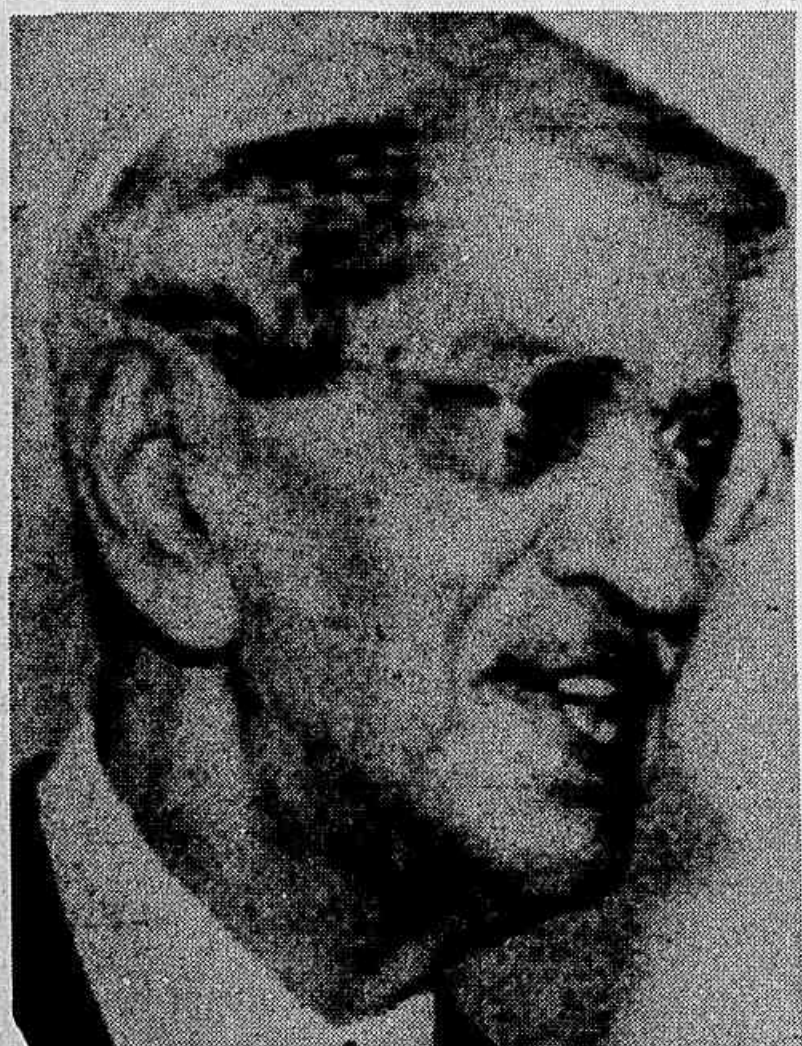
◆ O sr. Alkmim começou inseguro, hesitante, como que apalpando o terreno. Estava apontado para líder da maioria, mas preferiu o Ministério da Fazenda. Sua nomeação foi recebida com reservas. Deu duas entrevistas à televisão que ainda mais intranquilizaram os meios econômicos e financeiros, pois disse bobagens em quantidade, metendo os pés pelas mãos. Mas de repente parece que encontrou-se, firmou-se e começou a tomar medidas acertadíssimas. E a sua grande campanha contra a inflação (apesar da indiscriminada e às vezes prejudicial retração do crédito) vai levar este país a melhores dias. Não é ligado a nenhum grupo, e apesar das acusações de alguns, é um homem rigorosamente honesto e de extraordinário espírito público. Um dos poucos homens que continuará no Ministério depois da reforma que se aproxima rapidamente.



PARSIFAL BARROSO

Ministro do Trabalho

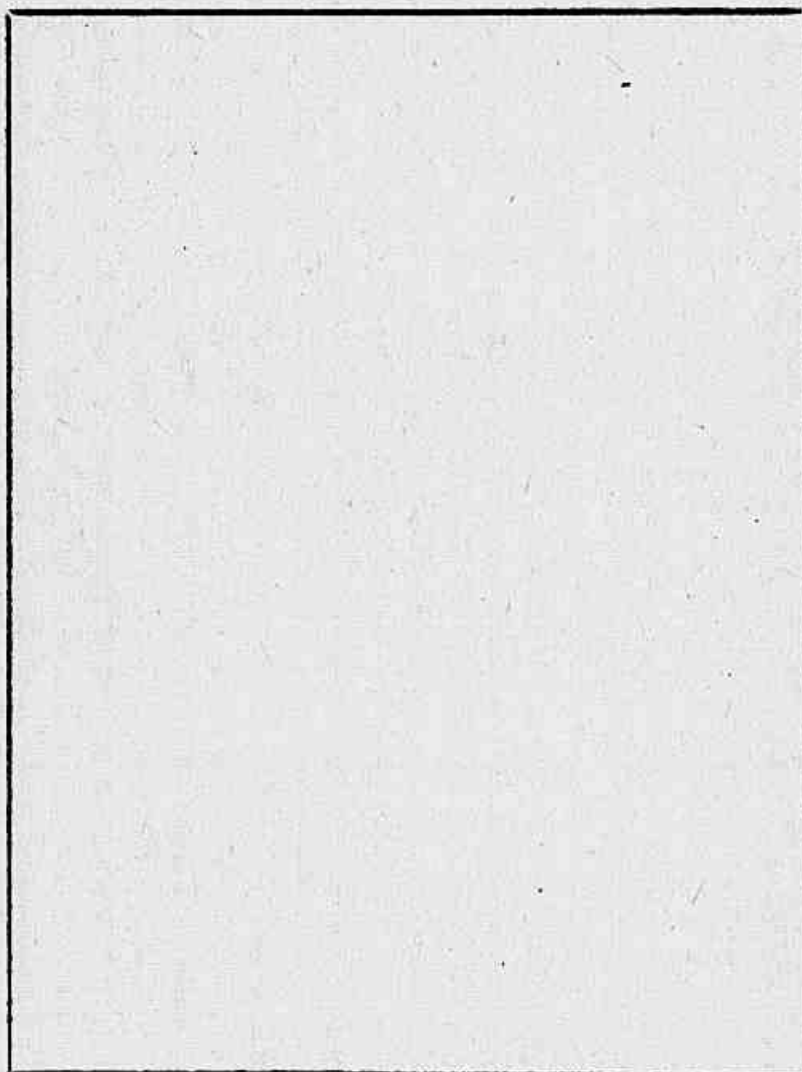
◆ O sr. Parsifal Barroso conseguiu uma coisa que parecia impossível: ser pior que Segadas Viana, Danton Coelho, e os outros interinos que passaram pelo Ministério do Trabalho. Escolhido pelo fato de ninguém saber quem ele era, o sr. Parsifal (personagem de Wagner) passou a ser um personagem ridículo e obscuro (mais do que antes), absolutamente alheio às coisas do trabalho, da indústria, do comércio e da previdência social. Exatamente as que estão sob a sua jurisdição. Só saiu do anonimato (ganhando até primeiras páginas) quando mandou o seu motorista avançar o sinal e desrespeitar o guarda de trânsito. Mas só isso é pouco para nove meses de Ministério. Bem razão tinha o Presidente Juscelino quando quis nomear outro para o Ministério do Trabalho. Mas as famosas injunções políticas impuseram o sr. Parsifal, e o resultado é o que aí está.



MAURICIO DE MEDEIROS

Ministro da Saúde

◆ O velho professor Maurício de Medeiros nunca deveria ter se metido nessa aventura ministerial. Provavelmente sua imaginação jamais voou tão alto. Mas Deus pôe e o homem dispõe, e lá foi o sofrido jornalista de uma hora para a outra dar com os costados no Ministério da Saúde. E que outra coisa poderia fazer senão passear de automóvel oficial, aparecer nos jornais e participar das reuniões do Ministério? A culpa não é dele evidentemente. Mas se culpa ele não teve na própria escolha, tem-na (e muita) na luta desesperada que vem mantendo para continuar como ministro. E tão desejoso de continuar, está o ilustre sr. Medeiros, que até se juntou ao poderoso e riquíssimo sr. Arnaldo Cerdeira um dos donos do PSP. Mas isso já é outra história, que um dia se contará.



MARIO MENEGHETTI

Ministro da Agricultura

◆ O espaço que deveria ser ocupado pela foto do sr. Meneghetti vai em branco. Não foi possível encontrar em todos os arquivos do Brasil uma só fotografia do atual ministro da Agricultura. Absolutamente inédito e desconhecido o sr. Meneghetti foi nomeado para o Ministério depois de uma busca desesperada, em que até a Rádio Patrulha quase foi chamada a colaborar para encontrar um candidato que servisse. Segundo o sr. Ferrari, líder do PTB, o seu correligionário escolhido, «não distingue um jequitibá de um pé de alface». Exagero, evidentemente. Mas a verdade é que até agora o sr. Meneghetti ainda não desmentiu as afirmações do seu líder. Embora também se possa afirmar com segurança, que ainda não tentou arrancar um jequitibá com as mãos, pensando que fôsse um frágil pé de alface. Nem comê-lo em salada.



J. C. DE MACEDO SOARES

Ministro das Relações Exteriores

◆ O sr. J. C. já foi tudo neste país. Jornalista, escritor, ministro várias vezes, acadêmico, embaixador e mais uma porção de coisas. Todas aliás (diga-se a bem da verdade) executadas rotineiramente e sem maior entusiasmo. A 11 de novembro foi chamado novamente. Dizem que o doutor Nereu tem grande admiração pelo doutor Macedo. Eles se entendem. Se dissermos que o doutor Macedo resistiu e não queria voltar à tona, também estaremos dando um depoimento autêntico. Mas a verdade é que o embaixador voltou e é como se, continuasse retirado. Pois o Itamarati continua o mesmo monumento à inutilidade e à displicência nacional. Os grandes valores que lá existem são sufocados pela tremenda mediocridade que se apossou há longos anos do velho palácio, da rua Larga.



CLÓVIS SALGADO

Ministro da Educação

♦ O sr. Clóvis Salgado veio para o Rio aureolado por um cartaz maior que o de César ao conquistar as Gallias. Dizia-se maravilhas do homem que substituiria o sr. Kubitschek em Minas. Falava-se que era extraordinário e que no Ministério da Educação faria coisas também extraordinárias. Nomeado e empossado bastaram uns poucos meses para que readquirisse a postura normal e rotineira. Não tem qualidades, não entende dos problemas de educação (nem de nenhum outro), não tem sensibilidade artística, (é apenas casado com uma senhora que canta) e desmandou-se como um troca-tintas vulgar. Além do mais, cometeu a monstruosidade de trazer para a chefia do Gabinete esse inefável sr. Brant, «rapaz competente, sorridente e de carreira definida» no dizer d'ele próprio. Como prêmio ao seu fracasso será nomeado embaixador, logo que puder desocupar a pasta. O sr. dr. Álvaro Lins também já não foi?



CEL. BATISTA TEIXEIRA

Chefe de Polícia

♦ O cel. Batista Teixeira é um dos homens públicos brasileiros mais acusados e odiados. Dizem que tôdas as barbaridades e atrocidades da polícia do Estado Novo eram obra sua. Contam coisas realmente de estorpecer sobre a sua passagem pela polícia. No 11 de novembro assumiu a chefia de polícia, mas 48 horas depois era exonerado sem que se saibam até hoje os motivos nem da ascensão nem da queda fulminantes. Sua nomeação agora para a chefia de polícia causou evidente mal estar. Mas é um dos homens que vem se conduzindo com mais equilíbrio e dignidade neste momento. Organizou um Gabinete com predominância de elementos civis (bons), vem examinando todos os casos com serenidade e fazendo uma excelente administração. Ou era mentira tudo que se dizia sobre o seu passado, ou o coronel quer se reabilitar diante da opinião pública. E terá o nosso apoio enquanto continuar nesse caminho.



LÚCIO MEIRA

Ministro da Viação

♦ O almirante Lúcio Meira deve ser um grande católico e como tal, protegido de Deus. Pois sendo absolutamente medíocre e desprovido de qualquer brilho intelectual, vem fazendo uma carreira vistosa e atingindo os postos mais importantes na sua corporação e mesmo fora dela. Foi oficial de Gabinete do sr. Getúlio Vargas e a sua boa fortuna fê-lo ligar-se ao sr. Amaral Peixoto. Gozou muito tempo as influências e o prestígio do Catete. E a 31 de janeiro quando desfrutava o «ócio com dignidade» lá pelas terras baianas, foi escolhido para o Ministério da Viação, ainda por obra e graça do sr. Amaral Peixoto. No Ministério, mergulhou num sono reparador e só acordou para assinar a famosa portaria sobre rádio e televisão. E voltou a dormir tranquilamente, que o esforço empregado lhe desgastara as forças. Mas não dura muito.



NEREU RAMOS

Ministro da Justiça

♦ Durante muitos anos o sr. Nereu Ramos pensou em ser Presidente da República. Em 50 quase conseguiu e se não fôsse a teimosia do general Dutra, ele teria conseguido ser o Presidente de todos os brasileiros. Antes já desperdiçara outras oportunidades. Mas quando já estava conformado e com suas ambições adormecidas, aconteceu (vá lá o termo social) o 11 de novembro, e em menos de 24 horas o doutor Nereu mudou-se da Avenida Atlântica para a rua do Catete. Em consequência dos 80 dias que passou como Presidente da República foi escolhido para o Ministério da Justiça. Mas essa história até hoje ainda não foi bem contada. Algumas vezes tem desafinado com o Catete, outras tem se chocado com o Ministério da Guerra. Já foi interventor, governador, líder da maioria, presidente quase perpétuo da Câmara. Presidente da República, senador e agora ministro. Mas uma coisa é certa: sua carreira política terminará quando acabar o seu mandato.

NEGRÃO DE LIMA

Prefeito do Distrito Federal

♦ O sr. Negrão de Lima é o prefeito mais elegante e mais dinâmico que o Distrito Federal já conheceu em qualquer época. Segundo Joel Silveira é um prefeito karr para uma cidade shangai. Se conseguir ficar na Prefeitura os 5 anos do Governo Juscelino vai recuperar completamente as finanças do Distrito. Empenhadíssimo em executar as obras do Metrô, avenida Perimetral e avenida Radial-Oeste. De uma honestidade a toda prova, continua pobre, apesar de ter ocupado grandes cargos na administração pública. Já fez muito pelo Rio. Mas se ficar mais uns anos, vai passar à história desta cidade como o seu maior prefeito desde Pereira Passos. O grande mérito da escolha de Negrão de Lima cabe inteirinho ao sr. Juscelino, que com decisão e paciência conseguiu vencer vários obstáculos e as famosas injunções políticas.



Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA

Lírica

*Arte em mim inflamado e puro amor,
misto de carne e espírito, sabor
milênário de fel, sabor de mel
que me arranca do inferno ao alto céu.
Assim vivo no vário sonho ou
quando acordo nem sei para onde vou.
Vivo assim entre a lucidez e o véu
Do sonho espesso que me leva ao léu
do devário estranho em só saber
que em mim arde serena e eterna chama
que em todos os instantes por ti clama.
Oh! ventura maior não pode haver*

*(é o que tudo em mim ressoa e exclama)
em se saber amado por quem se ama.*

ALUIZIO MEDEIROS

Notas e informações

JUIZ DE FORA já possui um centro de estudos literários e artísticos: é o «Pentágono 56», fundado por Adolfo Marciano da Costa, Afonso Romano de Santana, Hélio Fernandes, Marcel Brasil Capiberibe e outros.

★

ILHA SOLIDÃO, terceiro livro de poemas de Mário Newton Filho, estará publicado dentro de mais alguns dias.

★

FERREIRA GULLAR prepara seu novo livro de poesia, que procura harmonizar Literatura e Artes Visuais, numa experiência dantes nunca tentada entre nós. Chamar-se-á «Formigueiro», e para muita gente será uma revelação.

★

O CLUBE de Poesia de Campos anuncia a próxima edição de uma «Antologia de Poetas Modernos e Inéditos», com introdução de Mário Newton Filho, desenhos de Oswaldo Martins. Participarão da antologia: Edward Rodrigues, Ivanise Balbi Gonçalves, Humberto Silva, Marília Braga Ribeiro, Oswaldo Martins, Lourdes Borges Giudice e Joadelício Codeço. Também iniciativa do Clube de Poesia é a Primeira Semana Literária de Campos, a ser realizada entre 10 e 16 de dezembro, com a presença de vários intelectuais do Rio de Janeiro e de outros Estados.

★

ABERTAS, ATÉ 31 de janeiro, as inscrições aos prêmios literários da Academia Brasileira de Letras:

«Machado de Assis» (25 mil cruzeiros, conjunto de obra), «Olavo Bilac» (poesia), «Afonso Arinos» (conto), «José Veríssimo» (ensaio), «Silvio Romero» (crítica ou história literária), e «Artur Azevedo» (teatro), cada um no valor de 15 mil. Há também o Prêmio «Júlia Lopes de Almeida», de 7.200 cruzeiros, destinado a livro de autor feminino.

★

NA COLEÇÃO «Poesia», da Atica Editôra, de Lisboa, Jorge Ne-



Ferreira Gullar

mésio acaba de publicar o oitavo volume das «Obras Completas», de Fernando Pessoa, contendo dezenas de poemas encontrados entre os velhos papéis manuscritos do autor de «Ode Marítima». O mais antigo de tais poemas é datado de 1919. Há tempos, Nemésio lançara o primeiro volume de «Poesias Inéditas», de Pessoa. E, ao que parece, ainda há muito o que publicar, do espólio do artista

◆ E' BASTANTE jovem, ainda, a autora dos poemas que compõem «Colina», agora editado pelo «Jornal de Letras»: livro de estréia, mas que traduz certa segurança, no tratamento de inúmeros poemas. O que particularmente nos seduz, na poesia jovem de Maria Teresa Wuillaume, é que nela não se nota o excesso de virtuosismo que se pode surpreender em tantos outros poetas estreantes. Sua poesia é espontânea e simples e — passe o lugar-comum... — realmente recorda as águas sussurantes e passagens de um riacho. E' claro que ainda falta muito para que Maria Teresa possa vir a ser considerada um poeta autêntico: por enquanto, ela se atém ao descritivo — e com raro poder, diga-se de passagem —, como nesse belo poema «Meio Dia», que contém passagens assim:

Azul o céu
verde a colina
o sol cega a estrada.
Branca a farinha
amargo o sal
as cebolas têm tranças de menina.

Por enquanto, ela busca somente falar sobre a aparência das coisas e dos seres. Sua poesia

UM LIVRO

“COLINA”

De Maria Teresa Wuillaume

é uma linha horizontal. Quando, porém, Maria Teresa, com os instrumentos de que é dotada, mergulhar no abismo de si mesma, auto-anali-

sando-se uma, duas, cem vezes, procurando em seu próprio âmago a explicação para cada um dos inúmeros mistérios maravilhosos de que se compõe a vida, segundo a lição admirável de Valéry, é de supor que sua poesia, amadurecida e enfim depurada de algumas imperfeições que ainda nela se notam, alcance o seu pleno desenvolvimento. Veja-se que dois lindos versos, os que abaixo reproduzimos, sempre tomados ao poema «Meio Dia», que nos parece a peça melhor realizada de «Colina»:

No forno a carne é cor de ouro
a fôlha de louro nada na sopa.

E ainda esse, sugestivo e cheio de música:

O rosto é sem tristeza nos ladrilhos
[lavados.

Quem escreveu tais versos, onde já se nota o domínio sobre os vocábulos, sem o qual não pode existir poesia, é um poeta — ao menos, em germe. E Maria Teresa certamente é bem jovem, nasce para a poesia com uma força e uma pureza verdadeiramente excepcionais.



BOSCH E RAFAEL



Bosch —
«TENTACÃO»,
de Madrid.

♦ NO ANO de 1521, o «Anônimo de Morelli», ao se referir às telas de Hieronymus Bosch então existentes na Itália, em Veneza, na coleção do cardeal Grimani, afirmava que elas eram em número de três, entre elas «la tela del Inferno, cun la gran diversità de monstri» (1). Como tais obras foram acabar em Veneza, logo cinco anos após a morte do pintor holandês, é o que não foi ainda explicado. Mas o «Inferno», de que tratou o historiador, é ao que tudo indica o mesmo painel que ainda hoje pode ser visto no Palazzo Ducale veneziano, juntamente com o «Retábulo de Santa Júlia», o dos «Eremitas» e a «Ascensão ao Empíreo». Ou o cardeal foi um desses precoces admiradores da arte boschiana — como Guevara e Felipe II, ou então Bosch esteve na Itália, como quer o historiador Georges Isarlo, o mesmo que «descobriu» que a «Mona Lisa» de Da Vinci era... um rapzinho... (2).

A verdade é que sempre foi poderosa a influência de Bosch sobre inúmeros pintores italianos, desde o início do século XVI. Quem esperaria, porém, encontrar o suave e terno Rafael Sanzio entre os que mais de perto sofreram essa influência? No entanto, é o que nos cabe fazer, após termos observado como, lado a lado com tantos perfis de santas e de mártires, junto a Madonas de olhos dulcíssimos fitando o céu, aparecem, aqui e ali, na obra de Rafael, lutas terríveis entre São Jorge e o dragão, combates macabros entre São Miguel e um grupo de demônios, etc., etc. Principalmente nessa última obra, hoje no Louvre, é possível observar-se uma nítida influência boschiana. A tela foi pintada em 1520 aproximadamente, quatro anos após a morte de Bosch. Apresenta figuras híbridas, monstros e demônios notavelmente se-

melhantes aos seres que pululam nos «Infernos» boschianos.

E o que dizer da gravura de Raimondi intitulada «O Sonho de Rafael», realizada segundo obra do pintor (que aliás alguns críticos atribuem a Giorgione — outro que sofreu a influência do mestre brabantino), e que mostra alguns diminutos monstros que se aproximam, impresentidos, do leito onde dormita uma mulher, enquanto ao fundo diabinhos ateiam um incêndio igual ao da «Tentação de Santo Antônio», de Lisboa? Impossível hesitar: existe, ao lado do Rafael bem comportado, puro e transparente como uma criança, outro, menos conhecido, impróprio para almas cândidas, às voltas, tal como Bosch, com um conflito íntimo entre as forças do Bem e do Mal...

A influência de Bosch é patente: a meu ver, Rafael se deixou impressionar pelas telas ou gravuras de Van Aken, e como tinha, dentro de si, os mesmos germes de inquietação que motivaram a obra de Hieronymus, deu livre curso à imaginação, deixando duas ou três telas que destoam incrivelmente das inúmeras que estamos habituados a apreciar, atribuídas a ele. Em uma escola que se comprazia essencialmente na pesquisa do Belo — escola de que Rafael foi um dos maiores expoentes —, como explicar, de outro modo, sua paixão pelo FEIO, a quase complacência com que fixou em quadros monstros infernais e rostos roídos pelas mais negras paixões?

NOTAS:

(1) — «Anonimo di Morelli» — «Notizie d'opere di disegno».

(2) — «Georges Isarlo» — «Les Indépendants dans la Peinture Ancienne».

Notas

OBTÊM ÊXITO, no Museu de Arte Moderna, a Exposição «Artistas Peruanos», que sucedeu a grande mostra retrospectiva Goeldi.

A NONA Assembléia Geral da «Association Internationale des Critiques d'Art» AICA, será efetuada em Nápoles e na Sicília, em setembro de 1957, por ocasião do Sexto Congresso Internacional de Críticos de Arte. Recordase que o crítico Antônio Bento representou o Brasil na Oitava Assembléia, há pouco realizada em Dubrovnik, Iugoslávia.

FIRMINO SALDANHA, talvez o melhor pintor brasileiro não-figurativo, está trabalhando em um grande painel, devendo concluí-lo dentro de alguns meses. O painel ficará situado no auditório da Cidade Universitária de Belo Horizonte.

Livros de arte

«HUGO VAN DER GOES», por Valentin Denis. O famoso professor da Universidade de Louvain editou, pela casa Elsevier de Bruxelas, pequena mas valiosa monografia sobre o grande primitivo Van der Goes, autor do célebre «Triptico dos Portinari», no Palácio dos Uffizzi, em Florença. Esse livro, que trata detalhadamente da obra de Van der Goes, analisando outrossim detalhes de sua vida agitada — encerrada prematuramente em 1482, em trágicas circunstâncias —, é o primeiro da série «Connaissance des Primitifs Flamands». Sessenta e três reproduções, muitas a cores, valorizam o texto.

«BILAN DU CUBISME», por François Fosca. «A maioria das opiniões por mim emitidas nessa obra contradizem as atualmente aceitas»; assim começa Fosca seu estudo da escola Cubista, verdadeiro balanço do movimento, mostrando o que dele pode subsistir, e o que é somente transitoriedade, fragilidade. O autor é talvez severo em demasia para com os pintores cubistas, que a seu ver realizaram arte despida de conteúdo humano, arte decorativa, em suma. O livro faz parte da série «Souvenirs et Documents», da «Bibliothèque des Arts», e tem vinte ilustrações, todas em preto e branco.

«LA MINIATURE FLAMANDE à l'époque de Philippe le Bon», por L. M. J. Delaissé. Erudito ensaio de um dos mais conhecidos estudiosos da miniatura. O pequenino volume da Electa Editrice, de Milão, verdadeira obra de arte também ele, é o terceiro da coleção «Histoire de la Miniature», dirigida por Tammaro de Marinis, e publicada sob o patrocínio da UNESCO. Alguns dos miniaturistas estudados na obra: Wauquelin, Jean le Tavernier d'Audenarde, David Aubert, Miélot, etc. etc. Sessenta ilustrações, algumas em cor. Boa bibliografia.



O QUE HÁ DE NOVO NO RIO:



Duas lindas sereias preparam-se para se lançar no lago de águas azuis. Ao fundo, a Pedra da Gávea delícia de alpinistas e curiosos

O RECREIO DAS CANOAS

A SOMBRA DA PEDRA DA GÁVEA, UM MISTO DE CLIMA DO MAR E DA MONTANHA, UMA PISCINA, UM LAGO, ÁRVORES SECULARES E GENTE BONITA, E O GOLFINHO VOLTOU

Reportagem de GUSTAVO GAMA MONTEIRO

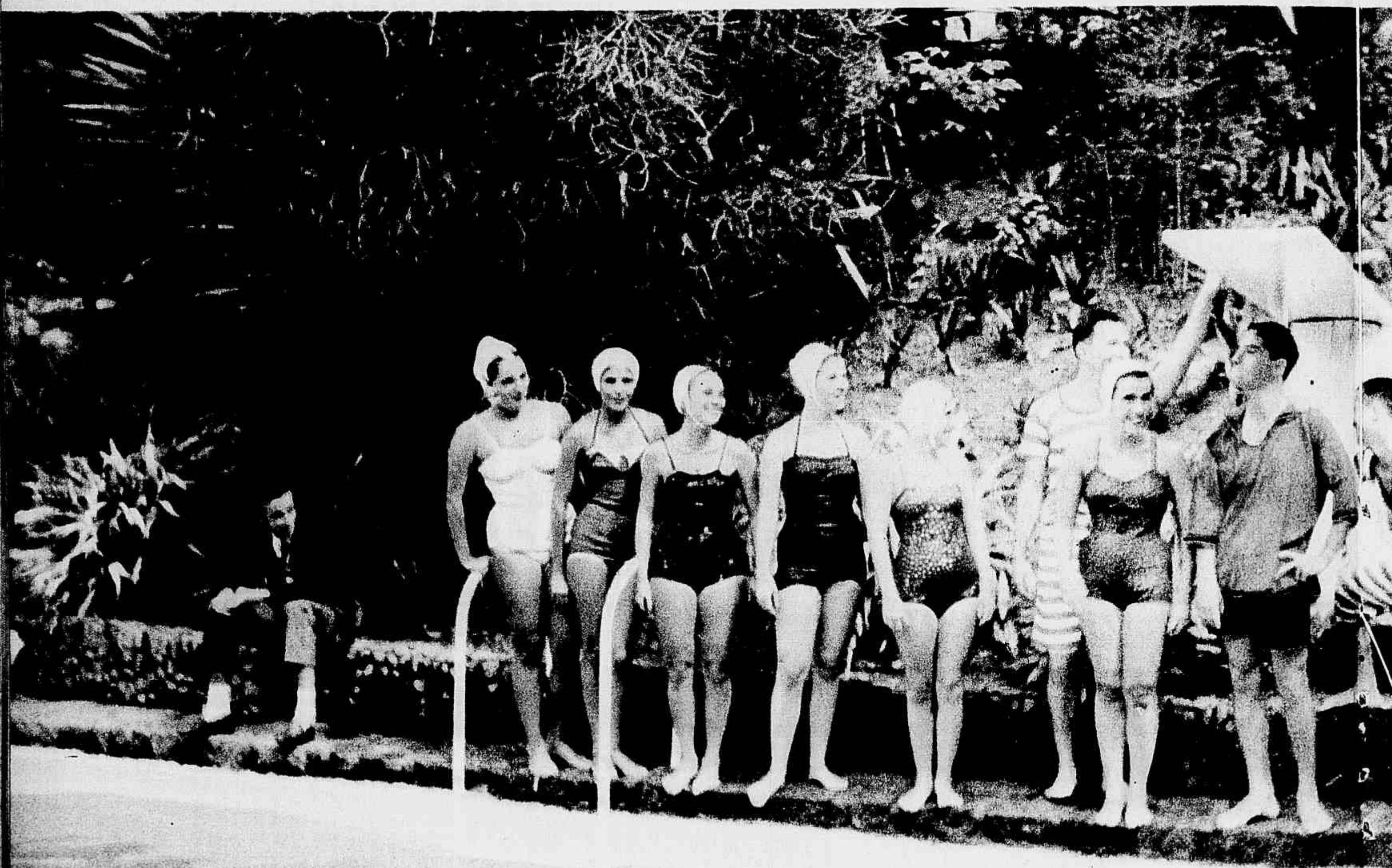
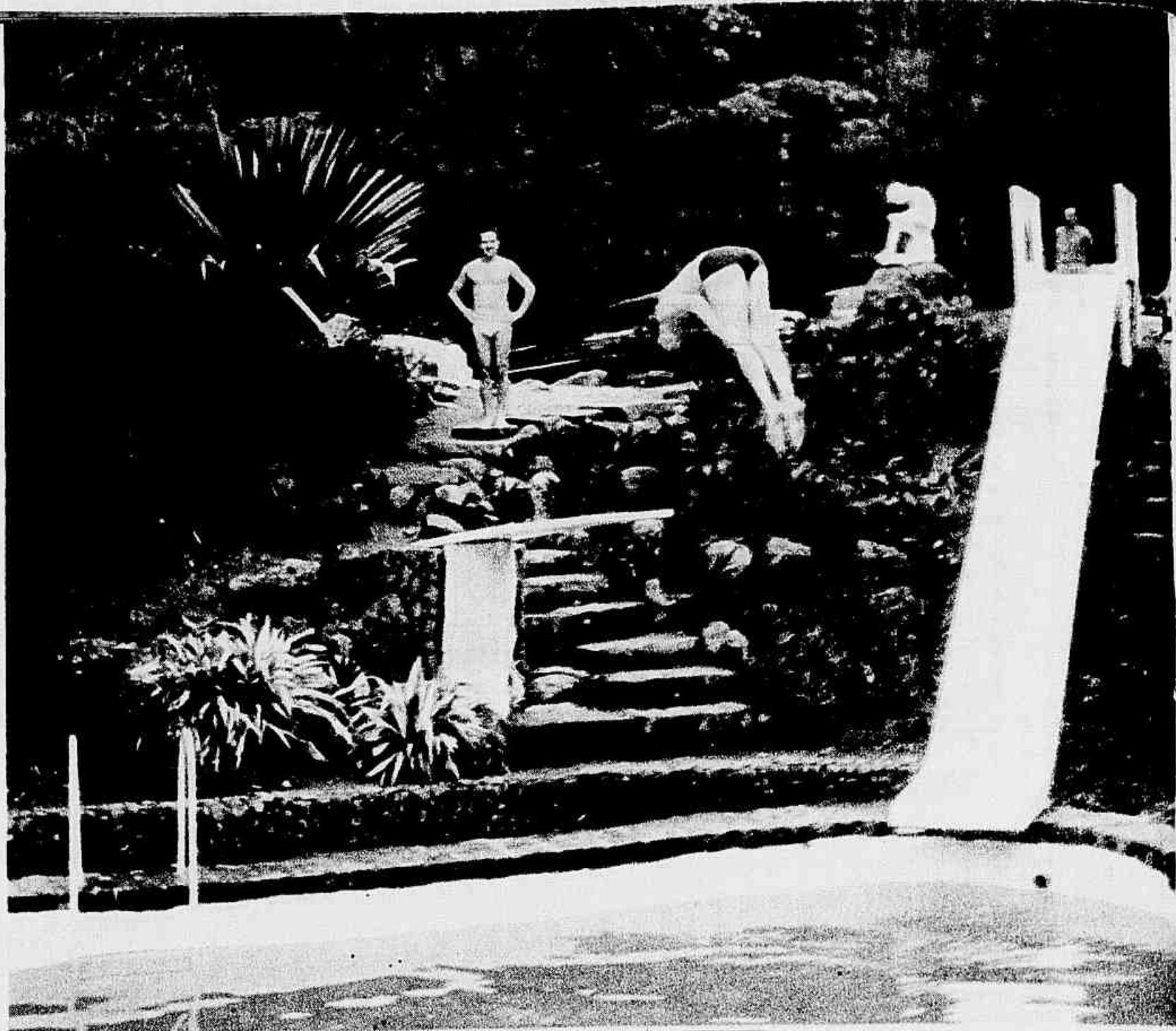
UM dos aspectos típicos na vida atual das grandes cidades, é o êxodo dos fins de semana. Todos procuram o seu Nirvana mais próximo e mais acessível, desde o mais pacato «barnabé» ao mais requintado «black-tie».

E' preciso esquecer a cidade! No Rio, em Buenos Aires, em Nova York, sempre haverá uma Quinta da Boa Vista com um pedaço de grama e de céu para muita gente humilde sentir a ilusão da liberdade — e sempre haverá também a sala de visitas do Turismo, um João, uma estrada



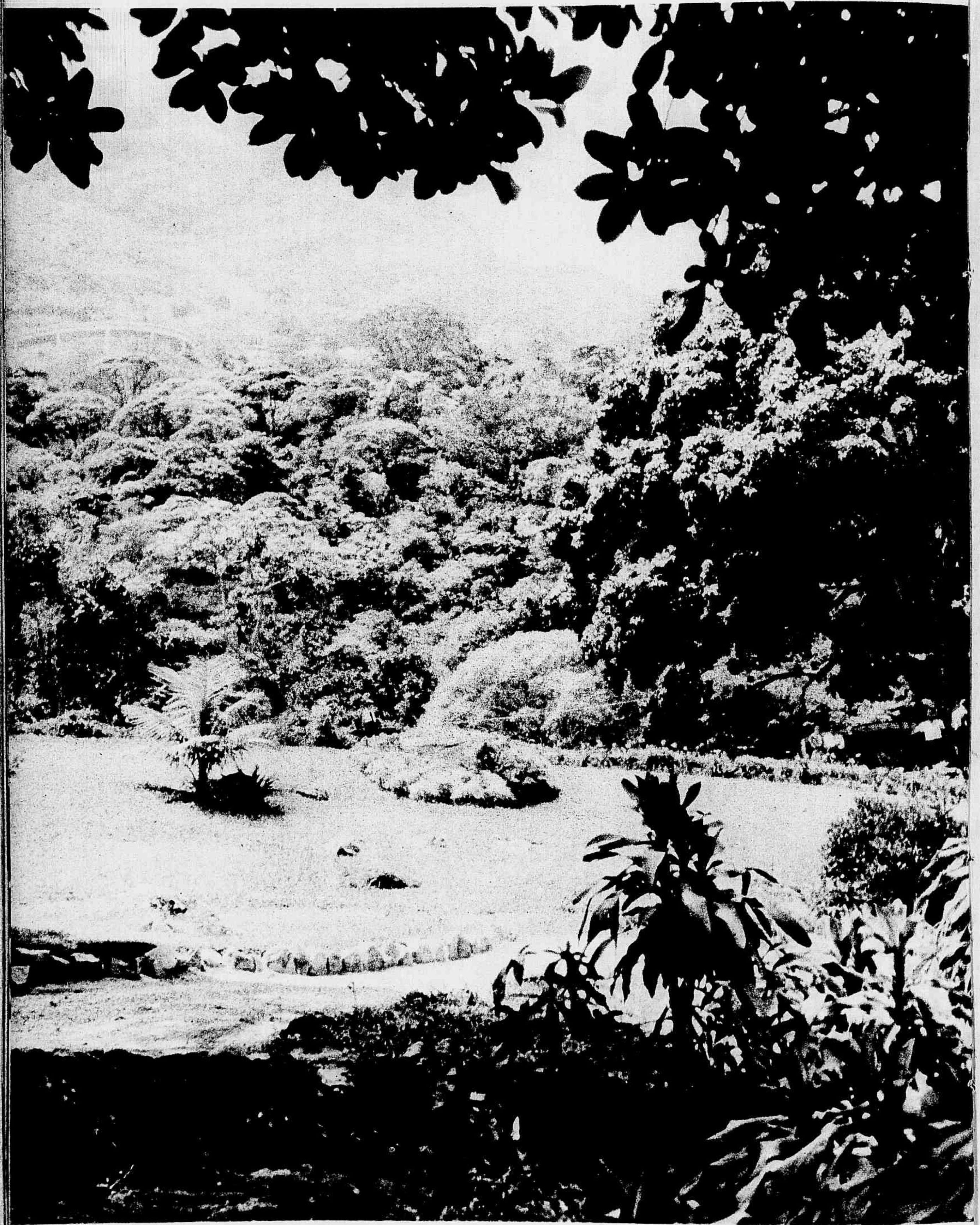
AS ÁRVORES SECULARES COM QUE A NATUREZA ORNOU O PRIVILEGIADO RECANTO SÃO MANTIDAS E TRATADAS.

RECREIO DAS CANOAS



Num ambiente cordial de vida, saúde e alegria, em que a brisa do mar se confunde com os eflúvios das montanhas, os aficionados do «Recreio», a 15 minutos da cidade, sentem o gosto de um feriado invejável.





RECREIO DAS CANOAS



À esquerda, um dos aspectos que a paisagem oferece; à direita, um dos recantos do bar.

de Canoas, para embalar na outra classe, a mesma sede de espaço, de vegetação e de romance... Há quem se queixe de nossa Cidade Maravilhosa! Os que dizem: o Rio de Janeiro não é mais aquela cidade gentil dos princípios do século. É uma cidade em que todos se atropelam e se agridem, física ou verbalmente, é uma cidade cheia de filas de ônibus e de cinemas. Eu particularmente já vi até filas para a carrocinha de pipocas. Cidade cheia de volantes mau humorados, de comerciantes e de profissionais esgotados — em suma, diz-se viver no Rio atual, como atrás das grades de cimento armado de um vasto manicômio...

Não é verdade! O mal da nossa grande urbe é exatamente o de ter crescido e envelhecido. É uma grande cidade, com todos os problemas de uma cidade adulta. E nós cariocas adultos, procuramos nas escapadas de «week-end» a nossa parcela de liberdade — crianças em hora de recreio. Recreio — é uma das palavras mais gratas às nossas recordações da infância. Por isso, quem passa pela estrada das Canoas não deixa de notar um recanto privilegiado da nossa natureza carioca com a placa «Recreio das Canoas». É que ali se há algo de novo, de diferente em matéria de planejamento imobiliário. A nossa apreciação por uma unidade urbanística comunal, se acentua quando atentamos no crime de lesa-natureza que são os loteamentos. Pica-se o Rio, fragmenta-se a Natureza não se poupando o esplendor indígena da vegetação nativa, nem mesmo a irregularidade exótica da topografia, porque o desenvolvimento imobiliário atual não vê limites para satisfazer aos seus anseios. No comércio imobiliário de hoje, o terreno é antes de mais nada a mercadoria, cujo parcelamento em lotes diminutos provoca lucros.

E o que será da Natureza dissecada em vida? E o nosso senso urbanístico, onde está? E onde ficarão os nossos parques naturais? É justo que a municipalidade se ocupa com os planos reguladores dos centros

congestionados, mas sem esquecer a zona de expansão da cidade. E a Gávea fatalmente o será.

O Recreio das Canoas é exemplo típico de que o nosso senso urbanístico, tão divulgado por todo o mundo, não permite que o ideal estético seja absorvido pela realidade econômica que poderá lançar no panorama imobiliário o triste espetáculo da venda a varejo das nossas belezas naturais. Criou-se com o Recreio um centro comunal, moderna concepção urbanística, que dá ao homem um sentido verdadeiro de vida. Ali está o recanto ideal, com o mar, a Pedra da Gávea e o soberbo Badezir lhe emolduram os horizontes.

Entretanto, o que há de mais importante no sentido humano da obra, é o centro social do empreendimento. O centro de comunidade iniciou-se antes mesmo das edificações, promovendo aquilo que mais falta às famílias da cidade-dinâmica: um sadio convívio social. O favorecimento de atividades sociais e esportivas asseguram um privilégio na formação da unidade orgânica do conjunto de Canoas. É através do Clube Social, da piscina, do «play-ground», dos jogos esportivos, do cinema ao ar livre, que se congregam os membros do condomínio; são as refeições de pratos típicos regionais, as tardes ao improviso de um violão, que irmanam os espíritos; é a iniciativa de um espetáculo de Marionetes sem cordas ou o ressurgimento do golfinho no esporte carioca, que estimulam o convívio de grupos da nossa melhor sociedade num ambiente de sadia tranquilidade espiritual. Até o visitante passa sem sentir, de espectador a participante.

O Recreio das Canoas, obra de pioneirismo no terreno urbanístico-social, é um exemplo da possibilidade do entrelaçamento da vida da cidade com a do campo. Que venham outros empreendimentos semelhantes, para fazer do Rio de Janeiro uma cidade que provoque sempre admiração crescente, quer pelo seu aspecto natural, quer pelo bom gosto com que o homem trabalha a sua natureza.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



AZASO - EB-3

EXPRESSO
BRASILEIRO

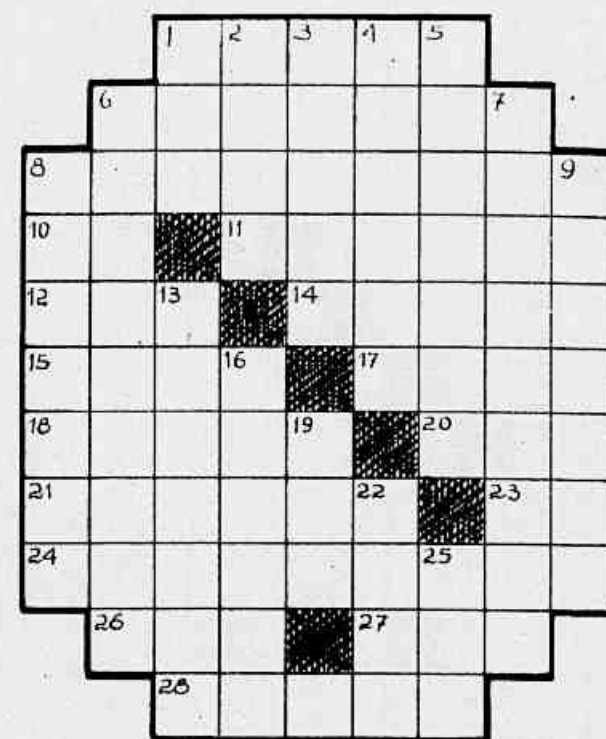
VIAÇÃO LIDA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 146

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Espécie de mamífero carnívoro — 6. Primeira membrana exterior do óvulo — 8. Árvore do Brasil — 10. Cidade da Nova Caledônia — 11. Vegetais desprovidos de gineceu — 12. Nome de mulher — 14. Canoa que tem as extremidades achatadas em forma de bico de pato (pl.) — 15. Voz que os carreiros dirigem aos bois para os governar — 17. Violento — 18. Que opera com rapidez — 20. Quadragésimo quinto caráter da escritura sânscrita — 21. Muito pequeno — 23. Prefixo que traz a idéia de proximidade — 24. Dize-se do terreno úmido ou frio, em que não dá sol — 26. Alna (ant.) — 27. Nome próprio feminino — 28. Guarneci.

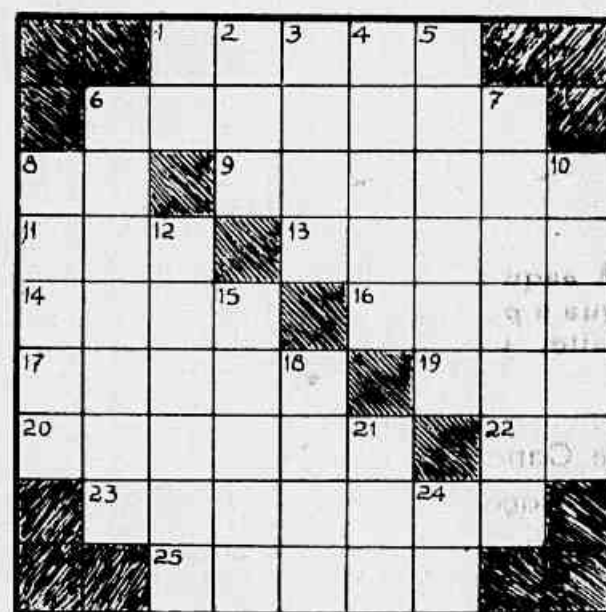


Oliver - Rio

VERTICAIS: — 1. Sanha — 2. Cacete — 3. Favorável — 4. Causariam alegria — 5. Plantas que não produzem flores — 6. Rencoso — 7. Coalhara — 8. Grande arara preta — 9. De nariz limpo — 13. Hidrocarboneto homólogo do etilênio — 16. Prevenir — 19. Feminino plural deão — 22. Matraca — 25. Terceiro

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Neste momento — 6. Gradeira com arame — 8. Símbolo químico do cromo — 9. Mulato alvacento — 11. Licor embriagante de Otaiti — 13. Ramificação — 14. Adição — 16. Futuro do verbo ser — 17. Tolo — 19. Cloreto de sódio — 20. Astuto, finório — 21. Perversa — 23. Emitira raios — 25. Planta umbelífera, usada como tempero.



Oliver - Rio

VERTICAIS: — 1. Brisa — 2. Fluido aeriforme — 3. Nome de homem — 4. Extraordinárias — 5. Fio flexível de metal, (pl.) — 6. Hastear, içar — 7. Árvore cuja madeira é própria para construções — 8. Um par — 10. Atocada de alalia — 12. Queridas com predileção — 15. Estéril — 18. Substância corante azul — 21. Feminino plural da terminaçãoão — 24. Símbolo químico do rádio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 145

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: tirapés — feral — Ru — ain — ac — acabadote — caos — emes — Ruhr — ouro — alevantar — na — Eli — si — crabs — abassis.

VERTICAIS: H — reabsorvera — ária — pandemônios — El — aracirana — acessório — uca — ate — ao — Om — ula — he — ut — ras — alas — Cb — si.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: apalpador — mari — tara — eras — amas — raso — ramo — casa — amor — aral — tira — nara — ocar — amarelara.

VERTICAIS: americana — Pará — aras — liso — atar — dama — oram — rasourara — aram — sara — alar — atol — mica — orar.

EM DEFESA DO TRANSPORTE NACIONAL

O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL DEPENDE DO MAIOR NÚMERO DE ESTRADAS E TRANSPORTES EFICIENTES — A MINGUA DE MEIOS DE CONDUÇÃO PARA OS MERCADOS NOS CENTROS POPULOSOS AS SAFRAS NÃO TÊM SIDO CONVENIENTEMENTE APROVEITADAS

◆ É fácil calcular o quanto lucraríamos em divisas se possuísse o nosso País uma rede eficiente de transportes, capaz de dar vazão aos produtos das longínquas regiões do território nacional que, pela carência de meios de condução, perdem-se ou tornam-se desvalorizados em virtude do desinteresse aquisitivo por parte dos mercados, dada a consequente impossibilidade de exportação. E essa carência de transporte a que nos referimos não influi apenas no momento em que o produto deve ser enviado aos grandes centros, como ainda evidencia a depressão, o desinteresse dos agricultores para maiores empreendimentos agrícolas e similares, bem como dos demais produtores desses rincões afastados, que se limitam por força das circunstâncias a explorações que revertem em colheitas magras, para o consumo da própria região de origem, ficando apenas os produtos de maior resistência contra a deteriorização, as peles e os minerais propícios às longas esperas e toda a sorte de dificuldades durante o período de trasladação para as metrópoles. Isto constitui uma espécie de círculo vicioso, de onde derivam todas as dificuldades financeiras do país e nos acorrentam ao regime de obediência e, se não é pesada de mais a expressão, de subserviência econômica.

Há pouco tempo, numa conferência pronunciada pelo engenheiro dr. Jair Rêgo de Oliveira e grande conhecedor do nosso problema de transportes e competente Diretor da nossa principal ferrovia — a Central do Brasil, dizia ele que «todas as iniciativas em favor do desenvolvimento econômico do país encontram barreira quase intransponível na precária rede de transportes. Não possuímos meios eficazes para o escoamento da produção do interior, nem para o abastecimento dos mercados por via marítima, e anualmente, as safras se desvalorizam e se perdem, em grande parte, por falta de um sistema de armazenamento e condução, sem o qual um país imenso e de solo enrugado, como o nosso, sente agravar-se o problema das migrações no sentido das metrópoles ou das áreas onde existem algumas possibilidades de escoamento da produção por diversos meios de transporte, embora as taxas elevadas de frete — cada vez menos acessíveis — aos produtos pesados e de baixo valor, que poderiam, se melhor fôsse a eficiência das vias férreas, formar sólida base econômica e fixar as populações interiores, proporcionando-lhes higiene e conforto suficientes para uma vida condigna».

O dr. Jair Rêgo de Oliveira na sua palestra fez um estudo abalizado da situação em que se encontra o Brasil no que concerne ao problema do transporte, além de ter frisado os motivos sócio-políticos que animam as populações do interior a dirigirem-se para as capitais, num anseio crescente de melhores possibilidades de vida, o que é muito justo. E o que vemos como resultante dessa situação é a superpopulação do litoral e despovoamento do Brasil central. Convém acrescentar, porém, que já nestes últimos anos, desde que foi encetada a campanha em defesa do transporte nacional e de outros setores da nossa economia, o movimento de recuperação das nossas riquezas extraviadas tem cerrado fileiras para a ultimação do relevante empreendimento, e à frente do qual se destaca o Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, ferrovia que se está aparelhando dia a dia para melhor facilitar o transporte dos nossos produtos do interior. E, para colocarmos o leitor a par da labuta incansável do dr. Jair Rêgo de Oliveira, quer no sentido da obtenção de trens e material rodante, quer na conservação de linhas e construção de pontes, sentimos necessidade de, novamente, recorreremos a dados de sua sábia exposição. «Estudos da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos — Os estudos da Comissão Mista Brasil Estados Unidos se aprofundaram nesta dura realidade e o problema lhe deparou o mais vasto campo de ação, de onde emergem as estradas de ferro que, embora responsáveis pelo deslocamento de cerca de 58% dos produtos, se vêem na contingência de enfrentar sua dura tarefa, empregando um equipamento que, sem exagero, pode-se considerar atrasado de mais de 40 anos. As estradas de rodagem contribuem com um coeficiente da ordem de 10% e sabemos, perfeitamente, o sacrifício de divisas que nos custa a manutenção e alimentação dos veículos sobre pneus.

Não me move, porém, o propósito de contestar os benefícios e o impulso civilizador que os veículos a motor de combustão interna têm transmitido a todos os povos. O Brasil não poderia constituir exceção; País vasto e de relevo caprichoso, entrecortado de cursos d'água, que variam conforme a região: torrenciais no centro e à leste; permanentes no sul e no oeste, e, finalmente, plênicos na bacia amazônica, tem de valer-se de um sistema complexo de condução, cujos meios se devem completar sob vigilante atenção do Governo, ao qual cabe dosar o estímulo e o amparo indispensáveis às suas variadas modalidades, para que sejam atendidas, em justo equilíbrio, as imposições econômicas, sociais, políticas e de defesa, evitando artificialismos e inoportunas hipertrofias de alguns, em detrimento de outros considerados em inúmeros projetos, dentre os quais três foram dedicados à nossa Central do Brasil.

Em realidade, durante perto de 30 anos se desenvolveu sem suficiente atenção dos governos, uma desordenada concorrência entre o rodoviário, em largo período amparado por excepcionais facilidades cambiais

e pelas pressões políticas, e as estradas de ferro, que envelheciam e se depauperavam sob um pernicioso regime deficitário progressivo e resultante dos males citados, agravados por um sistema artificial de tarifas protecionistas ou demagógicas.

No momento, ninguém mais contesta, e tem sido proclamada pelas altas autoridades governamentais, a necessidade do reaparelhamento das estradas de ferro que, para desempenho da sua essencial finalidade, terão que proceder à revisão do seu traçado, reconstituir a via permanente, renovar o material de transporte e as suas oficinas e munir-se de instalações e equipamentos complementares de modo a se capacitarem para um serviço mais intenso, mais seguro, mais rápido e mais eficaz e, ao mesmo tempo, mais confortável e mais fácil, com economia de pessoal e maior rendimento do material empregado. Já se firma, também, sã convicção da administração direta pelo Governo, para evitar as tremendas complicações burocráticas, as infiltrações e sacrifícios impostos pela política partidária, com eliminação gradativa dos constrangimentos que emanam das leis, regimentos e métodos adequados ao funcionalismo, ainda aplicados a um pessoal cujas características são essencialmente industriais.

Teve a Central do Brasil uma fase de relativa liberdade administrativa a começar de 1941, quando foi erigida em autarquia com personalidade própria pelo Decreto Lei nº 3.306, de 24 de maio daquele ano. Passou a empresa a dispor da sua receita, mas conservou o antigo pessoal efetivo em quadro extinto, subvencionado pela União, com todas as garantias anteriores.

O País era governado em regime discricionário e os administradores gozavam de liberdades e facilidades excepcionais. Essa época coincidia com a fase inicial da segunda guerra mundial. O privilégio de transporte terrestre que resultou do racionamento da gasolina, permitiu imediatos e sensíveis aumentos de tarifas e até saldos de exploração começaram a ser anunciados, criando-se a ilusão de que a transformação assumia caráter miraculoso.

Foi então que a administração empreendeu, a começar de 1942, enormes obras de remodelação de traçamento que, como já aludi em outras oportunidades, foram atacadas quase todas a um só tempo, sem limitação de despesas, sem apoios financeiros e à margem de qualquer programa que permitisse a realização e conclusão das obras sucessivamente, de modo que cada uma terminada, passasse a reproduzir o capital investido, servindo de apoio à execução dos empreendimentos subsequentes.

O exercício de 1945 correspondente ao término da guerra, encerrou-se, já, com sensível desequilíbrio financeiro, com perigoso déficit de manutenção da via antiga, ainda em tráfego e sem renovação do material de transporte. As administrações que atravessaram o período de 1946 a 1952, a despeito dos seus melhores esforços no sentido da conclusão das grandes obras, se encontraram sempre na mais grave das contingências: o vulto dos compromissos assumidos não lhes permitia concluir as obras, nem, ainda, adquirir na devida proporção o material imprescindível à expansão ou, melhor, execução dos serviços. Evidentemente, como nenhuma destas condições essenciais se conseguia preencher, a Central não progredia nem se desenvolvia, e tanto a receita como o patrimônio se mantinham praticamente estacionários em valor escutural, o que nos advertia de uma provável e próxima decadência.

Começou-se, então, a recriminar a autonomia, a nosso ver, sem razão. Faltara, em realidade, programa, faltara continuidade administrativa, não se haviam dedicado à Central, como até agora também não se faz em relação à maior parte das estradas de ferro do Governo, o necessário amparo e a devida atenção.

Os pequenos investimentos aplicados na solução de problemas locais ou especiais, correm o grave risco do insucesso parcial, ou mesmo, total. É sabido que assim acontece quando se compram locomotivas mais pesadas e de gabarito mais amplo, independentemente da preparação da via permanente e das obras de arte: quando se adquirem vagões a mais, sem reforço, tração ou, ainda, uns e outros em aparelhamento das oficinas e das estações terminais. Quando se aumenta a frequência dos trens sem a proteção da sinalização adequada, sucedem-se os acidentes e os horários não se cumprem. Refiro-me a estes exemplos rudimentares muito de propósito, porque infelizmente, têm ocorrido em alguns pontos e ainda porque, mesmo na Central do Brasil, em circunstâncias mais complexas, é verdade, a falta de harmonia no desenvolvimento dos programas, tem até agravado situações e provocado verdadeiras crises cuja solução nem sempre tem sido, e que, às vezes, se convertem em males crônicos.

A conferência realizada pelo dr. Jair Rêgo de Oliveira veio tornar claro muitos pontos que os leigos desconheciam, mas que de agora por diante têm razão de ser e nos inspiram a colaborar dentro das nossas funções para a realização do plano que ele idealizou e está concretizando.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



MISS BELA DO PRINCIPE CORAJOSO

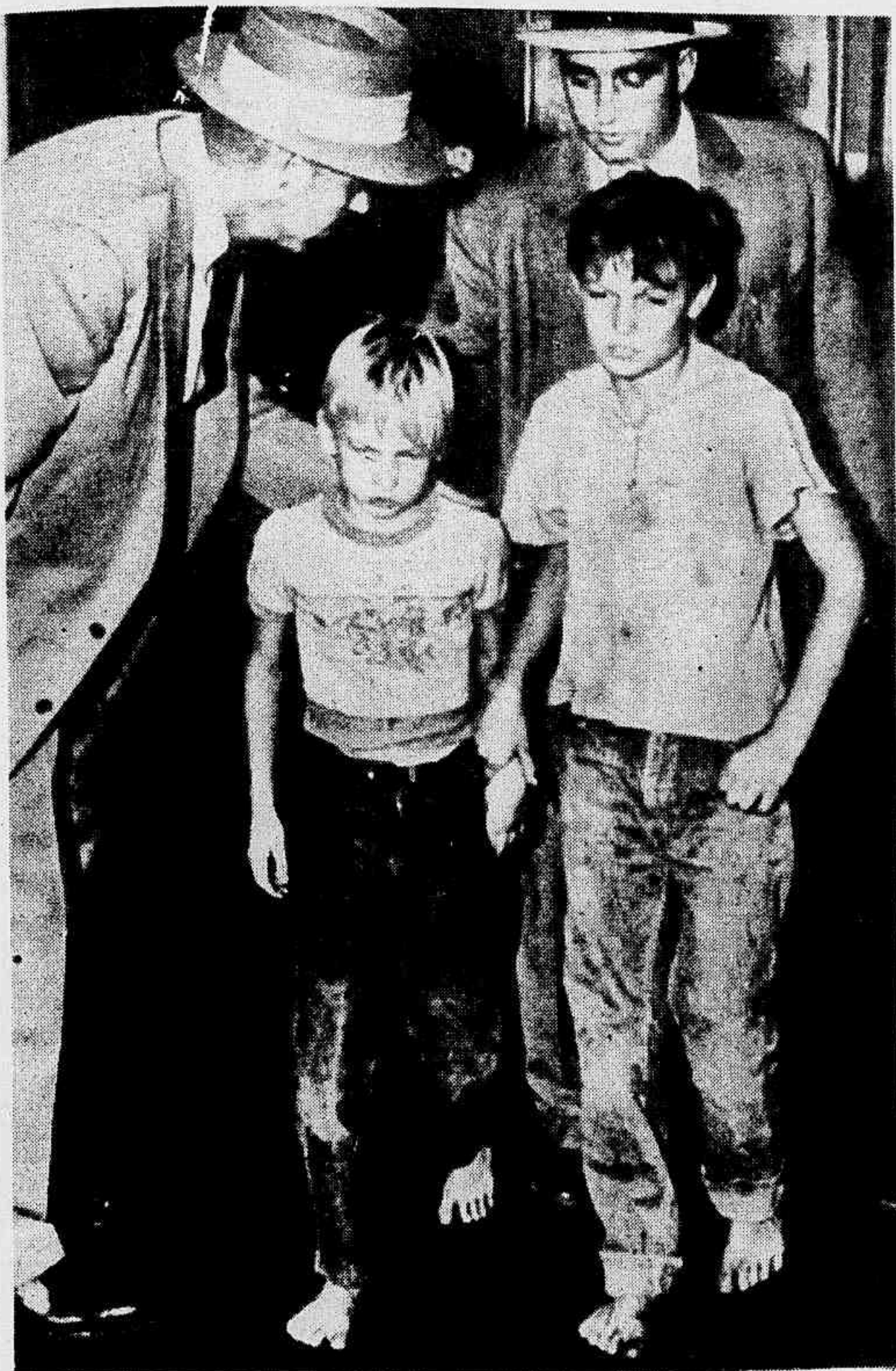
Esta jovem de beleza excepcional (conforme o leitor verá com prazer) ganhou na Itália o título mais estranho já disputado em qualquer parte do mundo: «miss bela do príncipe corajoso». Depois de ganhar o título ela passou a ser modelo profissional e apareceu num filme.



68 ANOS DE MAURICE CHEVALIER

Marlene Dietrich reapareceu em Paris. E reapareceu precisamente para comemorar o aniversário (68 anos) de Maurice Chevalier. O famoso «chansonier» ainda trabalha diariamente cantando, dançando e em espetáculos de mímica. No dia de seu aniversário ele foi comemo-

rar o acontecimento jantando com seus amigos Louis Jordan, Françoise Arnoul e Charles Boyer (foto). As manifestações a Chevalier foram sem conta. E todos os seus admiradores afirmam que ele ainda dominará o coração da França (e do mundo) por muitos anos.



UM PSIQUIATRA COM URGENCIA

Estes dois garotos (Tomas Parker de 7 anos e seu irmão Ricardo de 10) assassinaram a tiros o próprio pai que dormia. No distrito, declararam calmamente que haviam assassinado o pai porque ele os impedia de roubar os vizinhos. O crime foi cometido com requintes de frieza. Ricardo (o mais velho) disparou a arma. E Tomas (o de 7 anos) iluminou o rosto do pai com uma lanterna para que o irmão não errasse a pontaria, pois o quarto estava muito escuro.



O CONQUISTADOR CONQUISTADO

Eis o famoso Porfirio Rubirosa, destruidor de corações, conquistador invencível, manchete de todos os jornais do mundo por causa de seus casamentos e seus divórcios espalhafatosos, derrubado por uma jovem ingênua e cândida de 17 anos. Seu nome? Odile Rodin. Guardem bem este nome que será repetido agora milhares de vezes em todo o mundo. A doce Odile, bela e inexperiente, começa muito bem nos negócios do amor. Começa precisamente com o disputado Rubirosa.



O «GORDO» DOENTE

O ator cômico Oliver Hardy, o popularíssimo «gordo» da dupla «o gordo e o magro», está a morir na Califórnia onde filmava. Hardy foi vítima de um enfarte, e teve que ser recolhido com urgência a um hospital, indo imediatamente para a tenda de oxigênio. Milhões de crianças estão rezando para que ele se restabeleça.



LIZABETH TAYLOR COM OUTRO MIKE

Esta senhora que dança sorridente, é Elizabeth Taylor uma das mulheres mais bonitas do mundo. Divorciouse há meses de seu marido (Mike Wilding) e já pensa em casar com outro Mike. O segundo Mike é o produtor e diretor Mike Todd. Com a preferência de Liz pelos Mikes, muita gente já está trocando de nome.



MISS ESPÓSA IDEAL

Esta senhora conquistou o título de «Miss Espósa Ideal». O concurso realizou-se na Itália, e a notícia não diz se eram muitas as concorrentes. Seu nome é Adriana Faccioli, é filha de um industrial muito rico, tem uma boa cultura geral e doméstica. Curiosidade: não é casada nem noiva e o título se refere ao que poderia ser.



A qualquer hora
do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros.

Record

RECORDAÇÕES DA SEMANA

Por LUIS SODRÉ

Estremece este pobre e desvairado mundo. A guerra surge de todos os lados. Inglaterra e França (que condenavam a agressão em 1940) são os agressores de hoje. Israel invade o Egito, Nasser recorre às Nações Unidas, ingleses e franceses preparam-se para subjugar povos menores e indefesos.

A Rússia resolve retirar definitivamente a máscara e surge então o mais feroz e desumano imperialismo do século XX. A terceira guerra mundial vai aparecendo no horizonte. Tropas russas depois de esmagar a Romênia e a Hungria, movimentam-se, aparentemente para defender o Egito.

Os canhões já estremecem também os céus da Iugoslávia. Este mundo louco e incoerente caminha para o desastre total. Que surgirá de tudo isso?

★

Apesar de todos os preparativos e de todas as ameaças, milhares de atletas do mundo reúnem-se em Melbourne para as olimpíadas de 56. E segundo estatísticas do próprio Comitê, em 30 dias esses atletas consumirão: 65 toneladas de manteiga, 88 toneladas de queijo, 117 de carne, 30 de açúcar, 560 de frutas, e 85 toneladas de arroz. Todo, esse material será preparado por 192 cozinheiros. As refeições serão servidas em 23 salões. Muitos desses atletas sairão diretamente de Melbourne para defender seus países na guerra que se aproxima.

★

O Brasil vai enviar tropas para policiar o Egito (apenas 500 soldados), a oposição quer que essas tropas sejam comandadas pelo próprio gal. Lott, o dr. Álvaro Lins depois de fracassar na Casa Civil vai passear sua incapacidade pela Europa (como embaixador), o doutor Clóvis Salgado segue pelo mesmo caminho, mas apesar disso (ou por causa disso) o Brasil continua sendo o país do futuro.

Juscelino firma-se cada vez mais, a oposição, desarmada e sem líder perdeu totalmente a expressão, e a crise militar entrou em compasso de rotina e já não assusta mais ninguém.

Manoel Bezerra da Silva (é o Bequinho!) dominou inteiramente a Gávea, o campeonato de futebol está pegando fogo, mas perdoemos os senhores da Adem: aquela renda do Vasco x Flamengo ficou engasgada na garganta de muita gente.

O doutor Danton Jobim pontifica diariamente pelo «Diário Carioca», os crimes e os suicídios continuam enchendo o noticiário dos jornais, e registremos o apelo do pobre operário suicida: «volta, Joana, antes que eu morra». Joana não volta, mas a vida segue o seu curso.

O ASSASSÍNIO DO ALCAIDE-MOR

EDUARDO TOURINHO

QUANDO Antônio de Souza Menezes — o «Braço de Prata» — foi, talvez à instância de Vieira, nomeado governador geral do Brasil contava largos serviços a el-rei. Em 1634 velejava nas naus do Reino. No ano seguinte para o Brasil viera e aqui permanecera por dois anos e meio. Volta à Bahia em 1638. Lutando contra os holandeses de Nassau, teve o braço direito arrancado por um balázio. Daí o braço de prata que pôs e que lhe valeu a alcunha.

Regressando a Portugal, em 1641 capitaneou — em Braga — uma companhia de Infantaria. No ano imediato, tornou-se capitão-mor de Exremoz e, em 45, de Olivenças. Dez anos mais tarde, comandou naus da rota da Índia. Em 1658, governou Campo Maior. Depois, por longos vinte anos permaneceu na penumbra. Recolhera-se, talvez, a certa quinta que possuía nas imediações de Olivais. E' quando — em sucessão a Roque da Costa Barreto — foi a 18 de março de 1682 nomeado governador e capitão-general do Brasil.

Chegara, então, à velhice. Mas tantos descêrtos cometeu no desempenho dessas altas funções que Rocha Pita viu-o, na história, sem «aquelas experiências que costumam trazer os muitos anos».

x x x

Dêle, em Lisboa tornara-se amigo íntimo Francisco Teles de Menezes. Da Bahia mandara-o preso para Portugal o vice-rei D. Vasco de Mascarenhas, conde de Óbidos, por ter êle conspirado para depô-lo. Livre de penas, porém, na Lisboa de 1667 comprara «por muy pouco preço» a Henrique Henriques de Miranda o cargo de alcaide-mor da Cidade do Salvador.

«De língua imodesta e ânimo vingativo», ao voltar para a Bahia excedeu-se em arbitrariedades. Pela sua má conduta, granjeou muitos desafetos. Entre os que mais detestava, contavam-se: André de Brito de Castro — Provedor da Alfândega da Bahia — e seus irmãos; Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque — sobrinho de Vieira — que sucederia a seu pai Bernardo Vieira Ravasco como Secretário do Estado do Brasil; Antônio de Moura Rolim e o coronel Manuel de Barros da Franca, que comandava tropa em Passé; João de Couros Carneiro — que era escrivão da Câmara — e Francisco Dias do Amaral, que o era da Fazenda. Incompatibilizara-se também com os capitães Diogo de Souza e José Sanches de Elpoço.

Essa gente fazia parte da melhor sociedade da época. Na chegada do amigo governador, viu Teles de Menezes a oportunidade de múltiplas vinganças. A instigações suas, ordenou o «Braço de Prata» uma devassa na Alfândega e, por supostas culpas, privou André de Brito do cargo de Provedor — que deu a um parente do alcaide-mor. Ameaçados, esconderam-se Gonçalo Ravasco e Antônio de Moura Rolim. Mas a Manuel de Barros da Franca — que do Recôncavo viera para ser Vereador do Senado da Câmara da Bahia — fez o governador prender. Privados dos cargos foram, ainda, Manuel de Couros Carneiro e Francisco Dias do Amaral — que tiveram substitutos em parentes de Teles de Menezes. Na guarnição, os capitães Diogo de Souza e Sanches de Elpoço — bem como outros oficiais — foram humilhados e perseguidos.

x x x

No Colégio dos Jesuítas — onde se refugiara o desembargador João do Couto de Andrada sob ameaças do governador e do alcaide-mor — acorreram todos os perseguidos. E, no Colégio, consertaram a desforra.

Alguns anos antes, um irmão de André de Brito — Antônio de nome — afrontara gravemente a Tomé Pereira de Menezes, sobrinho do alcaide. Emboscando-se com apaniguados em certa casa da rua das Portas do Carmo, desfechou contra Antônio — que passava com o irmão Provedor — grossa carga de balas...

Ao recrudescerem as perseguições, concebeu Antônio de Brito o assassinio de Francisco Teles de Menezes, tido como inimigo do povo. Disso, teve a truculenta autoridade muitos avisos. Na manhã de 4 de junho de 1683 recebeu carta dizendo que evitasse sair de casa nesse dia. Foi, então, a palácio e mostrou a missiva ao governador. Ofereceu-lhe o «Braço de Prata» uma escolta de soldados. Mas, na crença de que seus inimigos não ousariam atacá-lo, declinou do oferecimento e despediu-se do poderoso amigo. Confiante no seu poder, meteu-se na *Serpentina* que escravos de vistosas libré logo conduziram pela rua Direita de Trás da Sé. Aí, viu-se o alcaide-mor cercado por oito mascarados que sobre os africanos despejaram os bacamartes. Um escravo logo morreu; outros tombaram feridos...

E' quando — arrancando a máscara — Antônio de Brito avança. Ao erguer-se Teles de Menezes, é mortalmente golpeado no pescoço. Ainda outras punhaladas lhe foram vibradas... Agonizante, levam-no para casa. Nessa mesma tarde expirou. Enquanto isso, os *embuçados* recolheram-se calmamente ao Colégio da Companhia — no Terreiro de Jesus, onde hoje está a Faculdade de Medicina — pouco distante da Sé da Bahia.

x x x

Sabedor da trágica ocorrência, manda o governador Antônio de Souza Menezes cercar o Colégio e a casa de André de Brito. A Bernardo Vieira Ravasco — então septuagenário — faz encarcerar. Acusa o padre Vieira de convivência no crime, ordena numerosas prisões e — como possesso — insulta a Bahia inteira...

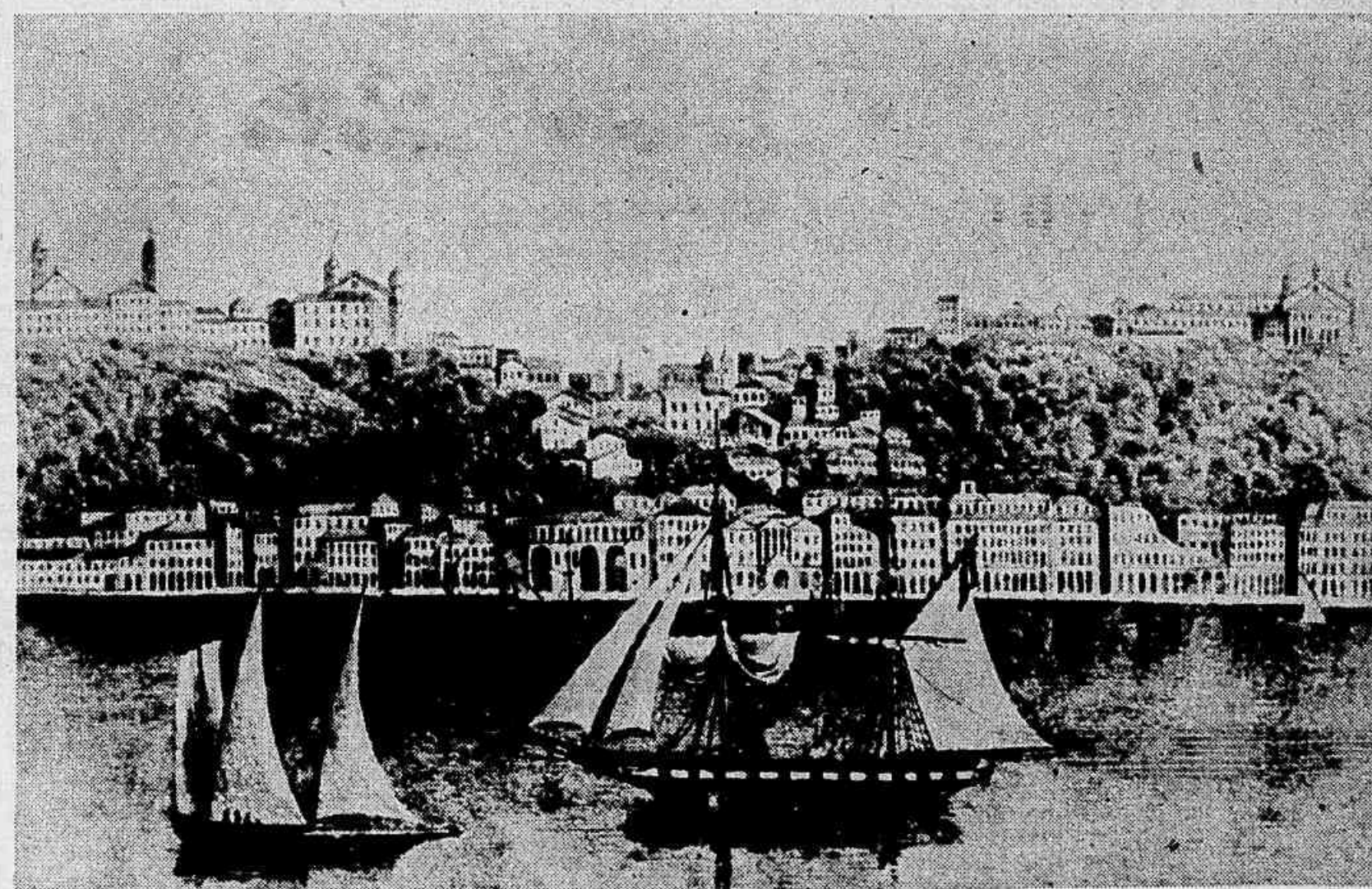
Depois, faz com que noite e dia rondas de soldados percorram as principais ruas da cidade no afã de prender culpados ou conhecer as ligações que tivessem com pessoas em liberdade. Cria-se um clima de terror e os mantimentos começaram a escassear. Mas, enfim, Gonçalo Ravasco e Manuel de Barros da Franca conseguem embarcar para Portugal e, em Lisboa, nararam o ocorrido e a situação em que se achava a Bahia. E' quando a 12 de setembro de 1683 nomeia a Coroa para substituir o «Braço de Prata» a D. Antônio Luís de Souza Teles de Menezes, marquês das Minas.

Havia o ouvidor Manuel da Costa Palma — amigo do antigo governador e seu alcaide-mor — iniciado suspeita devassa. Substituiu-o o desembargador João da Rocha Pita, que de imediato ordena a libertação de Bernardo Ravasco. Assim foi feito, mas o ancião — sob ameaças do «Braço de Prata» — recolhe-se ao convento do Carmo. Mas chega, finalmente, o marquês das Minas. Liberta de pronto os presos sem culpa formada, reintegra os demitidos nos cargos que ocupavam, faz com que a cidade seja abastecida e restitui a paz a seus moradores.

O rumoroso processo — o assassinato do alcaide-mor ao detrás da Sé — por muito tempo, ainda, arrastou-se no tempo. Em 1692, somente, foi ultimado quando D. Pedro II, de Portugal, perdoou ao derradeiro implicado: Antônio de Brito, que arquitetara e executara a eliminação do truculento Francisco Teles de Menezes, ruim amigo do «Braço de Prata».

Nesses dias sombrios, Gregório de Matos — amigo de Vieiras e Ravascos — nada soureu. Mas valeu-lhe ficar proibido de versejar e ter de refugiar-se no Recôncavo, a sátira depois escrita contra o governador Câmara Coutinho:

Nariz de embono
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono...



A «Cidade Alta», de Salvador, vendo-se a igreja — hoje catedral — e o Colégio dos Jesuítas, no velho Terreiro de Jesus, onde presentemente se ergue a Faculdade de Medicina.



Capanema

"O MINISTRO DO AR"

♦ A construção do monumental edifício do Ministério da Educação (naquele tempo Educação e Saúde), teve início numa época que, ao contrário do que se verifica hoje, havia, da parte dos artistas plásticos, um entusiasmo sincero, verdadeiro. E poucas, pouquíssimas oportunidades de realização. Como todo mundo trabalhava com vontade, como se sentia um desejo

de criar alguma coisa; uma certeza, ao mesmo tempo, em cada um, de que se tivesse uma chance, faria algo de valor, duradouro. E bem verdade que naquela época o número de artistas plásticos modernos, de arquitetos, de críticos de arte e de escritores de talento, era bastante reduzido. A importância, pois, da construção do nosso primeiro e revolucionário edi-

As reminiscências do fotógrafo JORGE DE CASTRO, narradas por GASPARINO DAMATA

fício de linhas modernas, foi um passo decisivo na carreira de muitos artistas plásticos, e notadamente na de um grupo de arquitetos brasileiros. E se isso aconteceu, deve-se tão só e unicamente a um homem que durante algum tempo foi injustamente tido na conta... de pouco inteligente! O então ministro Gustavo Capanema, que arcou com toda a responsabilidade. A verdade, porém, é bem outra, tanto na minha modesta opinião (acompanhei todo o trabalho de perto), como na opinião abalizada de alguns nomes de valor que com ele colaboraram. O Capanema, de burro não tinha nada! O homem era meio aéreo, distraído, isto sim. A ponto de um dia o falecido Getúlio Vargas, falando com certo político que deseja por força «encaixar» um painel de um certo acadêmico nas paredes do Ministério, expressar-se, sorrindo, da seguinte maneira: «Bem, isso é lá com o meu «ministro do ar»...

E se hoje existe neste país um movimento renovador, uma mentalidade moderna, deve-se muito a este monumental empreendimento no qual se agregaram em torno os verdadeiros valores da época. Os que tinham algo a dar, como o Lúcio Costa, os que tinham necessidade de se afirmar, como o Candinho Portinari, o Roberto Burle-Marx; e os que aguardavam a chance de se revelar, como o Oscar Niemeyer, o Riedy e outros jovens arquitetos. E faço questão absoluta de chamar a atenção de todos vocês para um pequeno detalhe, na época da maior importância: o governo Vargas estava cheio de indivíduos poderosos, que de arte moderna nada entendiam. E também de indivíduos outros, em postos-chaves, que por sua vez estavam ligados por laços de amizade e compromissos a pessoas influentes, de mentalidade puramente acadêmica, que não viam com bons olhos nada que não fosse moderno. Por aí vocês podem avaliar perfeitamente a audácia, a importância da construção do edifício do Ministério; e o que significou a iniciativa, ao integral apoio da parte de um homem que na boca de muitos era tido como pouco inteligente. Afinal de contas, minha gente (hoje que a coisa está aí realizada, feita, vocês poderão pensar que é bobagem!), ele estava jogando com o seu prestígio. Agora, me respondam: se a coisa não tivesse dado certa? Vocês já pensaram nisso?

x x x

O Capanema era de fato meio aéreo, distraído, dias havendo em que essas suas faculdades pouco positivas se acentuavam, agiam de maneira verdadeiramente assustadora. Um dia encontrei o Roberto Burle-Marx, que ajudava o Candinho nos painéis, muito preocupado. E como o sabia um sujeito bastante impressionável, fui logo perguntando: «Alguma novidade. Ro-

berto?». O artista, mãos nos bolsos, olhando para os cantos, chupando um cigarro, arrastou-me para um desvão e despegu, indignado: «Imagine você que ainda há pouco o «homem» mandou me chamar ao seu gabinete... Fui... Pois bem, recebeu-me muito alegre, apertou-me a mão e mandou que eu sentasse... Sentei... E sabe você o que aconteceu? Ficou mais de quinze minutos de cabeça baixa, fazendo bonequinhos com um lápis num caderno em branco... No mundo da lua! E eu morrendo de ansiedade para saber o que ele queria, esperando, esperando... Já não me agüentava mais, quando ele ergueu a vista e perguntou-me, muito amável, porém meio espantado com a minha presença ali: «Ah! o sr. está aí? deseja falar comigo?» Eu fiquei completamente arrasado, sem jeito para nada! E jogando o cigarro no chão, o Roberto então explodiu, aborrecido da vida: «E' coisa de louco, você não acha?» E também esta, ainda com o próprio Roberto, dias mais tarde, que veio confirmar a ingenuidade do ministro, mas também o respeito que tinha por qualquer artista, fôsse ele quem fôsse. O Capanema mandou chamar o arquiteto-paisagista ao seu gabinete e disse que queria que ele projetasse um jardim para a sua residência. O Roberto, que naquela época não rejeitava parada, disse que sim. E lá se foram os dois de carro oficial, para a residência do ministro. Ao chegarem lá, a primeira coisa que o Capanema fez foi chamar o seu jardineiro português e apresentá-lo ao Roberto. Mas nestes termos «Quero apresentar um jardineiro ao outro...» O Roberto, como é natural, ficou furo. E agüentou a coisa calado. Bem, mas vamos adiante. Às tantas o Roberto, após examinar com o devido cuidado o velho jardim, procurando verificar o que podia deixar ou o que devia tirar, embirrou com um «ficus-benjamim», que a seu ver iria prejudicar-lhe o projeto. E fez ver ao Capanema. O ministro então não teve dúvida, chamou o seu jardineiro português e consultou-o bem nas barbas do estupefato Roberto: «Que



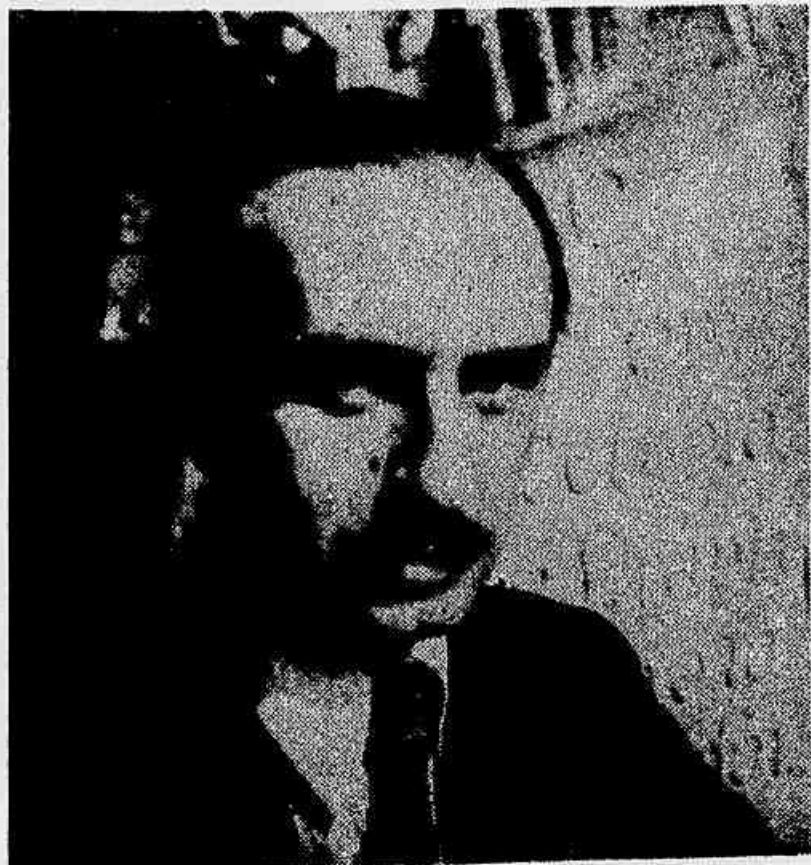
Portinari

é que o senhor acha, heim seu Manuel? A árvore deve sair ou deve ficar?» O português, muito parcimonioso, chapéu de massa nas mãos rudes, calosas, sentindo-se importante, sentenciou, com sotaque bastante carregado: «Acho que deve ficar, sr. doutore». E ficou mesmo!

x x x

A maior de todas, porém, aconteceu com o Celso Antônio, na época «persona-grata», espécie de oráculo em matéria de arte... e outras coisas... O curioso escultor vivia uma vida de príncipe, pois tinha o seu «atelier» instalado no próprio edifício em construção, com banheira, rádio, e até cama... Uma vida verdadeiramente regalada! O Celso Antônio, como era natural, desejou também contribuir com a sua arte para um empreendimento que decerto iria marcar época na história... Ora, bôbo seria ele se deixasse passar tão excelente oportunidade!... E lá encomendaram ao Celso Antônio uma escultura que foi logo batizada de «O Homem Brasileiro», trabalho que

estava destinado a ser colocado no lugar da composição «Os Adolescentes», de Brunho Giorgi. Pois bem, o Celso Antônio tratou imediatamente de procurar um modelo. E saíram, ele e o Roberto Burle-Marx, a procura de um tipo... Foram encontrar na Lapa, um mulato corpulento, vistoso, filho de uma antiga cozinheira da família Burle-Marx, que morava no morro, propriedade da gente de Roberto, no Leme. E Celso Antônio, entusiasmado, meteu mãos à obra... Pois bem, quando a coisa toda estava pronta, que o Gustavo Capanema foi examinar... levou um susto! O tal «homem brasileiro», tinha doze metros de altura... e só de sexo... Aí começou a onda... Aperrearam tanto o Celso Antônio (e se não me engano, o próprio Cardeal D. Sebastião Leme chegou a exigir do ministro que a estátua não fôsse inaugurada), que o escultor foi esperar o Lúcio Costa no cais que regressava com a família de viagem da Europa. E levou-o, a contra-gosto, sem que o arquiteto tivesse ao menos falado direito com os parentes, para convencer o Gustavo Capanema. O Lúcio, aquela bondade, lá se foi num táxi, pelo braço do irredutível Celso Antônio. Mas apesar do seu grande prestígio com o ministro, como era natural, nada conseguiu... E ficou então estabelecido o seguinte: ou o Celso Antônio daria um jeito naquela coisa... (colocasse um pano, um ramo de parreira ou de palmeira, fôsse lá o que fôsse!), ou a estátua não seria inaugurada! E o Celso Antônio a fazer pé firme, sem a menor intenção de ceder, sem querer ouvir os rogos dos amigos... Então o Aníbal Machado, que tinha prestígio com o artista, ficou encarregado de fazer a última tentativa... E com aquela sua voz meio rouca, com aquela sua maneira convincente e ao mesmo tempo brincalhona de pedir as coisas, argumentou: «Ora Celso Antônio, que bobagem!... Corta um pedacinho só...» Mas o Celso Antônio estava mesmo disposto a não mutilar a sua obra de arte. E a estátua do homem brasileiro nunca foi inaugurada!



Lúcio Costa



A. E. Reidy



O. Niemeyer



GETÚLIO VARGAS

Participou de várias Novembradas. Mas não assistiu a última. A sua mais importante contribuição à história de Novembro ocorreu em 37. Mas dizem que aí a parte do então general Dutra também é muito grande.

QUE ACONTECIMENTOS NOS AGUARDAM AINDA NESTE FATÍDICO MÊS DE NOVEMBRO?

A CONJUNTURA CELESTIAL E A SUCESSÃO DE ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS NO BRASIL DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO — DA INSURREIÇÃO CARIOCA DE 1660 À ENTREGA DA ESPADA DE OURO EM 1956 — OS NOSSOS ARDORES PATRIÓTICOS E A FATALIDADE QUE CONVERGE PARA ESTE MÊS.

Texto de LUIS MORENO

◆ Comentaristas políticos, preocupados com as demonstrações da fatalidade que parece perseguir a tranquilidade da vida brasileira, vêm de acentuar a inexplicável coincidência que faz convergir para o mês de novembro os acontecimentos que marcam datas em nosso processo de desenvolvimento histórico.

REVISTA DA SEMANA — 44

«Mesmo para quem não cultiva a Astrologia, impossível desconhecer que nunca foi tranqüila a nossa vida pública sob o signo do Escorpião» — explicam, como a justificar, veladamente, a influência da conjuntura celestial nos destinos políticos do país.

E passam a alinhar os fatos de maior significação ocorridos durante o

que chamam de «mês fatídico», recuando até os primórdios da proclamação de nossa República, marcando o «15 de novembro» como ponto de partida para a incidência fatal.

Todavia, uma breve incursão pelas páginas de nossa história pátria, em tempos mais recuados, é capaz de revelações mais curiosas, que, de certa forma, parecem, também, corroborar a assertiva de que **novembro** é o mês durante o qual extravasam com mais decisão os nossos ardores patrióticos e movimentam-se com revolucionária força os impulsos de nossos homens nas suas lutas e anseios de liberdade.

Senão, vejamos algumas datas que fazem convergir para **novembro** as suspeitas da fatalidade que rege o signo de **Scorpio**:

8 de novembro de 1660 — Insurreição carioca — O gen. Sá e Benevides, governador da cidade, parte para São Paulo e deixa interino Tomé Correia de Alvarenga. O cap. Jerônimo Barbalho Bezerra, à frente do povo, depõe a Tomé, e a Câmara Municipal assume o governo da metrópole. Dominam os revoltosos até 10 de abril do ano seguinte, quando Sá e Benevides regressa com tropas e sufoca a rebelião.

7 de novembro de 1710 — Insurreição pernambucana e início da Guerra dos Mascates.

3 de novembro de 1821 — O Ceará adere à Revolução Constitucional Portuguesa, organizando novo governo.

8 de novembro de 1822 — Estoura a guerra pela independência da Bahia.

10 de novembro de 1823 — O caso Davi Pamplona Côrtes-Real (agredido por um oficial do Exército em revide a seus escritos violentos) agita a Assembléia Constituinte e provoca a queda do Gabinete Carneiro de Campos.

11 de novembro de 1823 — D. Pedro I dissolve a Assembléia Constituinte e prende os 3 Andradas (José Bonifácio, Martim Francisco e Antônio Carlos).

28 de novembro de 1824 — Forças da efêmera Confederação do Equador marcham sobre a capital do Ceará.

3 de novembro de 1825 — Ultimatum do então governo das Províncias do Rio da Prata ao Brasil (Início da Guerra Cisplatina).

20 de novembro de 1830 — Libero Badaró é assassinado em São Paulo. («Morre um liberal, mas não morre a Liberdade»).

19 de novembro de 1831 — Revolta no Maranhão (movimento para deportação de todos os brasileiros adotivos).

4 de novembro de 1835 — Revoltosos do Pará tomam a cidade de Abaeté.

6 de novembro de 1836 — Proclamação da República de Piratinin.

7 de novembro de 1837 — Irrompe, na Bahia, a «Sabinada».

2 de novembro de 1839 — Garibaldi ataca a costa santista.

3 de novembro de 1840 — Revoltosos do Rio Grande do Sul invadem o Vale do Triunfo.

4 de novembro de 1848 — Explode a «Revolta Praieira» em Pernambuco.

3 de novembro de 1867 — Trava-se a II Batalha de Tuiuti.

15 de novembro de 1889 — É proclamada a República dos Estados Unidos do Brasil.

23 de novembro de 1891 — Deodoro fecha o Congresso.

14 de novembro de 1904 — Levante contra o Governo Rodrigues Alves.

3 de novembro de 1930 — Posse de Getúlio Vargas no Catete.

27 de novembro de 1935 — Massacre comunista.

10 de novembro de 1937 — Implantação do Estado Novo.

11 de novembro de 1955 — Deposição do Governo Luz.

21 de novembro de 1955 — Cria o Congresso o impedimento para a volta do sr. Café Filho.

12 de novembro de 1956 — Entrega da espada de ouro ao general Lott.

x x x

O último fato — a entrega da espada de ouro ao general ministro da Guerra — que acaba de acontecer nesse novembro que estamos vivendo, ainda não pode, obviamente, ter a sua significação e importância estimada a não ser por prognósticos; todavia, ainda uma vez o **novembro** faz história: pois é esta a primeira vez que se leva a efeito no Brasil a uma tentativa de aproximar as massas obreiras de um chefe militar de reconhecido prestígio. Fato que, para o general Perón, (para não citar senão o mais próximo) marcou o início do **Justicialismo** etapa de evolução social cujas funestas conseqüências ainda hoje tumultuam a vida daquele povo irmão.

Que acontecimentos ainda nos aguardam nestes 10 dias de novembro?



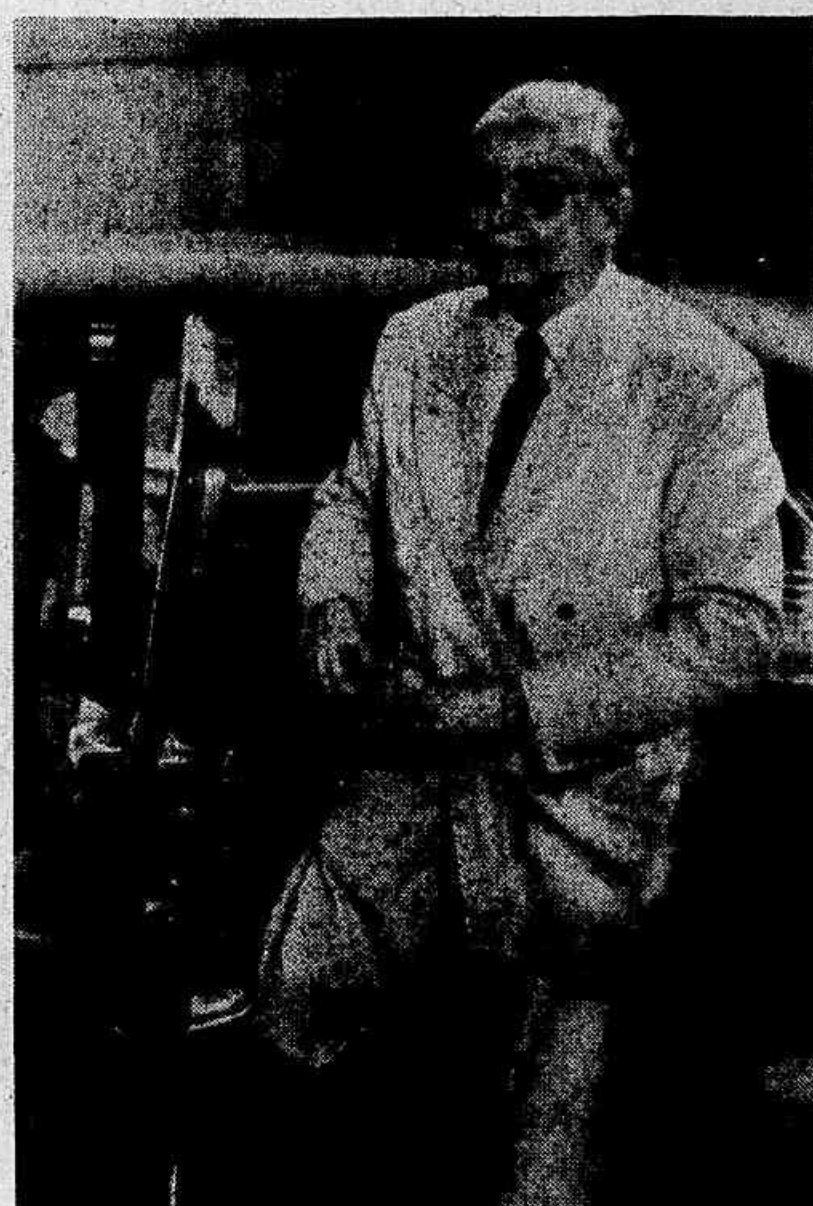
GENERAL LOTT

Entrou muito tarde para a história de Novembro. Começou em 55 no dia 11. Gostou e repetiu no dia 21. Seus inimigos dizem que não ficará nisso.



CAFÉ FILHO

Chegou à Presidência por acaso, nunca mais voltará a ela. Sua participação nas Novembradas começa com a omissão histórica do dia 11 e a demissão do dia 21.



CARLOS LUZ

Em 37 trocou o lugar de líder da maioria pela Presidência da Caixa Econômica. Em 55 equivocou-se na Presidência e só durou dois dias.

PÁGINAS DO GALO BRANCO

RETOMO estas páginas do Galo Branco depois de alguns anos de silêncio. Sinto-me mais maduro, mais lúcido, mais desencantado. Volto a escrever impulsionado pelo desejo, de sempre, de confessar-me e ainda mais pela esperança de que poderei fixar nestas páginas um pouco do que sou, de mim mesmo. Não tenho nenhum projeto, nenhum plano, continuo o mesmo espírito fragmentário de há mais de vinte anos atrás quando escrevi as primeiras notas quase biográficas do meu velho Galo Branco. O Galo Branco nasceu precisamente há vinte e cinco anos. Sei disso porque foi quando inauguraram o Cristo do Corcovado e eu li no púlpito da Igreja de São Francisco de Paula, uma espécie de poema, profecia, discurso — sei lá o que era — em que havia uma referência ao bicho branco que encontrei quase no fim de uma noite debaixo dos Arcos, na Lapa. Dirigia-me a essa hora tardia com Jayme Ovalle para a casa em que ele morava na rua dos Arcos. O galo branco surgiu-me estranho, limpo, viril, no meio de uns feirantes que esperavam deitados no chão que a manhã chegasse para darem início às suas atividades mercantis...

JÁ se passaram vinte e cinco anos depois desse encontro. Nestes vinte e cinco anos muita coisa aconteceu. Viajei, tive emoções, conheci seres, perdi entes muito próximos. Ultimamente, estando em casa ouço Y. deixar o telefone chorando e gritar-me: — «Tio Yôyô morreu!» Ovalle morreu do coração. Fui vê-lo no seu apartamento na Avenida Atlântica já vestido para a derradeira saída. Estávamos separados por uma série de desentendimentos. Não conversávamos há quase três anos, desde que me colocara Ovalle no limbo, numa entrevista que deu a um jornal em que eu era objeto de ataques difamatórios continuamente. Mas, na verdade, a entrevista fora apenas um pretexto; já não nos tínhamos nada a dizer, nos tornáramos dois estranhos, separados pela vida, pelos destinos que tivéramos. Antes do nosso desentendimento já não havia mais uma ponte entre nós dois, a não ser a nossa conhecida ligação de família: o fato de ele ser irmão de minha sogra. Não nos procurávamos mais, evitávamos mesmo um encontro. Sentia-o tão diferente de mim, no gosto, no julgamento dos seres, nas idéias, nas preferências, no modo de conceber a vida. A amizade se acaba, murcha, desaparece tal como o amor; um velho amigo é uma raridade como um velho amor, tal como um amor que se estende longe através do tempo, ao longo dos anos. O convívio, o comércio de um ser com outro é algo de tão delicado que está sempre exposto a dissipar-se, a arruinar-se. Minha amizade com Ovalle quando ele morreu estava acabada, perdida, extinta. Não concordávamos sobre nenhum ponto, e o que é mais sério, o que é mesmo irremediável, não sentíamos nenhum desejo de discutir, de debater. Vendo-o estendido na cama onde entregou a alma ao Criador, magro, indiferente a mim e a todas as coisas do mundo, naquela distância infinita em que ficam os que acabam de morrer — as lembranças do amigo começaram a surgir, a nascer, a reviver, a fluir. Revi-o outrora com o cigarro apagado no dedo mínimo apontando nos céus noturnos as estrelas que tanto amava; de repente encontrei-o saindo de uma avenida de casas na Rua Voluntários da Pátria. Vinha chorando de uma visita que fizera ao corpo de Germaninha Bittencourt, a cantora que partiu na primeira mocidade. Mas, o que de mais vivo se apresentava na minha memória diante do morto eram as graças, as brincadeiras, as frases de observação maliciosa que ele fazia a todo o momento e sob qualquer pretexto. Era um homem extremamente tocado ao mesmo tempo pela tristeza e pela alegria da vida. Sabia surpreender nos seres os seus mais recônditos segredos — via longe no fundo das almas; mas, às vezes, era também de uma cegueira total de se aperceber das coisas mais evidentes, como certos pássaros dotados de olhar penetrante e que sendo capazes de distinguir além das brumas, não vêem o que lhes está mais próximo, a árvore, o penedo, a poucos metros adiante.

QUANTAS vezes o esperei ansioso na Livraria Católica para contar-lhe uma novidade, para transmitir-lhe uma observação qualquer, para levar-lhe versos que acabara de escrever. Não poderia, não deveria ele faltar ao encontro quase diário — durante um certo período — pois se isso acontecesse minha solidão seria completa, não haveria nenhuma companhia que me pudesse servir. — E' que ninguém, dizia-me eu quando a mim próprio me interrogava sobre tão estranha preferência, é tão bem dotado para a compreensão das coisas; ninguém é mais poeta, mais vidente do que Ovalle. Assim pelo menos me parecia ele, quando o conheci na mais completa intimidade, amoroso de seres impossíveis, intérprete da Bíblia, carnavalesco, funcionário aduaneiro impaciente e implacável. Quando faltava tudo a Ovalle, quando ele conhecia algumas decepções terríveis como artista dotado de insuficiente poder de expressão para fixar o mundo extraordinário que nele se continha; quando o amor o torturava, o feria demais, lembrava-se ele do seu emprego na Alfândega como de um porto tranquilo, um abrigo, um teto seguro. Certa vez, em casa de Álvaro e Eugênia Moreyra onde nos reuníamos uma vez por semana para jantar, pôs-se Ovalle a bendizer a segurança que lhe dava o lugar na Alfândega, com direito a multas; o pão, a certeza de que não necessitaria durante sua peregrinação pelo mundo de pedir nada a ninguém, dava-lhe, confessou-me, uma espécie de consolo para os seus sofrimentos. Sofria sim mas por coisas que ele gostava, que mereciam o seu sofrimento. Não tinha necessidade de submeter-se a ninguém, bastava cumprir o seu dever e ninguém lhe arrebataria o cargo

para o qual fora nomeado no tempo do Marechal Hermes, por concurso; um concurso, na verdade, prestado no Paraná, em condições extraordinariamente cômicas e em que ele deveria ser aprovado de qualquer maneira. Ovalle ainda era um menino, creio que tinha dezoito anos quando se tornou funcionário público.

FALAVA de Deus, com uma intimidade que poucos profetas alcançaram. Sabia-se coisa criada, objeto de Deus, isso antes de converter-se ao catolicismo. Fora crente em toda a parte e em todas as fases de sua vida. Deus ora gostava dele, ora se zangava e o procurava castigar, dar-lhe corretivo. Vendo-o passar na rua, carregando uma pasta com requerimentos e processos da Alfândega, o ar absorto, o jeito de funcionário ocupado, quem seria capaz de julgá-lo um íntimo de Deus e dos anjos, um ente singular que se apaixonara por uma pomba, e que se sentira dolorosamente atingido porque fora traído e enganado, naturalmente por um pombo... A pomba vinha de manhã e às vezes ao entardecer visitá-lo no seu quarto no antigo Palace Hotel da Avenida Rio Branco (hoje o hotel foi derrubado). Chegava o pássaro de surpresa e, se encontrava a janela fechada, batia com o bico na vidraça, até que Ovalle a abrisse. A história da pomba amada e por fim traiçoeira, era a princípio um segredo, uma coisa que apenas uns poucos podiam conhecer...

NINGUÉM examinou mais de perto do que Ovalle o problema do amor. Não me lembro de ter conhecido homem algum que se tenha aproximado tanto quanto ele da mulher e de seu mistério. Sabia, com uma sutileza única, destacar o encanto, o segredo das raparigas em flor das damas maduras, ver-lhes nos olhos refletido o elemento poético; às vezes, também, não via nada e era capaz de transfigurar um ser, vesti-lo de graças e encantos inexistentes, inventando de tal maneira que não se podia sequer identificar o que Ovalle dizia ver e o que era, tal como se apresentava aos outros seres o objeto de sua fantasia. Mas ele estava longe de ser uma fantasia; conhecia as coisas, sabia distinguir bem no fundo as intenções, as variações, as mutações, a temperatura das almas. Certa vez falou-me como se fosse uma princesa, uma heroína romântica de Kleist, de Judith dos Santos. Judith dos Santos era a suprema delicadeza, o próprio sofrimento feito mulher; Judith dos Santos era um pássaro triste, uma poesia dolorosa se desprendia de Judith dos Santos. Tratava-se no entanto de um ser que só, neste mundo, Ovalle e mais ninguém seria capaz de ver dessa maneira misteriosa; todos os demais mortais, absolutamente todos mesmo, achariam exatamente o contrário do que Ovalle enxergava nessa pobre mulher endurecida por uma miséria atroz. Parecia, ouvindo-o descrever as prendas da criatura, que era de tez escura e analfabeta, o próprio Senhor Dom Quixote que se manifestava sobre Dulcinéia. No entanto, esse mesmo homem, sabia discernir o ponto fraco, o defeito mais oculto das grandes damas, das belezas mais famosas, das mulheres mais elegantes que conhecia.

O CARNAVAL, que não existe mais hoje, o Carnaval de vinte e cinco, de trinta anos atrás, era o elemento próprio a Jayme Ovalle. Sentia-se integrado no mundo carnavalesco como um peixe nas águas lunadas, como uma borboleta num jardim cheio de flores. O Carnaval não era uma oportunidade de brincar, de divertir-se, mas uma espécie de clima em que Ovalle se via livre para encontrar-se com os mistérios humildes. As mulheres mascaradas o entonteciam, davam-lhe um entusiasmo pela descoberta que era qualquer coisa de insopitável. Não raro entre grupos de foliões deparava com um anjo secretamente envolvido na folia, com um ser todo luz e pureza que seguia aligero um cordão que ramava para a Praça Onze. Nos bondes de Vila Isabel ele vislumbrava às vezes seres de uma pureza única; e em certa ocasião o mais belo dos anjos — um arcanjo — saltou no estribo do automóvel (um carro de praça de capota abaixada) em que ele fazia o curso carnavalesco. Esse arcanjo tomara as aparências de um jovem vendedor de jornais. Traiu-se por um sorriso de angélica doçura e desapareceu de súbito como surgira...

A RUA Conde de Lage em que Ovalle morou alguns anos, perto da Glória, era uma rua de mulheres giradas, como se diz com tanta impropriedade. Quantas vezes, o acompanhando até sua casa, e entrando para ver se tinha alguma barata, suposição que enchia Ovalle de terror, não fiquei a ouvi-lo, de pé na calçada, falar de Jesus Cristo, citando, com os olhos molhados de lágrimas, passagens do Evangelho que ele conhecia com admirável precisão. Ao nosso lado havia o ruído característico e triste dos sítios onde se exerce o comércio do amor. Vozes de mulheres cantavam coisas vulgares; homens desfilavam, iam e vinham e alguns espiaavam para as casas de portas entreabertas. O místico, o músico, o poeta Jayme Ovalle, único morador daquela rua estranha, sentia-se inspirado, havia nele uma pureza quando falava de Deus, quando afirmava que Deus é bom. — «Sim bom, mas não dessa bondade que nós conhecemos, mas bom à força de ser justo. Sua Caridade é firme e forte como deve ser a justiça». O Amor do Cristo é uma fonte de sangue, me dizia ele. Todos são salpicados com esse Sangue que limpa e salva as almas. As mulheres desta rua, os freqüentes que en-



AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — Apresentará semanalmente aqui na «Revista da Semana» as extraordinárias páginas do Galo Branco. Estas são as primeiras magníficas, sobre Jayme Ovalle.

tram nas pensões que nos cercam, todos carregam no corpo, na face, nas roupas um pinga do Sangue de Cristo.

NÃO falava fluentemente; sentia-se que as palavras que proferia tinham ido arrancar alguma coisa de difícil do fundo da sua alma. A expressão nêle era penosa. Músico, não tivera uma formação que permitisse dizer o que desejasse com nitidez mas produziu algumas breves obras primas. Do poeta não posso dizer nada, sua obra é um mistério. Mas, a verdade é que a forma não o ajudou nunca. Falava sem saber jamais se conseguiria dizer o que desejava no fim. Mas que clarões em profundidade nasciam dêle! De repente acertava plenamente e apresentava a sua idéia-visão sobre a **natureza dos anjos** ou dos santos. Os anjos eram os seus temas preferidos. Contava-me sempre conversas que mantinha com o seu Anjo da Guarda. Não raro o Anjo o acordava de noite e ia com êle vagar pela Lapa ou entrava no Bar da Glória onde Ovalle ia beber o seu whisky. Discutiam os dois longamente e nem sempre se entendiam. Eram no entanto amigos. O Anjo velara por êle desde o berço, seguira-o nas suas viagens, e acompanhara-o quando êle navegou o Rio Amazonas nas gaiolas, antes mesmo que atingisse a adolescência, quando começou a trabalhar. Ovalle parecia brincar, mas

acreditava sèriamente no poder de seu companheiro invisível para livrá-lo de males e perigos. Em Londres valera-o o Anjo mais de, uma vez de ciladas do Inimigo, do Tentador.

Revejo Ovalle na barca que nos levava a Paquetá, olhando o mar e engulindo a certeza de que um seu amor impossível seria impossível realmente para todos os tempos. Revejo-o no enterro da irmã disfarçando a sua tristeza. Revejo-o nas reuniões do Centro Dom Vital, na Igreja de Nossa Senhora do Parto. Revejo-o no cais em New York despedindo-se de mim, que seguia para a Suécia. O homem morto, com a sua Cruz no peito, fôra um amigo meu, um pedaço de minha vida, o companheiro de todo um longo trecho de minha passagem pela terra. Não me diria mais nada, não me confiaria mais as suas secretas histórias de passarsos, de noivas, a descoberta de séres nos quais vislumbrara estranhas coisas. Os seus dedos hirtos não segurariam mais cigarros, não dedilhariam mais nas cordas dos violões, não ajeitariam mais o monóculo esquivo. Tudo o que se passara entre nós estava perdido para sempre. Nunca mais o encontraria caminhando, o ar apressado ou lento e descuidado. Ainda estava presente, vestido nas suas formas humanas, com o seu nariz adunco, a barba esbranquiçada, mas tão frio, tão indiferente. Guardava nos olhos fechados o mistério do outro lado, mas não o revelaria mais a ninguém, nunca mais a ninguém.

É fácil verificar...

...o tempo e o esforço que a eletricidade
lhe poupa e os serviços inestimáveis que
lhe presta... Compare a sua conta mensal
de eletricidade com as outras despesas do-
mésticas...



Você se convencerá de que
as tarifas de energia elétrica
são **REALMENTE** baixas.



A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

FALANDO AO LEITOR

★ Esta é a nova REVISTA DA SEMANA. Pretendemos torná-la mais viva, mais dinâmica, remodelá-la, em suma. Não vamos apresentar uma plataforma, fazer discursos, ou fingir que temos planos mirabolantes.

Basta que o leitor saiba que nossa única preocupação é servi-lo. Que onde houver um acontecimento (qualquer que seja ele) lá estará o repórter da REVISTA DA SEMANA.

★ Seremos escravos do fato, da notícia, do acontecimento. E para nós, os fatos terão a importância que merecem. Sejam esportivos, sociais, políticos, internacionais ou literários, cinematográficos ou teatrais.

Não temos côr política. Não pertencemos a partidos ou a grupos. Não somos deliberadamente contra ou a favor de ninguém. Mas não abdicaremos (sob hipótese alguma) do nosso sagrado direito de opinar.

★ Informaremos com exatidão. Criticaremos com elevação. Discordaremos com dignidade. Não temos o objetivo preestabelecido de agradar especialmente a homens, mulheres ou crianças. Mas faremos uma revista que agradará indistintamente a toda a família brasileira, como é da melhor tradição da REVISTA DA SEMANA.

Como é natural, dedicaremos um espaço maior às reportagens. Temos várias delas já neste número. Vejam FRACASSOU O PRIMEIRO MINISTÉRIO JUSCELINO. É uma análise segura e desapaixonada, assinada por um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro.

★ A eleição da Rainha da Primavera, tradicional competição patrocinada pelo «Jornal dos Esportes», mereceu uma esplêndida reportagem de Carlos Lemos com fotos de Alberto Ferreira.

Vejam o Papa abençoando a multidão na Itália, a reportagem simples e humana sobre os garotos que ficaram perdidos em Londres, e a reportagem de W. Guarnieri contando a verdadeira história da falta d'água no Rio.

★ Novas seções (CIDADE NUA, RECORDAÇÕES DA SEMANA, POR ESSE MUNDO DE DEUS, A SEMANA EM REVISTA, etc.).

E não percam a excelente seção do engraçadíssimo Fortuna. E para o fim reservamos a grande novidade. Augusto Frederico Schmidt toda a semana aqui estará com 2 páginas, apresentando «PÁGINAS DO GALO BRANCO».

A DIREÇÃO



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada
com o uso desse maravilhoso
produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira
do couro cabeludo; esta, com
uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente
perfumado.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso
postal. Distribuidores: SOC. FARMACEUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as
damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias
casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro
ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor
do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Ave-
nida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa
Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do
Rio e São Paulo.

“Mil” lhe oferece:

PORTA MALAS
SUPER LUXO
(ROMADOS-PINTADOS)

REMOVIVEL — COLOCAÇÃO FÁCIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6134 RIO DE JANEIRO



Namoro

ATENTANDO de repente no frio que fazia, Lêda encolheu-se, ajeitando nos ombros o casquinho de lã. Noite de junho ou julho, devia estar necessariamente frio para quem vestisse o seu agasalho, «sweater» ou capote aquecidos o ano inteiro no fundo do gavetão. Não para mim que, ostensivamente em mangas de camisa, viril, os braços bem à mostra, mãos aquecidas nos bolsos, montava guarda à ternura que ondulava nos cabelos de Lêda. O olhar dela eu não via, senão de soslaio; parecia distraída, muito mesmo, e fugir displacente-

mente ao seu papel. Aquilo me irritava um pouco. Recuei mais ainda para a zona de sombras, mantinha-me sempre à retaguarda, fora das luzes da quermesse. Tranquilidade exagerada aquela; Lêda estava alheia demais à minha solicitude silenciosa e só fazia conversar com a amiguinha que nos prestava companhia.

— Você foi ontem ao cinema?

Pergunta dirigida a Matilde, só a Matilde. E eu, como sair de meu silêncio? De súbito, uma viração branda não sei como aticou-me sobre o rosto uma perfumada mecha dos cabelos de Lêda. Em paga à dádiva da brisa, esbocei ges-

to carinhoso que só ficou na intenção denunciada. Lêda alçou a mão em meneio de bico-sarapente, recolhendo os cabelos à sua disciplina e estalou um muxêxo: belicosa e impaciente dada a minha timidez. Como represália, quase levei-me a afagar os braços dela, mas estavam tão encolhidos sob o casquinho, ela tão misteriosamente distante, esquisitamente mulher.

A voz de Lêda desmentiu tudo isso em falsete:

— Matilde, veja o vestido daquela pequena como é bonito

Para cortar a conversa que me punha de sobra, indaguei:

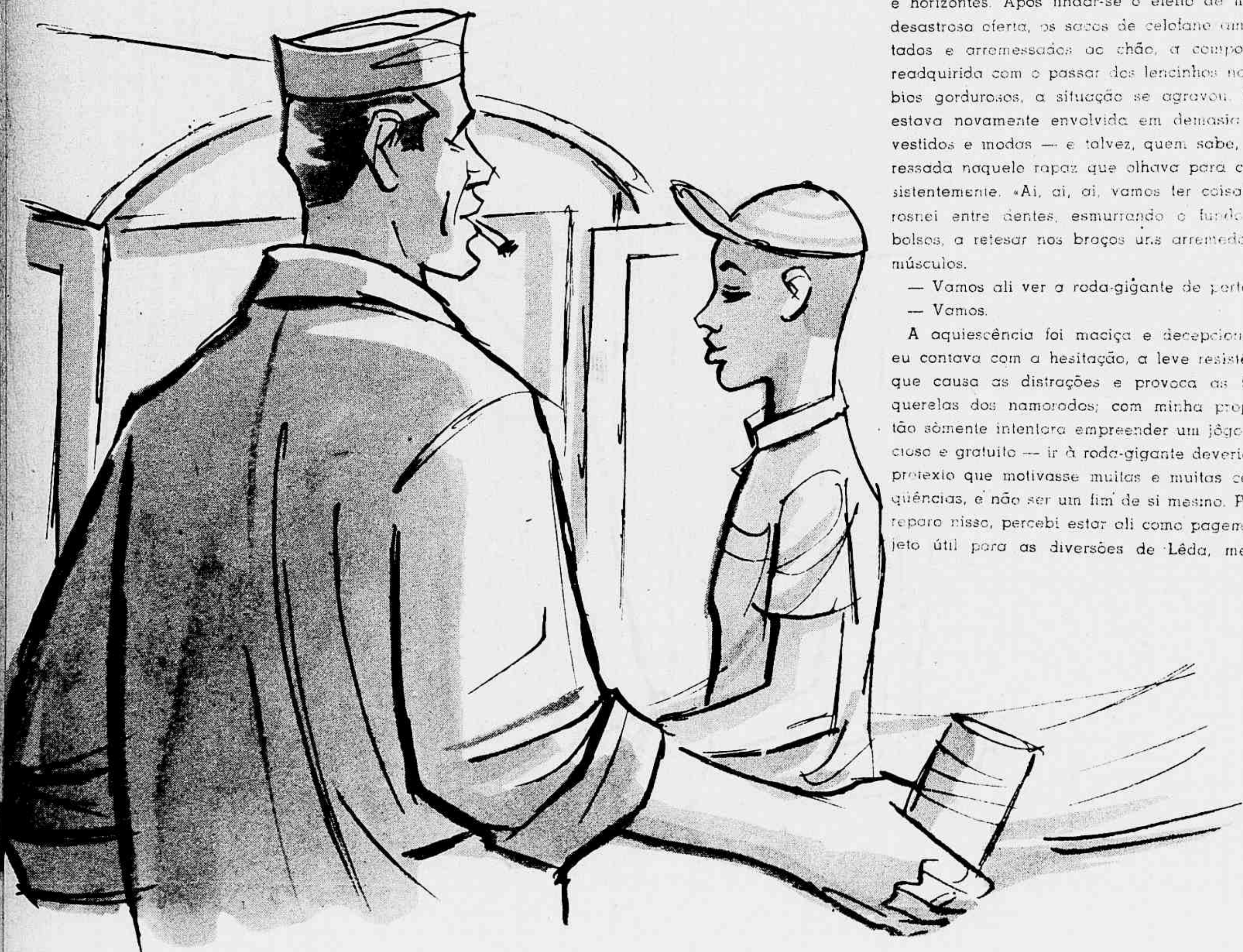
— Querem pipocas?

Pergunta idiota, maquinal, provocada só pela passagem do vendedor com a carrocinha. Aceitaram, passaram a comer as pipocas ruidosamente. Minha vontade era gritar, dando-lhes tapas nas mãos: «Larguem isso, meninas!» Um casal de crianças, deveras umas crianças. Será que Lêda não percebia que comer pipocas de tal maneira à frente do namorado não ficava bem? Sentia-me paternal, agora muito à vontade, querendo dizer: «Não faça isso, minha filha; é muito feio, benzinho!» Mas só querendo, deixando a ternura diluir-se na contemplação de uma estrela que divisara pouco acima da linha do horizonte, o que de nada valia, pois Lêda dava mostras de ser indiferente a ternuras, estrelas e horizontes. Após findar-se o efeito de minha desastrosa oferta, os sacos de celofane amarrados e arremessados ao chão, a compostura readquirida com o passar dos lençinhos nos lábios gordurosos, a situação se agravou. Lêda estava novamente envolvida em demasia com vestidos e modos — e talvez, quem sabe, interessada naquele rapaz que olhava para cá insistentemente. «Ai, ai, ai, vamos ter coisa!» — rosnei entre dentes, esmurando o fundo dos bolsos, a retesar nos braços uns arremedos de músculos.

— Vamos ali ver a roda-gigante de perto?

— Vamos.

A aquiescência foi maciça e decepcionante. eu contava com a hesitação, a leve resistência que causa as distrações e provoca as fúteis querelas dos namorados; com minha proposta tão somente intentara empreender um jogo gracioso e gratuito — ir à roda-gigante deveria ser pretexto que motivasse muitas e muitas consequências, e não ser um fim de si mesmo. Pendo reparo nisso, percebi estar ali como pagem, objeto útil para as diversões de Lêda, menina.



com que brincava e se desentendava de suas próprias bobices. Depois da roda-gigante haveria as barraquinhas de jogo, a maxambomba, o leilão, os fogos de artifício — mas não outra Lêda que me satisfizesse nem outro eu mesmo que me consolasse. Bem melhor seria acabar com a larva. Porém caminhamos lado a lado, eu humildemente obedecendo à evidência das coisas: a conspiração da noite, o céu triste sem lua, o desejo muito grande de dar carinho, e até o arrepio de frio. Pois acho que fazia frio mesmo — sim, era noite de junho ou julho e estive quase a ver Matilde como uma solução, uma companheira desinteressada que nada reivindicava e só participante dos acontecimentos por fidelidade à sua condição de companheira. Mas aquela imensa necessidade de mulher me lançava para mais longe dela; e as duas assim juntas aliguravam-se dois bichos estranhos, pertencentes a uma outra humanidade impossível de ser compreendida ou de fazer-se entender. E repeli tal heresia de meu coração, porque afinal de contas era Lêda que eu amava com sinceridade irrecusável, que chegava a me trespassar o peito e a exigir-me um esforço sem tréguas para não revelar-se.

Sim, foi uma noite de frio; levei-as até à casa. Ali a rua era quieta com jardins tranqüilos e discretamente olorosos. Ao portão, despedi-me de Lêda, quase em definitivo. Tudo, porém, resumiu-se num «boa noite», com as mãos se apertando numa intensidade cotidiana. E ela ia agora dormir, abandonar-se, ser ela mesma, ia a sonhar, com quê? com quem?

Tomei o rumo de casa ferindo alto com os tacões o silêncio que jazia sobre a calçada como se desse ponta-pés raivosos em cães importunos que ali dormissem: ia enérgico para não tropeçar no desespero que me mordida os calcanhares. E, por entre os jardins de lado a lado da rua, investi indiferente a tudo, sentindo na garganta a sufocação de uns versos que comesçassem assim: «Que haverá em mim, meu Deus, que me incapacita a suscitar amor?»

Conto de ALOÍSIO G. BRANCO

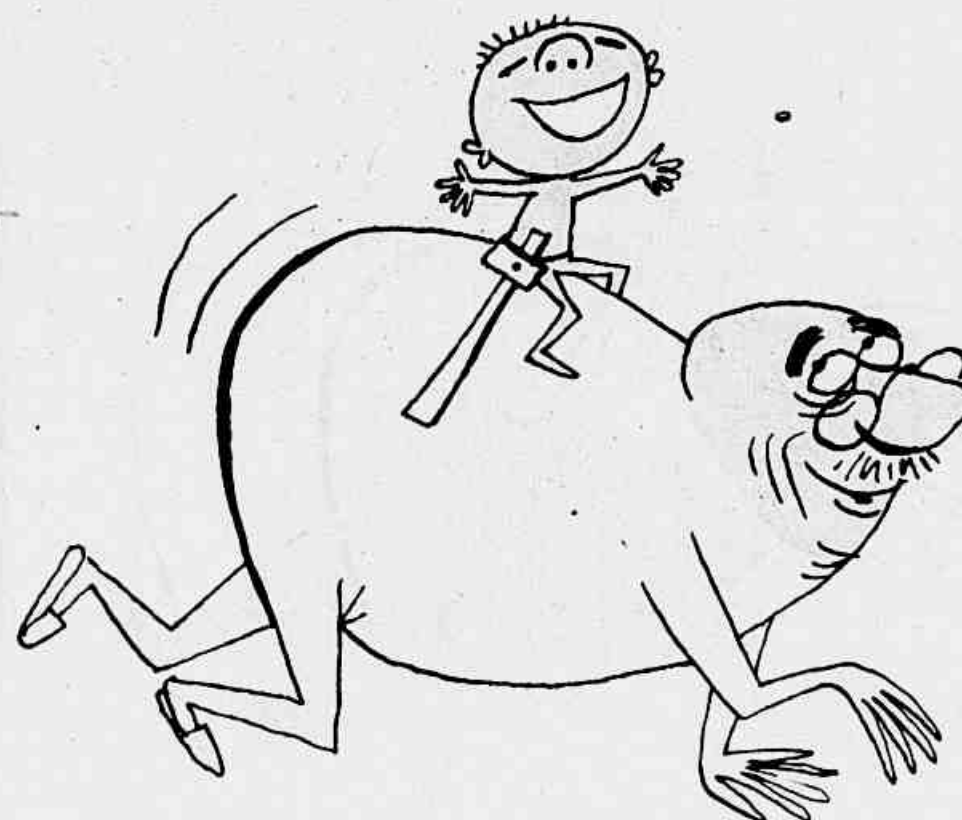
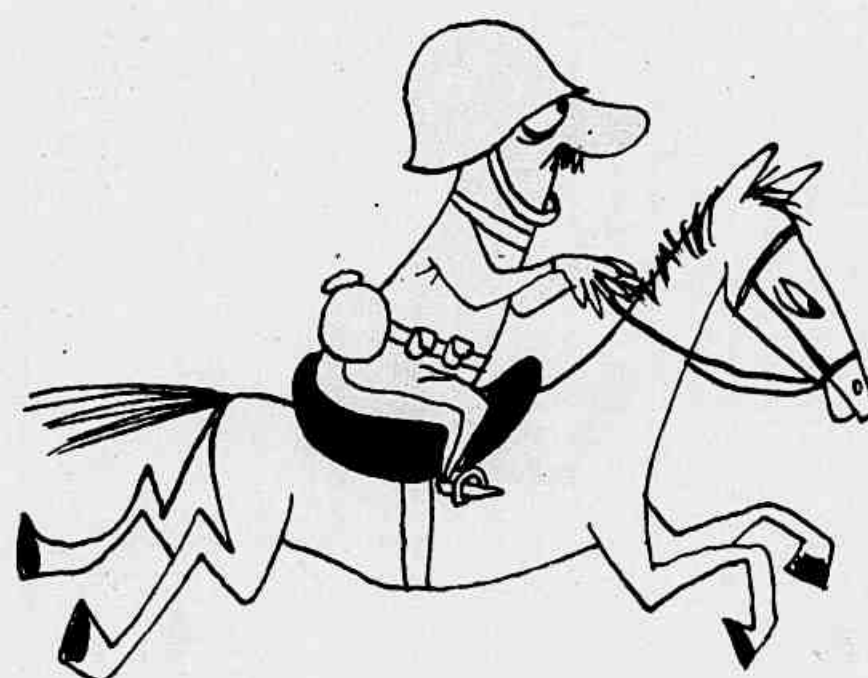
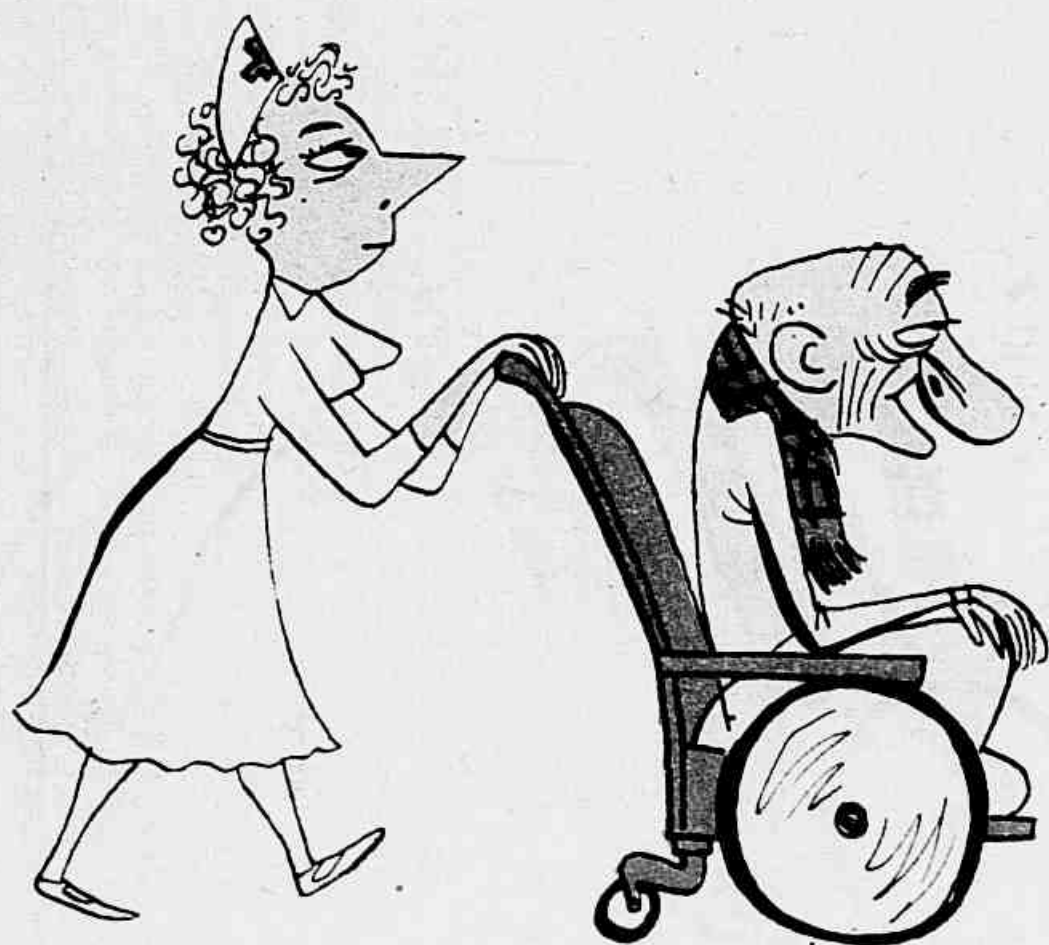
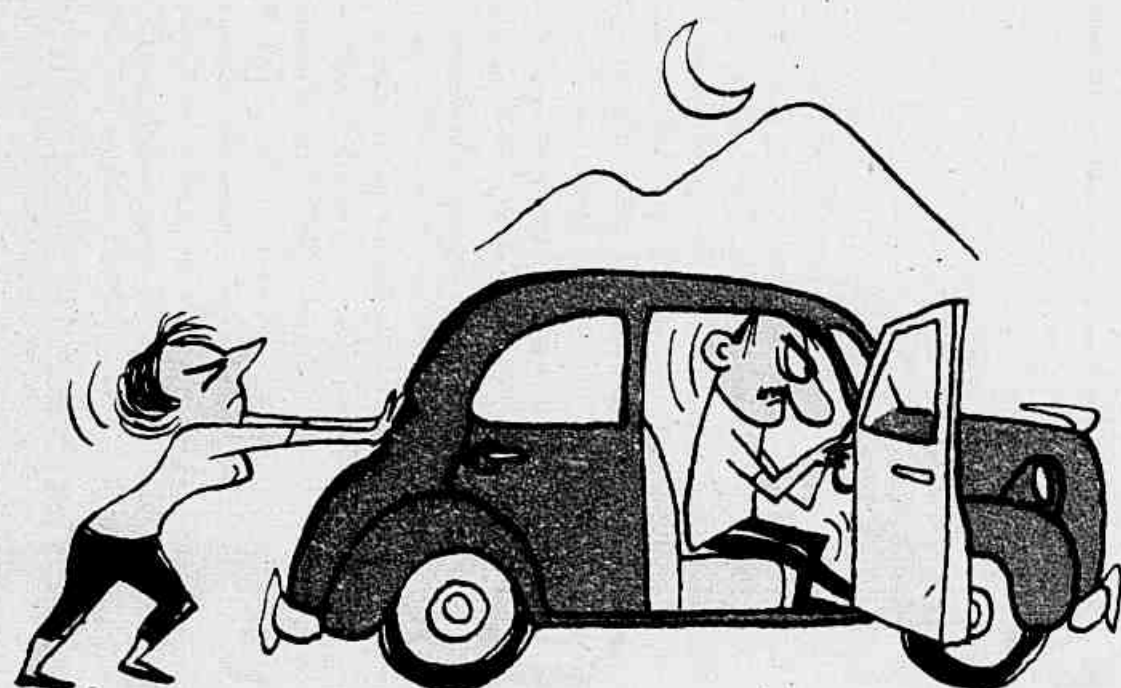
Ilustração de J. RIBEIRO

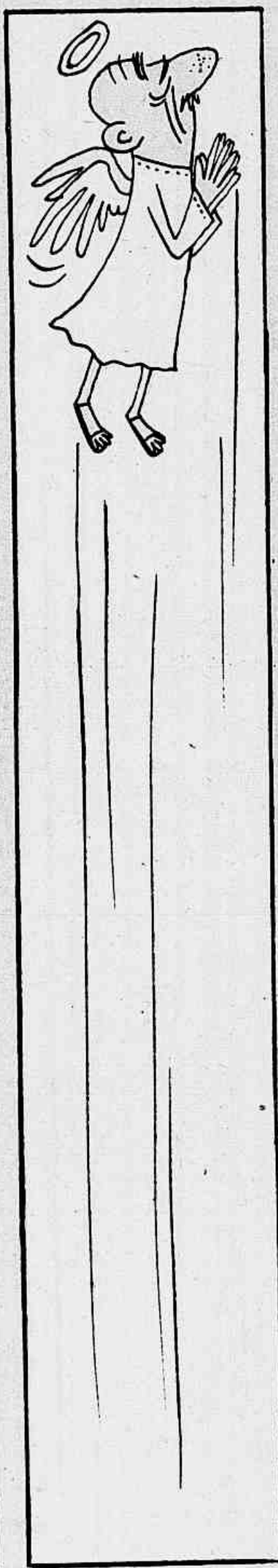
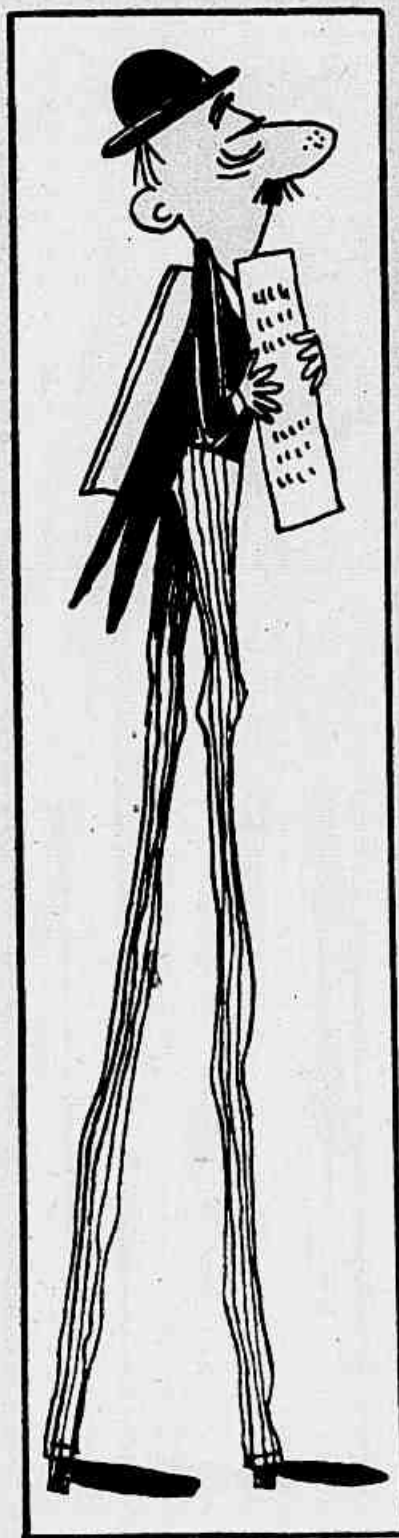
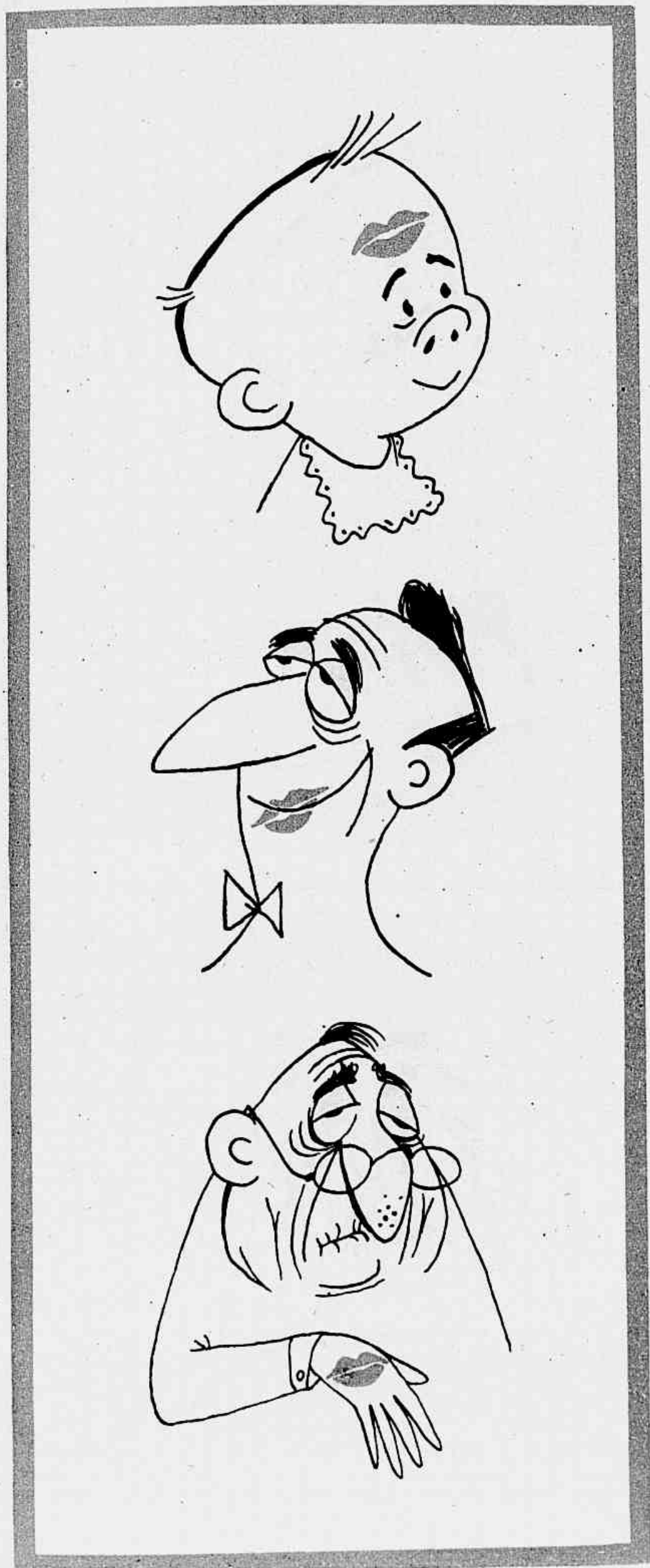
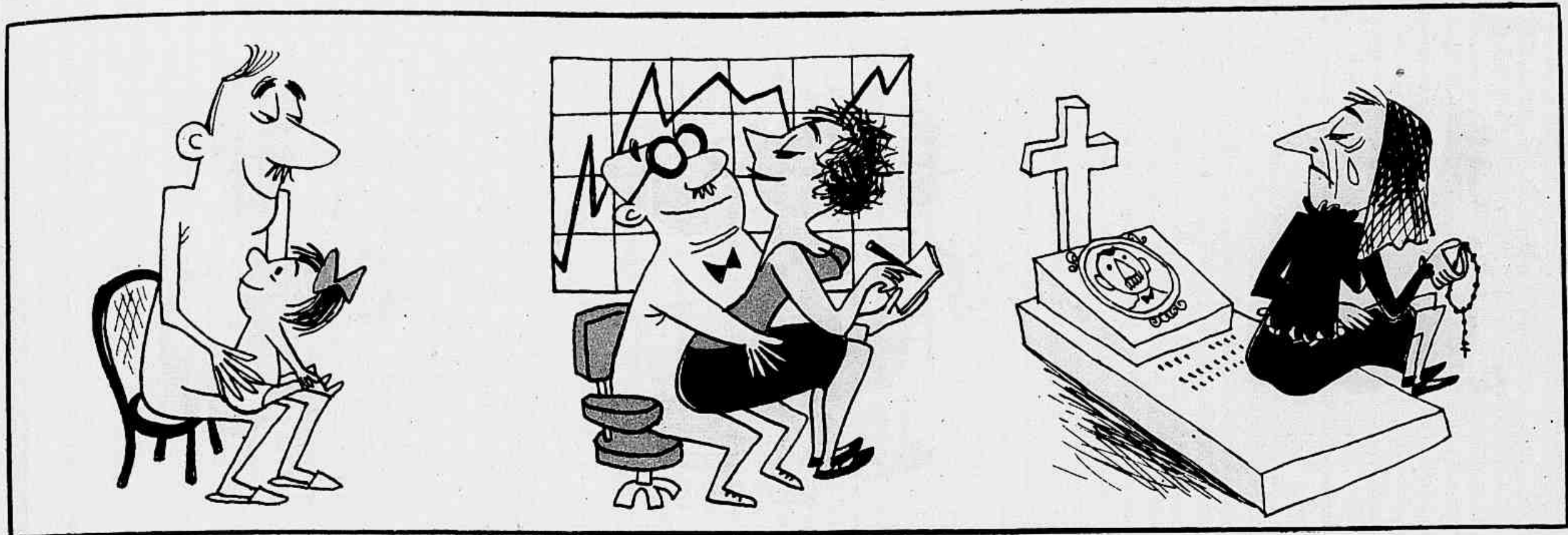


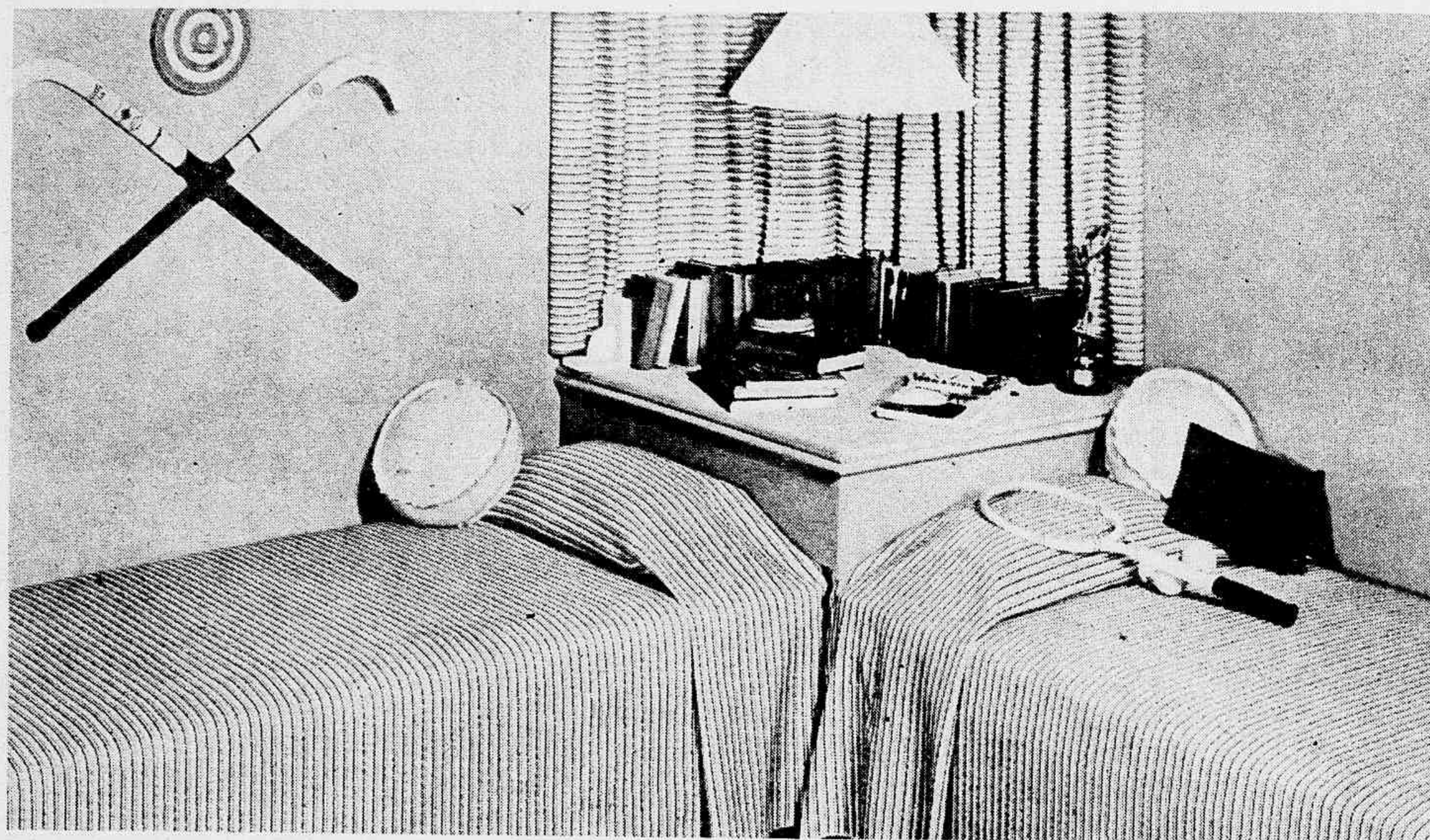
FORTUNA

muito rapidamente) APRESENTA

Em 3 Tempos







SUGESTÃO PARA O LAR

◆ As crianças vão crescendo, e os brinquedos, aos poucos, são substituídos por livros e apetrechos esportivos. Também o quarto dos meninos deve se transformar, de acordo com as novas tendências do rapazinho. Na fotografia, mostramos um ângulo de um quarto de meninos. As duas camas divãs foram colocadas de forma que sobrasse bastante espaço livre no quarto, para escrita-

ninhas, armários e poltronas. Um tecido grosso, lavável e de cores sóbrias foi o escolhido para as colchas (de feitiço muito simples) e para a cortina. O móvel de ângulo abre-se, levantando-se o tampo, como se fosse uma arca, e dentro foram postas todas as «lembranças» de infância dos meninos: ursinhos, automóvelzinhos, os primeiros cadernos de escola... tudo que não tem mais utilidade.

Ter sorte...

Não nos lamentemos demais de nossa pouca sorte neste mundo, nem cantemos demais a nossa boa sorte, que às vezes não temos mérito nem desmérito nisso. A esse propósito os chineses contam uma lenda muito curiosa e na qual devemos pensar de tanto em tanto. O único filho de um camponês da Velha China partira para a guerra. O velhinho deixava estupefatos todos os que iam consolá-lo dizendo:

— Quem sabe se não foi sorte?

O filho foi promovido, e quando os amigos do camponês cumprimentavam-no por isso ele respondia:

— Quem sabe se não foi uma desgraça?

Exatamente por ficar mais exposto, devido ao grau superior, o filho foi ferido e, aos vizinhos consternados o pai dizia que, «talvez tivesse sido sorte».

Por causa do ferimento o rapaz foi mandado à casa, livrando-se de outros infortúnios de guerra e dando razão ao pai.

Confiança...

A confiança é um sentimento necessário para o bom equilíbrio de um lar. Não deve, porém, ser excessiva, nem pouca demais. Não devemos fazer pouco de nós mesmos nem da boa vontade dos outros. Confiança em nós mesmos, no nosso marido, nos nossos filhos, nos empregados que nos ajudam a levar avante a tarefa de cada dia, é im-



prescindível. Poderia-se pensar que confiança se inspira «por natureza». Isso não é exato: inspirar confiança é uma conquista. É importantíssimo que inspiremos confiança a nossos filhos, nosso marido e a todos aqueles que com nós convivem, pois nesse ponto deve haver reciprocidade.

Executemos com critério e boa vontade as tarefas que nos são destinadas em casa, no trabalho, em sociedade, se queremos que os outros em nós confiem.

Preparemo-nos para as festas

Preparemo-nos para as festas que se aproximam. Arrumemos nossa casa o mais atraentemente possível, de acordo com nossas posses, principalmente se há crianças no nosso lar. Uma das melhores recordações que se tem da meninice são exatamente as festas de fim de ano, e você não deve privar disso os seus filhos.

Arrume a árvore ou o presépio de Natal, faça os doces e bolos para a ocasião, e, mais que isso, ponha-se em um estado de espírito feliz, cheio de alegria, boa vontade e... espírito de sacrifício. Não se admire do conselho, para que tudo saia na melhor das formas você deve empenhar-se com corpo e alma, sacrificando, mesmo, algumas de suas comodidades, em benefício da alegria que proporcionará aos seus.

Notinhas úteis

Para tirar o cheiro de mofa dos aposentos e dos móveis, basta pulverizar por dentro um pouco de terebentina, e depois arejá-los bem.

As cerâmicas devem ser limpas com uma escovinha úmida mergulhada em bicarbonato de sódio.

As molas dos estrados das camas e dos divãs devem ser untadas de tanto em tan-

to com um pouco de óleo mineral, para não rangerem.

Tanto no verão como no inverno as flores cortadas durarão mais se você as puser em vasos com água ligeiramente morna e não fria.

Ao contrário do que se usa habitualmente, o mel se conserva melhor quando contido em recipientes opacos e guardado no escuro.

WEEK END NA COZINHA

♦ Não há dúvida que as sobremesas geladas são as preferidas no verão. Principalmente pudins e gelatinas. A receita de hoje é de um pudim de ovo delicioso.

INGREDIENTES:

250 gramas de açúcar;

15 gramas de gelatina em pó (sem sabor);

6 ovos;

1 cálice de vinho branco;

1 colherinha de baunilha (essência);

1 limão;

2 colheres das de chá de rum;

canela em pó — biscoitos.

INSTRUÇÕES:

1 — Ponha a gelatina para amolecer em um pouco d'água fria. Enquanto isso...

2 — Ponha numa tigela as gemas, o açúcar, a baunilha e uma pitadinha de canela em pó.

Bata bem, até obter um creme denso e liso. Ponha, então, o vinho branco (1 cálice dos grandes). Quando o vinho estiver bem misturado, junte a casca ralada do limão.

3 — Ponha a mistura acima em banho-maria (a água do banho-maria já deve estar fervendo) e continue a bater sobre o fogo, até que fique bem crescido e macio. Tire do fogo e continue a bater, até esfriar.

4 — Junte a gelatina, depois de tê-la acabado de dissolver em banho-maria. Acrescente o rum, misturando-o bem.

5 — Ponha tudo para gelar numa forma de vidro, ou louça, previamente molhada. Deixe gelar por duas horas, ou mais.

6 — Na hora de ir para a mesa, imergi-lo rapidamente em água fervendo, para que se solte bem da forma. Virar num prato grande. Enfeitar com biscoitos «dedo de moça», creme, e cerejas em conserva.

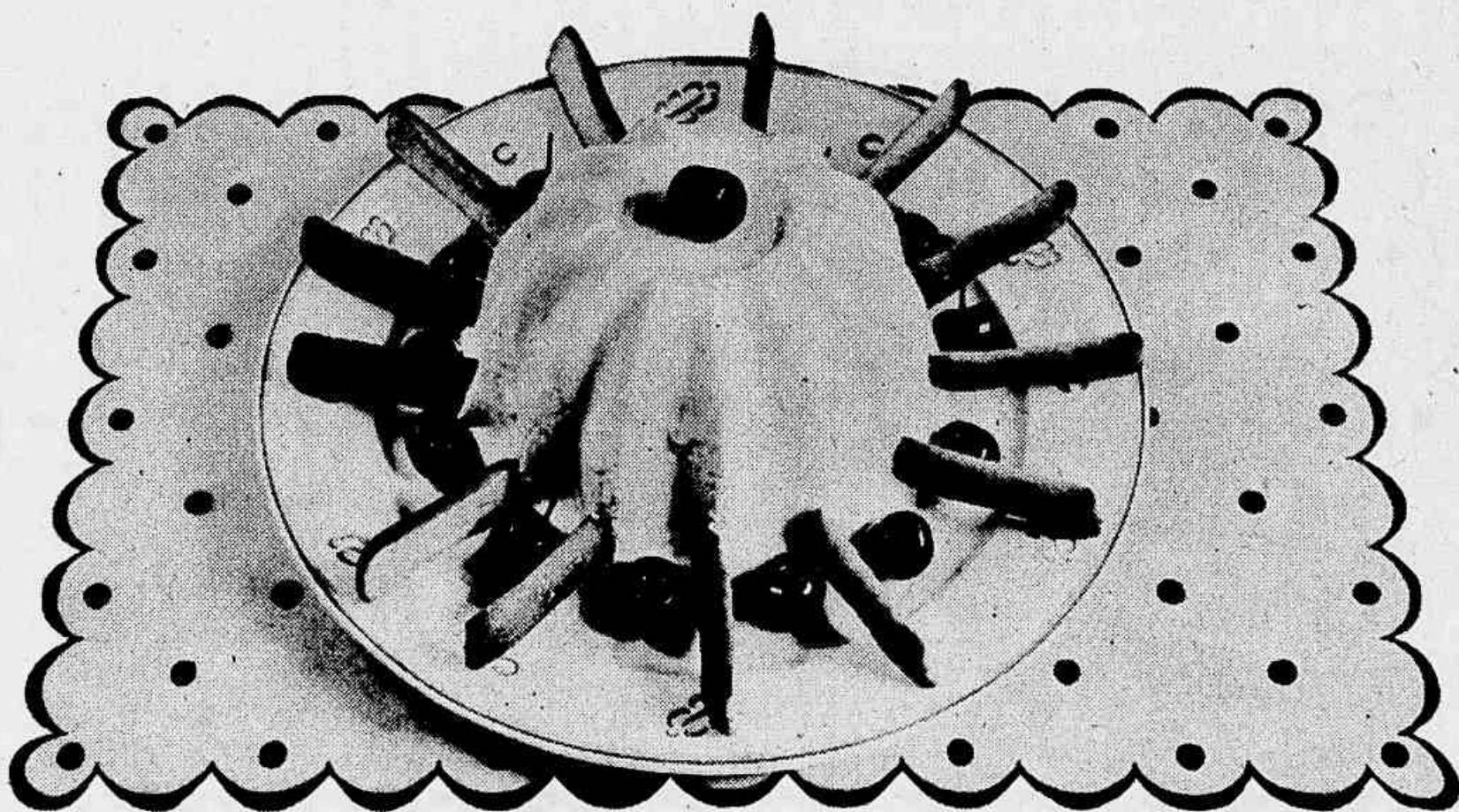


BELEZA

★ MAQUILAGEM PARA LUZ ARTIFICIAL — Você não pode usar de noite, sob a luz artificial, a mesma maquiagem que usa para de dia. Além de mais vivas, as cores do rouge e do baton também devem puxar mais para o vermelho, ou, para o «azulado». Quanto às sombras, as mais bonitas são ligeiramente azuladas e nunca — sob a luz artificial — castanhas.

Na maquiagem para a noite pode-se acentuar mais «dramaticamente» certos traços, e permitem-se algumas excentricidades, como pestanas postiças, e prolongamento dos cantos dos olhos com lápis. No entanto, nunca se deve abusar de tais artifícios, pois, ainda que realcem a beleza, envelhecem o rosto, mesmo quando bem aplicados. Provavelmente, a não ser que você seja excessivamente jovem, não há de querer parecer ter alguns anos a mais.

★ COMO PASSAR O ROUGE — Se você quer saber em qual parte do rosto deve passar o rouge, eis uma regra de ordem geral, muito boa: trace um ângulo imaginário com o vértice na parte mediana das narinas, e com as pontas no centro dos olhos. Passe o rouge dos lados desse ângulo para fora, e nunca para mais perto do nariz. Se, porém, seu rosto for demasiadamente gordo e redondo, então pode passar um pouco para dentro dessa linha, aproximando o colorido um pouquinho mais do nariz. Se tem o queixo muito comprido, passe um pouco de rouge sobre ele, para dar ilusão de menor. Também pode tocar as pontas das orelhas com um pouco de rouge, para que não sobressaia tanto quando pentear os cabelos para cima. (Na foto ANNE BAXTER da U. International).





Grand Monde internacional



Príncipe Ali Khan, doente do coração.

Luce vai pedir ao Presidente Eisenhower, demissão do importante cargo que ocupa no seu governo. Motivo alegado: saúde. ★ A famosa coluna social de Cholly Knickerboker, em New York, está dedicando grande espaço de seu comentário diário para falar do grande baile que será realizado no próximo dia dez de dezembro nos salões de Waldorf-Astoria, já batizado de «Uma Noite no Rio». Este importante acontecimento será patrocinado pela VARIG. Um conhecido grupo de figuras do «high-society» brasileiro vai «decolar» para New York especialmente para participar dessa grande «soirée», que será uma enorme propaganda do nosso país. Estarei presente a essa internacional «soirée-snob» no Waldorf-Astoria, com uma grande cobertura jornalística para a REVISTA DA SEMANA. Será também meu primeiro contacto com o «Grand Monde Internacional». ★ Vocês sabiam que o cobiçado príncipe Ali Khan está doente do coração? Esta é a última que acabo de receber do meu «gabinete social internacional».

JANTAR NO GLÓRIA — Na última terça-feira aconteceu nos salões do Hotel Glória um grande jantar presidido pelo Prefeito Negrão de Lima em homenagem às «Dez personalidades do ano». Essa lista reuniu algumas das mais destacadas figuras da política, jornalismo, finanças, artes, etc. Esse acontecimento foi devidamente divulgado pela imprensa carioca.

O «show» Rio, de Janeiro a Janeiro, que está sendo apresentado no «Night-and-Day», está fazendo um sucesso realmente suspense. Na última noite em que lá estive em companhia de Maria José (Miss Brasil) Cardoso, do paulista Eduardo Simonson e outras pessoas mais, constatei isso.

Gray Lafer, jovem participante do «High-Society» do Planalto, recebeu no último sábado um jovem grupo para jantar na sua mansão situada na avenida Europa. Esse foi o mais importante acontecimento do jovem «High-Society» na semana paulista.

Quando recentemente estive com a extraordinária senhora Niomar Munis Sodré, ela falou-me com entusiasmo do moderno edifício que está sendo erguido para a futura sede do Museu de Arte Moderna. De-

Pequenos Flashes

pois de tudo pronto, a senhora Munis Sodré pensa em fundar em Brasília um Museu de Arte Moderna.



No jantar das «Dez Personalidades do Ano», realizado no Hotel Glória, a elegante senhora Niomar Munis Sodré, presidente do Museu de Arte Moderna, conversa com o colonista Jeff Thomas e o produtor Carlos Machado.

GLAMOUR GIRL CARIOCA

Por um júri composto exclusivamente de homens, será escolhida na «soirée-snob» do próximo sábado a «Glamour-Girl» do «high-society» carioca. Este «suspense» acontecimento será no «golden-room» do Copa e tudo devidamente organizado pela senhora Léa Affonseca Duvivier.

Gossip



O galante sr. Eduardo Simonson coloca a estola em Miss Brasil, srta. Maria José Cardoso. Momentos depois o sr. Simonson levava a conhecida beldade a um «night-club».

De «preview» para vocês: dia 22 a bonita jovem Maria Laura Duarte e o nosso conhecido Albino Avelar, vão acabar o namoro e começar o noivado. Para comemorar o acontecimento o sr. e sra. Deoclécio Duarte (pais de Maria Laura) recebem na «soirée» do dia 22, e na «soirée» do dia 23 o sr. e sra. Júlio Avelar (pais de Albino) «acontecem» com um grande «souper». ★ O sr. Fernando Pessoa de Queiroz, atualmente circulando sem nenhum «date». Será que o Fernando vai figurar na PRATELEIRA? ★ O belorizontino sr. Moacir Moura parece ter em Gilda Joppert o seu atual «date» preferido. Numa recente noite em um «night-club» os dois dançavam «cheek-to-cheek». ★ O noivado do sr. Osvaldo Vidigal com a senhorita Milu Loureiro, «congelou». ★ Baby Thomas informa que Kuck de Monfort continua sem «date». Enquanto isso o sr. Raul Loeb está nos «States». ★ Marcelo Vorona, que ultimamente vem cortejando a «beaut» Carmen Salen, deixou Sônia Walter sem «date». Acontece que estou agora sendo informado de que o Vorona, cominha para ficar sozinho, pois a Carmen ainda parece alimentar um romance com o italiano sr. Victorio Romanelli. ★ O paulista Geraldo Nóbrega, atualmente no Rio, está cortejando a bonita modelo Cristie, da Canadá de Luxo. Esse romance que teve seu início no Planalto, está continuando no Rio. ★ Quando Miss Brasil, Maria José Cardoso, esteve recentemente no Rio para participar do banquete das «Dez Personalidades do Ano», determinado senhor de Parnaíba esteve cortejando-a com insistência, sem o devido resultado. O senhor em questão quer casar-se com Zézé, mas acontece que ela não quer. Enquanto isso ela vai figurando na PRATELEIRA. ★ Ela continua também figurando na PRATELEIRA.

No próximo sábado antes do início do baile da «glamour-Girl», o casal Eduardo Duvivier receberá um pequeno grupo do «High-Society» carioca e paulista para um «cock-tail» em seu apartamento.

Por falar no baile da «Glamour», acho que a glamourosa jovem Mary Spitzman Jordan, poderá ser a substituta de Rosinha Sezerdelo Machado. Se isso acontecer não será nenhuma surpresa.

Na outra noite no «Cremailere» o sr. e sra. J. Fomm jantavam a uma mesa. Em outra mesa o sr. Renato Bandeira duplamente acompanhado.

Na segunda-feira que passou a Canadá Boutique realizou uma «Preview» especial para a imprensa, onde apresentou uma coleção de trajes para praia, campo e esporte.

Será no dia 26 (hoje) o segundo Concerto Brasileiro de jazz, numa «soirée» de gala no «Golden-Room» do Copa. Apresentarei depois uma reportagem sobre essa «suspense» noite de Jazz.

O moderno restaurante do Hotel Glória, funcionando com uma cozinha internacional, tem tido seus almoços muito concorridos.



O paulista Geraldo Nóbrega com a modelo Cristie, que parece ser seu atual «date».



O «gentleman» sr. Otávio Guinle com a senhora general Nelson de Queiroz que estava numa noite feliz.



O sr. e sra. Jorge Morani, dançam. Andréa foi a mais bonita dessa «suspense» «soirée» no «Mid-Night».

ABBEY LINCOLN NO «MID-NIGHT»

◆ Foi na noite de sexta-feira que a cantora negra Abbey Lincoln, fez sua estréia no «Mid-Night» do Copa. Essa noite foi muito elegante e compareceram grandes figuras do «high-society» carioca. No meu caderno fiz as seguintes anotações: a senhora Jorge Morani com seu tipo de beleza européia, foi a mais bonita presente; a morena, senhora Eunice Modesto Leal, que estava toda de branco (vestido, sapatos, bolsa, colar e brincos) era a mais elegante da noite; a senhora Toni Mayrink Veiga, estava muito bonita. Carmem usava cabelos soltos; a elegância

do sr. Didu de Souza Campos, cada vez mais «suspense»; o sorridente e simpático sr. Jorge Morani, cada vez mais integrado no nosso «high-society». Outros presentes: sr. e sra. Otávio Guinle, sr. e sra. general Nelson Queiroz, sr. e sra. Didu Souza Campos, sr. e sra. Aluísio Munis Freire, sr. e sra. Fritz Alencastro Guimarães, sr. e sra. Jorge Prado, sr. Arnaldo Brenha, sra. Suzana Pôrto, srtas. Gilda Joppert, Regina Góis, Clio Politis, a modelo Cristie, o sr. André Spitzman Jordan, etc.



O «maitre» Ferry, mostra a Clio Politis, o «menu» da noite, assistido pelo colunista. À direita: A beleza européia Andréa Morani conversa com o sr. Aluísio Munis Freire nesta noite «high-society»

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



O ENIGMÁTICO KAPITZA

Ioffe intervém imediatamente.
— O senhor tem mais alguma a nos comunicar, general?
— Mais algumas perguntas.
O visitante recomeça:
— Antes de tudo, devemos saber exatamente como manejar e conduzir a vossa invenção, fora das medidas normais de segurança.
— Antes de qualquer coisa, é preciso ir vagarosamente, com muito cuidado — diz Ioffe — O professor Kapitza indicará o modo de suspensão, as precauções a tomar para evitar choques, vibrações e

umidade. Assim, não será necessário ter prudência!
— O marechal Béria nos comunicou — diz Grochovski — que a espoleta pode ser colocado tanto durante o voo como no local da experiência.
Esta simples observação choca Kapitza e Ioffe. Algumas horas atrás, Béria havia dado instruções a Ioffe no sentido de soltar as bombas sem foguetes e eis que ele fala em arremecê-las em pleno voo. A idéia seria do general Malichev?
— Não dispomos mais de que

duas cargas para experiência — diz Ioffe — uma de urânio e a outro de plutônio. Este é, talvez, o problema mais difícil para vós, porém, nada podemos fazer.
— Pelo menos esperamos — retruca o general sem demonstrar surpresa. Diz-se que quando da primeira experiência americana, por pouco não se deu uma explosão prematura. E depois, vós não estareis sempre ao nosso lado: por isso, é preciso prever tudo.
Ioffe sabe através dos seus «correspondentes» que se teria produzi-

LEIAM

EU SEI TUDO

PREÇO
CR\$ 10,00

CURSOS GRATUITOS DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia comunica encontrarem-se abertas as matrículas aos seus cursos de três meses, em 10 horários de manhã, tarde e noite com aulas bissemanais de 40 minutos. Os interessados no curso por correspondência poderão retirar e entregar as lições num total de 22 em nossa Sede ou receber e enviá-las pelo Correio. Conferimos diplomas aos realmente habilitados. Para maiores informações dirigir-se ou escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, Rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar — Conjunto 93, Caixa Postal 8800 — Telefone 36-7859 — São Paulo.

do uma terrível catástrofe em Los Alamos, se o professor Bacher não tivesse nervos de aço. Ele recordou, também, a pequena explosão de laboratório que custou a vida do infeliz Petrzak.

— Com ou sem mim — diz Ioffe — tôdas as medidas de segurança serão tomadas com antecipação. Mas, como arranjar este transporte? Não dispomos, como já disse, senão de duas cargas para experiência...

— E dessas duas cargas seria possível fazer quatro, ou oito? — Pergunta o general

— Evidentemente — responde Ioffe — mas assim, o processo ficará mais demorado. E o problema todo é fazer a experiência com a maior rapidez possível.

— A quem ocorreria a idéia de verificar o conteúdo das bombas? — Torna o general.

Ioffe compreende imediatamente.
— Vocês pensam que nós poderíamos encher as cascas das bombas com outra coisa?

— Por que não? Cór, forma e peso deverão ser os mesmos, como é claro...

Ioffe fica pensativo. Depois de muito tempo, Kapitza se levanta, coloca as mãos nas costas e olha pela janela.

De repente, ele se volta e, num tom sério, dá ao visitante tôdas as indicações de que ele precisa para realizar o transporte. Fala sobre a suspensão, posição, sensibilidade extrema da carga. Grochovski é um técnico; ouve com atenção, faz algumas perguntas. E compreende muito bem as instruções.

Depois da sua partida, Ioffe se volta para Kapitza, que está mergulhado no silêncio:

— Piotr, não tens a impressão de que estamos relegados?

(Cont. no próximo número)



TOQUE DE BELEZA E UTILIDADE NUM CONJUNTO DE FORMAS E CÔRES

◆ O Presidente Kubitschek ouve atentamente o ministro Lúcio Meira após a recente inauguração do «Salão Ferroviário». Sr. Presidente: A exposição agora feita no Ministério da Viação e Obras Públicas, é uma oportunidade para que nossos artistas aproveitem, em seus trabalhos, um tema que está no fundo das recordações de todos nós: o trem de ferro. Os trilhos, a locomotiva, a estação, os sinais luminosos, o movimento de ida e vinda dos vagões tudo isto está ligado ao homem e à sua luta por uma vida melhor. A ferrovia não é apenas um conjunto de atividades técnicas e administrativas a exigir sempre soluções novas e planos de aperfeiçoamento. Ela é também um conjunto de formas e cores, a que a presença do homem dá um toque de beleza e um signo de utilidade. E é por isso que, nas pinturas, gravuras e desenhos que o Salão Ferroviário exhibe, pode ver-se com nitidez, o outro lado da estrada de ferro, aquele que o homem foi capaz de sentir em todos os utensílios e máquinas de que se tem servido: a beleza da coisa útil.



O ESFORÇO DO PADRE GÓIS

♦ Há 15 dias o Flamengo se sentia perdido, e o tetra era quase um sonho de uma noite de verão. Mas o que seria realidade autêntica para os outros clubes, para o Flamengo é apenas uma adversidade passageira. Pois o Flamengo tem uma arma que os outros não conhecem: o padre Góis. E essa arma de efeitos às vezes retardado, voltou a funcionar com eficiência. E o Flamengo já está novamente embalado na luta pelo campeonato que lhe dará o cobiçado e nunca antes atingido tetracampeonato.

FATOS DO ESPORTE

ZIZINHO «SHOWMAN»

♦ Mais uma vez Zizinho foi o dono do espetáculo. Jogando apenas 20 minutos liquidou definitivamente o Fluminense. Dizem que seu esforço foi mais em benefício do Flamengo (do ambicionado tetra) do que mesmo do clube que paga seus esforços a peso de ouro. De qualquer maneira, Zizinho provou que ainda tem futebol para muito tempo. E se Carlito Rocha for o selecionador para o mundial de 58, não é impossível que Zizinho, mais uma vez, «faça a Europa se curvar diante do Brasil».



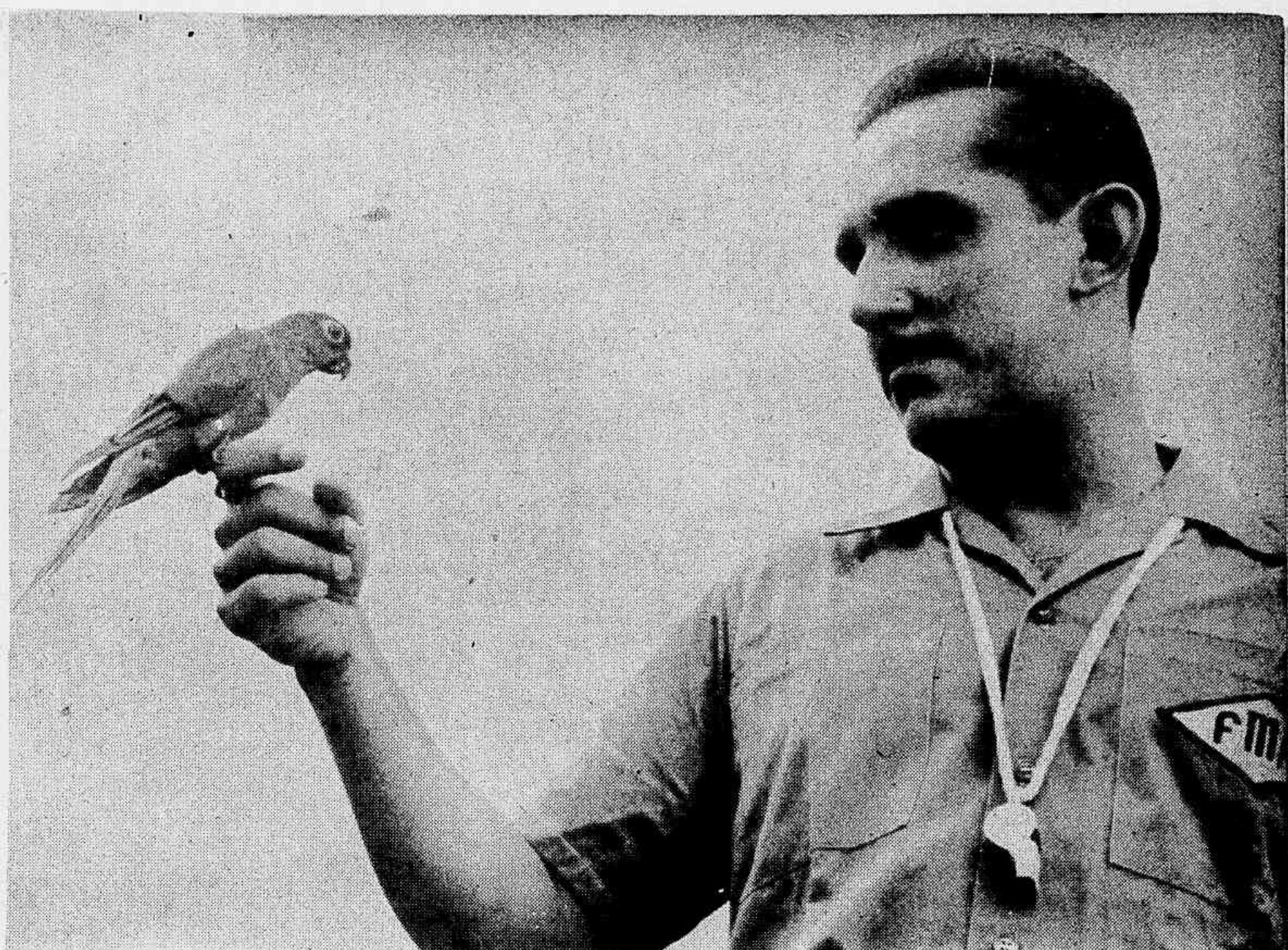
NEWTON ANET TÉCNICO DE ZIZINHO

♦ O futebol carioca tem coisas gozadas. Vários técnicos já sobram do Bangu, pela impossibilidade provada de dar ordens ao «mestre Ziza». Mas parece que os únicos a não perceber esse estado de coisas, são os dirigentes do clube suburbano. Pois insistem em contratar mais técnicos. O de agora tem o nome de Newton Anet. Quanto tempo durará? Só Zizinho poderá dizer. Dependerá da maior ou menor capacidade do técnico de se entrosar com o indiscutível dono do time. Será que o Bangu é o único a não perceber que a solução está na cara, à mão, e consiste simplesmente em usar Zizinho como jogador e como técnico?



OS ERROS DE MALCHER

♦ Não é de hoje que Malcher gosta de compensar seus erros com outros erros maiores. Já em 48 no Chile foi assim, o que lhe valeu uma vaia monumental, a maior que já assistimos numa praça de esportes. (Excetua-se naturalmente a vaia genial que o sr. Ciro Cardoso então prefeito do Distrito Federal, ganhou no Maracanã, em virtude de seus esforços para estimular a falta d'água). Já entrou na lista negra de vários clubes por causa dessa sua irresistível tendência. E no último América e Botafogo depois de validar um gol do América em visível impedimento, arranhou dois pênaltis inexistentes e acabou dando a vitória ao Botafogo. E se o sr. Giulitte Coutinho não fôsse o «gentleman» que realmente é, o sr. Malcher iria ter que viver algum tempo exclusivamente com o seu ordenado do Banco da Borracha. O que positivamente não lhe permitiria incursões mais ou menos felizes pelo setor turfista.



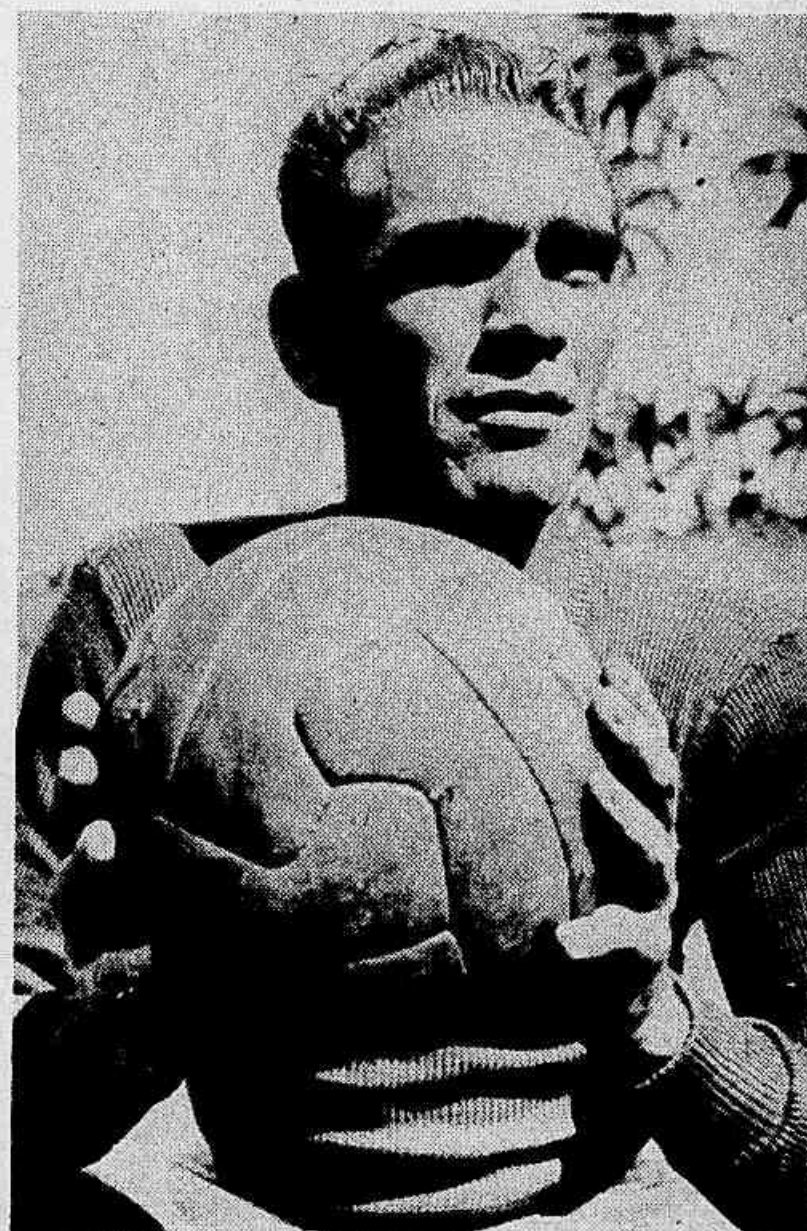
ONDA CONTRA CARLITO ROCHA

♦ Ninguém neste país tem mais credenciais que o sr. Carlito Rocha para dirigir o selecionado brasileiro que disputará o mundial na Suécia em 58. Mas os paredros brasileiros (escusos e sem imaginação) insistem em não aproveitá-lo. Falam em vários nomes, mas desconversam, mudam de assunto, trocam de lugar quando alguém lembra Carlito Rocha. Mas não estamos dispostos a aceitar os Nascimento e os Vinhais de todas as vezes para o lugar que pertence de fato e de direito a Carlito Rocha. E se ele não fôr escolhido, convocaremos Armando Nogueira, os JJ do «Correio da Manhã», o Sandro Moreira, o Valter Mesquita, o Pompeu de Souza, e outros mais, e obrigaremos os dirigentes da CBD, a uma autocritica impiedosa no melhor figurino da época. E acabaremos com o culto à personalidade, impondo uma outra muito mais do nosso agrado.



A VOLTA DE JAIR

♦ Em 1938 aparecia em Madureira um garoto desengonçado, pernas fininhas, magro que nem um «varapau», que parecia tudo menos jogador de futebol. Mas um ano depois já dava «show» de bola, e era requisitado para o famoso selecionado que enfrentou os argentinos no massacre de 39. E durante mais de 15 anos reinou no futebol brasileiro, indiscutível e incontestado. Agora a história se repete. E o personagem é um sobrinho do mesmíssimo Jair da Rosa Pinto. Seu nome: Roberto. Idade: 17 anos. Características: as mesmas do tio famoso. Magrinho, pernas quase invisíveis, mesma maneira de tocar na bola e emprestar-lhe eleitos «esquisitos». Única diferença: mais integrado nas «realidades» da guerra esportiva carioca, preferiu começar pelo Vasco da Gama, em vez de fazer o competente estágio num clube pequeno como aconteceu com seu tio famoso.



CASTILHO FECHOU A LEITERIA

♦ O goleiro do Fluminense enfrenta o tempo das vacas magras. Depois da bonança (que durou tanto) começou a tempestade. Os frangos se acumulam, os dirigentes se desesperam, as traves já não salvam gols com a prodigalidade de antes. Que fazer? Veludo também já voou para outras bandas e não há ninguém para ocupar o seu lugar. Esperar nova reviravolta da sorte? Impossível. Ela já deu mais do que era lícito esperar (ou exigir) e ainda vai ter muito trabalho este ano protegendo Chamorro ou Aníbal no Flamengo. Estará portanto muito acupada e não poderá atender o nosso caríssimo Castilho. O remédio é abandonar os campos na hora certa, recolher-se e em dias mais calmos, contentar-se com o velho álbum de recortes.



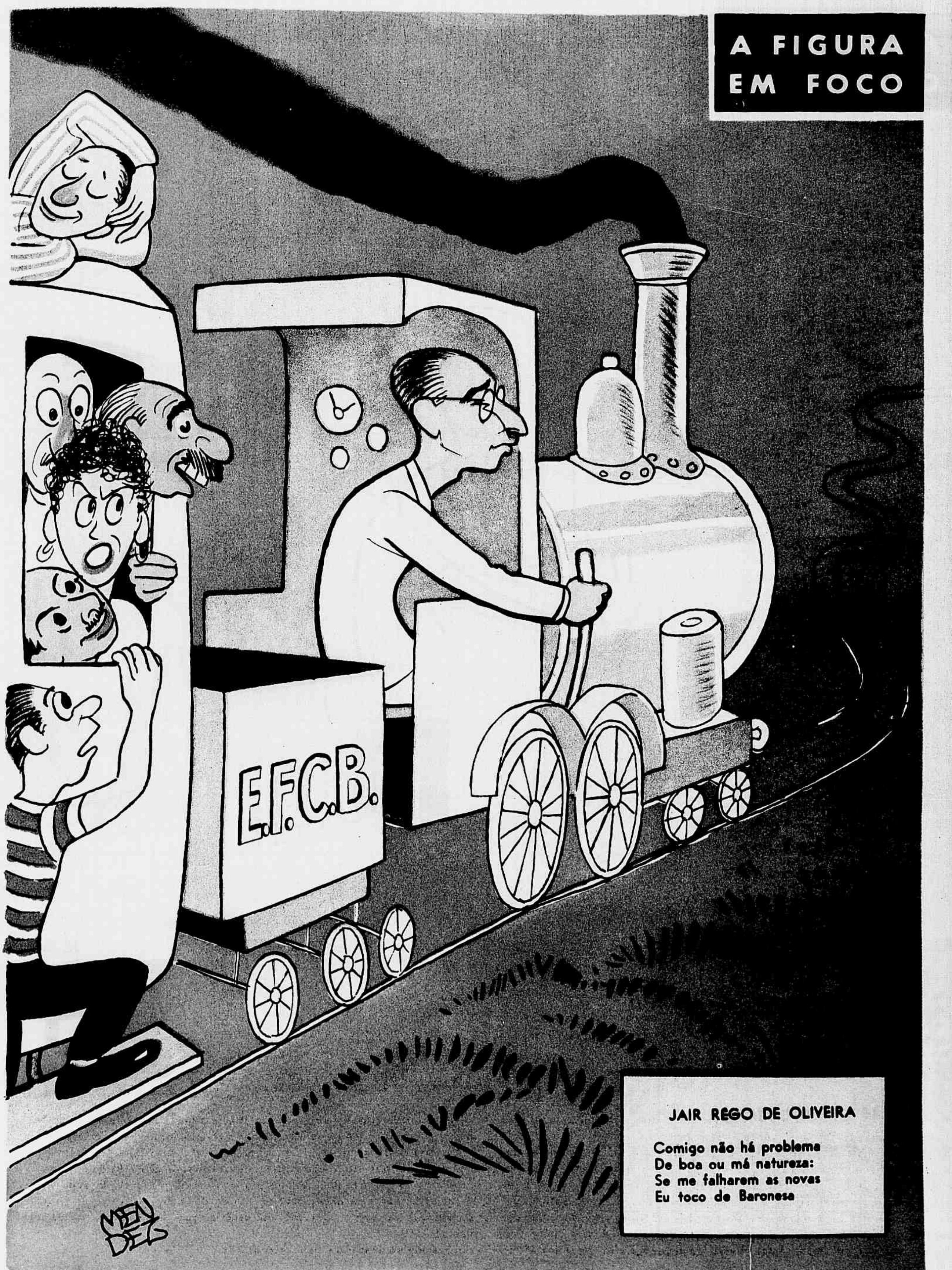
LOTT E A ESPADA DE OURO

◆ Pelegos, comunistas, e aproveitadores de toda espécie reuniram-se na última segunda-feira para presentear o general Lott com uma espada de ouro. O ilustre militar que a 11 de novembro de 1955 salvou o regime, e provavelmente terá evitado a guerra civil, mudou subitamente de rumo, entregou-se e deixou-se homenagear pela escória da vida pública brasileira. Pelegos processados por desvio de dinheiro, ladrões condenados, aventureiros sem rumo e sem passado, reuniram-se num palanque improvisado, e confraternizaram com alguns homens dignos, provavelmente ingênuos ou displiscentes. Nessa comemoração do primeiro 11 de

novembro, Lott ganhou uma espada mas perdeu o respeito e a admiração que a nação lhe tributava. Esperemos que ainda não esteja totalmente dominado pela idéia louca de misturar exército com ladrões e comunistas, e que não seja tarde para retomar o seu verdadeiro caminho. Atrás do general pode ser visto o sr. Amando Fonseca, fazendo cara de mau. A presença desse conhecido guarda costa, expulso da polícia há tempos, dá bem a medida de escória que homenageou o ilustre general Lott.

O Presidente Juscelino não compareceu.

A FIGURA
EM FOCO



JAIR RÉGO DE OLIVEIRA

Comigo não há problema
De boa ou má natureza:
Se me falharem as novas
Eu toco de Baronesa



nos centros elegantes do Brasil...

No Cotillon Club, de Pôrto Alegre, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem — bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam — Hollywood é o cigarro preferido!

hollywood

uma tradição de bom gosto

